



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE – ProEF

ESTRATÉGIAS PARTICIPATIVAS CONSTRUÍDAS ENTRE
ESTUDANTES E PROFESSORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cristina Gil de Carvalho Baio

SÃO CARLOS - SP

2023



Cristina Gil de Carvalho Baio

**ESTRATÉGIAS PARTICIPATIVAS CONSTRUÍDAS ENTRE
ESTUDANTES E PROFESSORA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Linha de Pesquisa: Ensino Fundamental I

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

SÃO CARLOS - SP

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Cristina Gil de Carvalho Baio, realizada em 09/03/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCar)

Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.



Dedico este trabalho ao meu marido Tiago, meu alicerce nesta caminhada. As minhas futuras filhas, Aurora e Flora e a toda mulher e homem preto desse país, que desafiam as estatísticas, o racismo estrutural e lutam para vencer e crescer através da educação.



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Tiago, meu marido amado, por todo apoio, encorajamento, paciência e incentivo recebido em todos os momentos, meu alicerce.

Em especial agradeço meu orientador professor Dr. Glauco Nunes Souto Ramos, por toda paciência, empenho e ajuda.

Aos professores Dra. Lílian Aparecida Ferreira e Dr. Osmar Moreira Souza Júnior que aceitaram compor a banca examinadora e contribuir com esta pesquisa.

A minha querida escola, onde foi possível que ocorresse a aplicação desta pesquisa.

Aos meus queridos alunos que participaram desta pesquisa.

Aos alunos e colegas da segunda turma do ProEF, enfim conseguimos!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

RESUMO

Por conta da pandemia e do isolamento social que passamos, houve a potencialização de uma nova realidade mundial, uma vez que a população ficou restrita às suas casas e, em muitos casos, as práticas corporais sistematizadas foram deixadas de lado. Dentro do contexto escolar em que trabalho, pude observar tal situação, pois a maioria dos alunos tinha as aulas de Educação Física escolar como o único momento no qual realizavam práticas corporais orientadas. Diante deste cenário de retorno às aulas presenciais, temos como objetivo analisar as implicações de um processo de ensino para a construção de conhecimentos relativos à experimentação de práticas corporais por meio de estratégias participativas nas aulas de Educação Física. O projeto se deu assentado em uma abordagem de pesquisa qualitativa, caracterizada pela pesquisa-ação, na qual a professora-pesquisadora, planejou e ministrou as ações pedagógicas. O trabalho foi realizado durante um bimestre letivo, envolvendo 26 alunos de uma turma do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola municipal situada no interior paulista. Os dados foram coletados através de diários de aula elaborados pela professora-pesquisadora, rodas de conversa e questionário misto com perguntas abertas e fechadas aplicado aos estudantes. Após a coleta, os dados foram analisados qualitativamente através do estabelecimento de duas categorias, a saber: 1 - *A construção dos conhecimentos por parte dos alunos a partir do processo participativo*, a qual nos permitiu analisar o processo de construção dos conhecimentos dos alunos, dentro do contexto das aulas de Educação Física diante do conteúdo apresentado; e, 2 - *Possibilidades e desafios na aplicação da proposta do planejamento participativo*, na qual buscamos promover meios de reconhecimento dos problemas, exaltação das conquistas e em cima disso analisar e refletir soluções viáveis, para que não fiquemos apenas nas denúncias e possamos fazer anúncios. Assim concluímos, de um modo geral, que a dinâmica do planejamento desenvolvido através de estratégias participativas tratou de uma realidade concreta, possibilitando as responsabilidades dos alunos e alunas no processo de ensinar e aprender e a valorização de seus saberes, rompendo com a lógica tradicionalmente estabelecida ao ensino escolar, ou seja, vendo os alunos como aqueles que aprendem e os professores os que ensinam.

Palavras-chave: Educação física escolar; planejamento participativo; experimentação; vivências de práticas corporais.

ABSTRACT

On behalf of pandemic and social isolation we have been through, there was a potentiation of a new global reality, since the population was restricted to their homes and, in many cases, the systematized body practices were left out. Within the school context where I work, I could observe such situation, because most of the students took the Physical Education class as the only time in which they could perform oriented body practices. Towards that scenario of returning to the presential classes, the objective of the study is analyse the implications of a teaching process to the construtction of knowledge related to the experimentation of body practices through integrated strategies in Physical Education classes. The project is based on a qualitative research approach, characterized by research-action, in wich the professor-researcher, planned and taught the pedagogical activities. The sudy was performed during one school year, involving 26 students from a 4^o grade class of the elementary school, from a municipal school located inner-state São Paulo. The data were collected through class diaries developed by the professor-researcher, rounds of conversation and a mixed questionnaire with open and closed questions applied to the students. After collection, the data were qualitatively analyzed through the establishment of two categories, namely: 1 – *The construction of students' knowlodge from the participatory process*, wich allowed us to analyse the construction process of the students' knowledge, within the context of the Physical Education classes in the face of the content provided; and, 2 – *Possibilities and challenges in the implementation of the participatory planning proposal*, in wich we seek to promote means of recognition of the problems, the exaltation of achievements and over this analyse and reflect on possible solutions, so as not to be only on complaints and we can make announcements. Thus we conclude, in general, the dynamics of the developd planning through participative strategies were very real allowing the corresponsibility of the students in teaching and learning process and the valuation of their knowledge, breaking the traditionally logic established to the school education, in other words, viewing the students as the ones who learn and the professors the ones who teach.

Keywords: Physical education school; participative planning, experimete; body practices experiences.



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ensino orientado no professor e no aluno.	31
Quadro 2 - Ensino orientado nas metas definidas e na problematização.	32
Quadro 3 - Tempo livre na perspectiva dos professores e tempo livre na perspectiva dos alunos.	34
Quadro 4 - Unidades temáticas e objetos de conhecimento.	46
Quadro 5 - Unidade didática construída.	47
Quadro 6 - Critérios de agrupamentos.	50
Quadro 7 - Características das Lutas.	57
Quadro 8 - Campos do aplicativo.	75

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Nuvem de ideias.....	49
Imagem 2 - Início confecção cartaz.....	51
Imagem 3 - Demonstrações dos movimentos.....	51
Imagem 4 – Realizações jogo dos agrupamentos.....	52
Imagem 5 - Segunda parte da confecção cartaz.	53
Imagem 6 - Cartaz finalizado exposto na escola.	53
Imagem 7 - Desenvolvimento da atividade.	54
Imagem 8 - Folha atividade realizada pelos alunos.....	55
Imagem 9 - Experimentação e prática da recriação do quarteto opositor.	59
Imagem 10 - Resultado escolha da Aula Livre.	60
Imagem 11 - Apresentação da roda de capoeira.....	61
Imagem 12 - Resultado escolha da dança para apresentação na festa junina.....	62
Imagem 13 - Apresentação na festa junina.....	63
Imagem 14 - Questão 6 / questionário 1 - Avaliação Diagnóstica.	66
Imagem 15 - Questão 12 / questionário 1 - Avaliação Diagnóstica.	66
Imagem 16 - Jogo dos agrupamentos / execução do golpe da Capoeira au.	70
Imagem 17 - Aluna executando o golpe da Capoeira au.....	71
Imagem 18 - Slogan do aplicativo Planeja Livre.	73
Imagem 19 - Interface do aplicativo Planeja Livre.	74
Imagem 20 - Ranking atividades escolhidas mês de outubro/2022.....	77
Imagem 21 - Ranking atividades escolhidas mês de novembro/2022.....	78
Imagem 22 - Desenvolvimento de conversas no chat do aplicativo.....	79
Imagem 23 - Interface site do aplicativo Planeja Livre.....	80



LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DC – Dimensões do Conhecimento

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PP – Planejamento Participativo

PROEF – Programa de Mestrado Profissional em Rede em Educação Física

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	18
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA POUCA VALORIZAÇÃO COMO COMPONENTE CURRICULAR.....	18
2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E A EXPERIMENTAÇÃO COMO DIMENSÃO DE CONHECIMENTO	22
2.3 PLANEJAMENTO E ESTRATÉGIAS PARTICIPATIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	25
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	40
3.1 A ESCOLA	42
3.2 ANÁLISE DE DADOS	43
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	45
4.1 A CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS POR PARTE DOS ALUNOS A PARTIR DO PROCESSO PARTICIPATIVO	46
4.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO.....	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICES	89
Apêndice A: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	89
Apêndice B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	91
Apêndice C: QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO 1.....	93
Apêndice D: QUESTIONÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO.....	95
Apêndice E: DIÁRIOS DE AULA	97
ANEXOS	160
Anexo A: CARTA DE ACEITE DA ESCOLA.....	160
Anexo B: APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA	161

1 INTRODUÇÃO

Desde as minhas primeiras memórias tenho a forte lembrança de que sempre quis ser professora de Educação Física, por gostar muito deste componente curricular na época escolar e só ter tido professores¹ nos quais não pude me inspirar muito. A escolha de me tornar professora de Educação Física seria para tentar fazer algo diferente daquilo que conhecia até então.

Minhas experiências corporais na adolescência também contribuíram com esse desejo, em especial o fato de ter praticado Capoeira por muitos anos, prática essa que tem uma íntima relação com minha história de vida e a forma como me relaciono com minha profissão, pois através deste repertório corporal que possuo carrego valores aos quais hoje transmito e me tornam capaz de proporcionar vivências muitas vezes distantes do contexto ao qual meus alunos estão inseridos.

No ano de 2004 ingressei na faculdade de Educação Física pelo Centro Universitário de Araraquara – Uniara, mas chegando ao final daquele ano vi que financeiramente não poderia continuar. Naquele mesmo ano o governo federal criou o Prouni e fui contemplada com uma bolsa integral. No início somente algumas instituições faziam parte do programa e então foi necessário me transferir para o Centro Universitário Moura Lacerda em Jaboticabal/SP. Devido à transferência me formei em julho de 2008 e, em 2009 passei no concurso municipal da minha cidade na qual trabalho até o presente momento. Durante esses 13 anos, em prol da progressão acadêmica na carreira e ampliação dos meus conhecimentos, fiz vários cursos de pós-graduação e outras duas graduações em Pedagogia e Artes, mas posso afirmar que na Educação Física escolar me encontro e me realizo profissionalmente.

Com isso almejo ao cursar o Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF), aprender e contribuir através de minha pesquisa e conhecimentos adquiridos com professores, que assim como eu estão inseridos em realidades difíceis, e lidam com problemas de grande complexidade, que vão desde a estrutura de trabalho até o nosso dia a dia em sala de aula.

Na cidade em que resido e trabalho, situada no interior paulista, o sistema de ensino não é totalmente municipalizado, então existem somente duas escolas que abrangem o Ensino

¹ O texto adotará ensaios de uma escrita por meio do gênero masculino universal. Reconhecendo e respeitando todas as outras identidades.

Fundamental anos iniciais e finais, sendo que uma é de ensino complementar² e os alunos ficam no contraturno escolar. A Educação Infantil do município não estabelece a exigência do professor de Educação Física especialista, por isso a rede municipal conta com poucos docentes desse componente curricular. Sendo assim minha jornada no magistério está circunscrita por essas duas opções, ocorrendo em duas escolas diferentes pelo fato de uma ser ensino complementar e a outra ensino regular, envolvendo realidades bem distintas.

Ingressei em 2009 na escola de ensino complementar, que está inserida em uma comunidade carente e não dispõe de recursos estruturais e materiais para as aulas de Educação Física. Dessa forma minhas aulas sempre foram adaptadas, sendo ministradas na praça em frente ao prédio da escola e, por seis anos, com enfrentamento das mais diversas adversidades.

Após seis anos, comecei a lecionar na escola de ensino regular que estou atualmente, mas quando nela cheguei encontrei um cenário atípico para uma estruturação de ensino regular. Devido à reforma do prédio da escola, por um período de cinco anos as aulas dos dezenove primeiros anos foram adaptadas em prédios de escolas de Educação Infantil e prédios alugados, e as aulas das dezesseis salas do 2º aos 9º anos foram divididas em dois prédios alugados. Mais uma vez, diante dessa situação, as aulas sempre foram adaptadas e em locais quase sempre inadequados.

Finalmente em 2020, a escola municipal situada no interior paulista foi inaugurada com salas do 2º aos 9º anos no prédio reformado, com quadra coberta e tudo o que é necessário para as aulas de Educação Física. Porém, usufruímos disso por apenas um mês, pois a pandemia chegou exigindo o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais.

Hoje, quando relembro minha atuação como docente, percebo que trabalho em uma rede municipal pequena, na maioria do tempo com poucos recursos e com poucos professores de Educação Física para que haja a troca de experiências. Dessa forma aprendi a me virar sempre com o pouco que tinha e fui aprendendo a ser professora trabalhando e me desenvolvendo com os alunos, realidade essa de muitos professores pelo Brasil afora. Com tal cenário, minha inquietação para a realização do presente trabalho está na tentativa de trazer mudanças que caminhem na direção de valorização e não de desvalorização da disciplina de Educação Física diante do currículo escolar, pois esta última acaba contribuindo com a precariedade em relação ao básico para que as aulas sejam desenvolvidas de forma a atender as demandas dos alunos e da própria área. Por mais resiliência e adaptabilidade que o

² Ensino Complementar é destinado às crianças matriculadas nos primeiros cinco anos do ensino fundamental da Rede Municipal de Educação, sendo organizado através de oficinas educacionais e ofertado no contraturno escolar.

professor tenha, o básico é necessário para que o processo de ensino e de aprendizagem aconteça de forma satisfatória. Através de minhas vivências tenho que me colocar à prova a todo momento para obter condições adequadas de ensino, situação essa que ficou muito mais evidente com a pandemia e isolamento social, momentos esses nunca vividos nas últimas gerações pós segunda metade do século XX.

No início do ano de 2020, que foi marcado pelo período de pandemia e isolamento social, houve a potencialização de uma nova realidade mundial, na qual a população ficou restrita às suas casas, e com isso as práticas corporais sistematizadas em sua maioria foram deixadas de lado.

Segundo Sanseverino *et al.* (2021) esse período poderia acarretar prejuízos na qualidade de vida da população, como evidências de aumento da inatividade física, nível de ansiedade, estresse, depressão, dentre outras formas de sofrimento psicológico.

Dentro do espaço em que trabalho pude observar tais prejuízos muito evidentes no período de aulas remotas, como situações de estresse agindo diretamente no comportamento dos alunos, podendo ser constatadas nas baixas devolutivas das atividades, pouca participação nas aulas e um visível ganho de peso em alguns deles.

Destaco que o ambiente escolar fornecia antes da pandemia toda uma estrutura e rotina aos alunos, desde as refeições, às práticas corporais e os horários, os três principais determinantes do estilo de vida que acarretam no risco de obesidade e complicações no âmbito da aptidão física e desenvolvimento cognitivo. Com o fechamento das escolas para as atividades presenciais, todas essas complicações se evidenciaram.

Para Silva *et al.* (2020), determinados comportamentos das crianças durante a pandemia de COVID-19 podem ocasionar prejuízos à saúde, por isso a escola se mostra como um ambiente social importante na proteção desses comportamentos.

Atualmente tudo mudou na rotina e dinâmica escolar, e com isso podemos ter a percepção de que a educação não será mais a mesma, incluindo as aulas de Educação Física.

De acordo com Oliveira *et al.* (2020), o retorno às aulas presenciais ocorrerá de um modo completamente distinto nos diversos estados e municípios, e é utopia pensar que o processo de ensino e de aprendizagem será retomado no ponto em que foi deixado quando as aulas foram interrompidas. Situação essa que merece destaque na Educação Física, por se tratar do único componente curricular que aborda em seu conteúdo a cultura corporal do movimento.

Para Oliveira *et al.* (2020), existem muitos questionamentos com relação ao retorno das aulas presenciais devido a toda desigualdade que o ensino remoto evidenciou e

proporcionou. Enquanto alguns alunos contam com internet, smartphone, computador e local silencioso para assistir às aulas, em contrapartida, outros não têm esse ambiente adequado e nem os equipamentos necessários para o ensino remoto. Portanto, para enfrentar os desafios que surgirão com a volta às aulas, é imprescindível ações para acolher esses alunos, visando o bem-estar físico, mental e acadêmico.

Quando comecei a lecionar na escola que trabalho há seis anos, existia a cultura do “rola bola” nas aulas de Educação Física, em que não havia a intervenção pedagógica esperada por parte do professor (González, 2020), e dessa forma os alunos só vivenciavam nas aulas as atividades que mais os atraíam como o futsal e a queimada. Para minimizar conflitos no primeiro momento, utilizei de combinados com os alunos para que eles participassem das atividades elaboradas com os conteúdos do currículo, sendo depois “contemplados” com uma “aula livre” ao mês.

Segundo Moura e Soares (2014), esse tipo de abordagem serve como “moeda de troca”; mas o que no início foi o único recurso encontrado para uma difícil situação, com o passar do tempo se tornou algo positivo e forte ferramenta no processo de ensino e de aprendizagem, pois no decorrer dessas “aulas livres” muitas vezes os alunos reproduziam as atividades propostas durante as “minhas aulas”, revelando a assimilação do conteúdo planejado e proporcionando um retorno sobre o trabalho realizado.

Segundo Zabala (1998), o conceito de conteúdo passa a ser referenciado como tudo quanto se tem que aprender, que não apenas abrangem as capacidades cognitivas, como incluem as demais capacidades. Propõe que estes sejam pensados em três dimensões, “o que se deve saber?” (dimensão conceitual), “como se deve ser?” (dimensão atitudinal), e “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental), com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais.

Nesse sentido, quando os alunos colocavam em prática nas “aulas livres” atividades vivenciadas durante minhas aulas, caracterizando as dimensões atitudinal e procedimental, era possível reconhecer que aquele conteúdo havia sido assimilado. E a partir de então, devemos contemplar o objetivo de fazer com que o aluno consiga refletir e pensar sobre essa prática, e o quanto determinadas atividades estão inseridas em seu cotidiano dentro ou fora do contexto escolar. (SILVA; MOREIRA; OLIVEIRA, 2021).

Com isso, o papel da Educação Física e do professor ultrapassa o foco exclusivo no gesto motor, uma vez que os conteúdos são os meios pelos quais os alunos analisam e abordam a realidade de forma que possa ser construída uma rede de significados em torno do que se aprende e vive durante as aulas. (DARIDO, 2015).

Nessa mesma linha de pensamento, a autora complementa:

Um ponto de destaque nessa nova significação atribuída à Educação Física é que a área ultrapassa a ideia única de estar voltada apenas para o ensino do gesto motor concreto. Muito mais que isso, cabe ao professor de Educação Física problematizar, interpretar, relacionar, compreender com seus alunos as amplas manifestações da cultura corporal de tal forma que os alunos compreendam os sentidos e significados impregnados nas práticas corporais. Assim, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual). (DARIDO, 2015, p. 16).

Através dos desafios propostos no ensino da Educação Física, Caparroz e Bracht (2007) afirmam que não devemos basear nossa prática pedagógica única e exclusivamente em certezas, em modelos ideais, em receitas universais, em verdades “absolutas”, que muitas vezes não se encaixam nos diversos contextos existentes dentro da educação brasileira.

Diante da premissa de que o aluno faz parte efetiva do processo de ensino e de aprendizagem e que o conhecimento não é focado apenas no professor, tendo este o papel de mediador, destaco que momentos de “acordos didáticos” como das “aulas livres” não se trata de um “deixar livre”, uma vez que possuindo planejamento e objetivos, tais aulas tornam-se uma possibilidade para formar o leme com o qual o educador direcionará a aula. (HIRAI; CARDOSO, 2006).

Relacionando esse cenário de ensino e de aprendizagem em que o aluno faz parte central do processo, a proposta de um planejamento participativo torna-se uma ferramenta de promoção de práticas pedagógicas inovadoras e renovadoras nas aulas de Educação Física.

A delimitação dessa afirmação nos aponta para o objetivo do presente estudo: analisar as implicações de um processo de ensino para a construção de conhecimentos relativos à experimentação de práticas corporais por meio de estratégias participativas nas aulas de Educação Física.

Descrevendo o planejamento participativo (PP), Farias *et al.* (2019) o considera como estratégia metodológica que possibilita a reflexão e o agir no espaço escolar, potencializando experiências educativas pautadas em princípios democráticos, já que todos participam da ação e do processo educativo efetivamente através das escolhas realizadas.

O PP quando inserido nas aulas de Educação Física torna-se uma metodologia de ensino que inclui o aluno no planejamento das aulas, escolhendo, organizando e

desenvolvendo os conteúdos e atividades, bem como avaliando todo o processo. O PP pode também contribuir com a ampliação do diálogo entre a Educação Física e o ambiente escolar como um todo, dentro e fora dos muros da escola, estimulando a participação ativa nas aulas, fomentando a cidadania e conseqüentemente colaborando com a transformação da visão que a sociedade possui do componente curricular Educação Física. (COLLIER, 2014).

2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Abordaremos a concepção de Educação Física Escolar dentro do seu percurso histórico, através dos documentos legais em seu processo de consolidação enquanto componente curricular obrigatório, e como a disciplina se situa no atual contexto pedagógico.

Em seguida trataremos da experimentação como dimensão do conhecimento, diante dos objetivos deste trabalho e seus saberes a partir da prática corporal. Analisaremos por fim, a concepção de planejamento participativo e como ele se configura no contexto escolar, considerando as possibilidades de aplicação como ferramenta no processo de ensino e de aprendizagem e os desafios desse planejamento junto aos alunos, bem como a apresentação de alguns trabalhos que relacionam o planejamento participativo e a Educação Física Escolar.

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA POUCA VALORIZAÇÃO COMO COMPONENTE CURRICULAR

Atualmente a Educação Física é um componente curricular obrigatório da Educação Básica. Muitas conquistas aconteceram desde a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1961, passando pela LDB de 1971, 1996, e finalmente a Lei nº 10.793/2003, que rege a atual condição da Educação Física. Ao longo dos anos o impacto de cada uma dessas leis sobre a identidade e finalidade da Educação Física foram se transformando de acordo com determinados interesses e momentos históricos. (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020).

Estes últimos autores enfatizam que o Decreto nº 69.450/1971 sinaliza para um caminho em busca da valorização, ao entender a Educação Física da seguinte forma:

[...] atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais cívicas, psíquicas e sociais do educando, constituindo um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional. (IMPOLCETTO E DARIDO, 2020, p. 16).

O Decreto também sinaliza para uma valorização discreta da Educação Física na escola, ao concluir que a expectativa é alcançar os objetivos da educação nacional, buscando supor nessa referência que a Educação Física Escolar tem sua importância na formação dos alunos deixada em segundo plano.

A partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei nº 9.394/1996 foi determinado que “A educação física integrada à proposta pedagógica da escola, é

componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativo nos cursos noturnos”. (BRASIL, 1996, Art. 26, §3º).

Diante desse novo cenário a Educação Física passou a ser vista com um novo olhar, pois passou de “atividade” a componente curricular, recebendo um status que a deixava em patamar de igualdade em relação aos demais componentes curriculares, ao menos em nível teórico.

Apesar das inúmeras lacunas na estruturação da redação do documento, esse foi um grande passo para a legitimidade da Educação Física enquanto prática pedagógica, no qual a escola poderia tomar decisões sobre a estruturação dos componentes perante o seu Projeto Político Pedagógico, fato que ao menos na teoria deveria aproximar a disciplina de Educação Física dos demais componentes curriculares no sentido de planejar a prática pedagógica.

A falta de clareza de muitos dentro do contexto escolar sobre o que a Educação Física ensina, nos leva à pouca valorização desse componente na escola. No dia a dia de nossas aulas não temos cadeiras e os alunos não ficam estáticos e em silêncio, englobando a questão do movimentar-se do ser humano, e que remete à cultura corporal do movimento. Esta cultura na concepção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não é igual ao objeto de conhecimento dos demais componentes, trazendo a diferenciação entre a Educação Física e os demais componentes curriculares. (BRASIL, 2018).

Todos os componentes curriculares foram organizados na BNCC de acordo com suas características, ficando o componente de Educação Física na área de Linguagem, área que tem por finalidade:

[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil. (BRASIL, 2018, p. 63).

A BNCC apresenta seu entendimento da Educação Física como sendo um componente curricular que:

[...] tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2018, p. 213).

Segundo Callai, Becker e Sawitzki (2019), os componentes dos campos de Linguagens estão organizados para valorizar o que se tem em comum entre as disciplinas, para que os conhecimentos não sejam percebidos de forma isolada e sem relação, visto que os saberes se complementam, mas há muitas dificuldades nessa compreensão. Dentre elas, estão os modelos de formação inicial, que encaixotam e não oportunizam reflexões voltadas às realidades enfrentadas no dia a dia escolar, juntando-se à precarização de espaços adequados, à formação continuada de professores e às condições para sua realização.

Com isso, a organização e o planejamento das aulas nos trazem diretamente um diferencial dos demais componentes quando não apenas refletimos sobre o objeto de estudo, mas agimos com ele; seria o conhecimento do saber sobre alguma coisa e a prática seria o conhecimento do saber fazer. (SILVA; MOREIRA; OLIVEIRA, 2021).

Conforme indicado por Barroso (2020, p.96):

Comparando com outros componentes curriculares, na geografia, por exemplo, verifica-se a dificuldade do professor de ensinar em sala de aula as condições climáticas do Sul do país para os alunos do Norte e Nordeste, pois os mesmos não terão a oportunidade de experimentar as variações da temperatura e da umidade ou o tipo de precipitação próprios da região. Já no caso da Educação Física, relacionando com as informações fornecidas pelo professor, o aluno poderá vivenciar corporalmente o conteúdo tratado e, ao deparar-se com a execução do movimento, terá condições não somente de ver ou ouvir, mas também de experimentar os temas em desenvolvimento, o que pode se apresentar como fator significativo durante o processo de aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular ressalta que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e possibilidades materiais. Essas práticas corporais estão organizadas na BNCC em seis unidades temáticas que devem ser trabalhadas com os estudantes ao longo do ensino fundamental. As unidades temáticas são: 1) Brincadeiras e Jogos; 2) Esportes; 3) Ginásticas; 4) Danças; 5) Lutas; 6) Práticas Corporais de Aventura. (BRASIL, 2018).

Para a organização das unidades temáticas, a BNCC leva em consideração a compreensão que o lúdico está presente em todas as práticas corporais, mesmo que esse não seja o objetivo da Educação Física na escola.

Entretanto, a associação da disciplina de Educação Física ao lúdico e à ludicidade nos traz, muitas vezes, o contraponto da invisibilidade do conhecimento disciplinar presente em muitos contextos, permitindo que determinadas condutas sejam aceitas como formas de ocupar o tempo das aulas, como deixar o aluno de castigo sem aulas de Educação Física, terminar alguma atividade anterior durante a aula ou até fazer alguma avaliação perdida

anteriormente. Situações essas que privam o aluno do direito que todos têm às aprendizagens dos conteúdos da disciplina de Educação Física e suas especificidades, por ser a única disciplina que trata da cultura corporal do movimento na escola.

Fernandes e Müller (2009) afirmam a evidência de práticas negativas e excludentes adotadas pela escola com o aspecto punitivo, em decorrência de indisciplina em outras áreas escolares. Desse modo, outros professores utilizam da retirada do prazer do aluno para obter determinado comportamento.

Nesse sentido, existem dois problemas evidenciados nessas práticas que acontecem simultaneamente: um que diz respeito ao direito do aluno às aprendizagens existentes nas aulas de Educação Física escolar e outro, à autonomia do professor de Educação Física sendo ignorada, sob a premissa que o aluno não participará da aula porque não cumpriu sua obrigação de aluno em outro componente curricular. (SILVA, 2017).

Segundo González (2020), na lógica da cultura escolar o “bom” professor de Educação Física é aquele que não falta ao trabalho, mantém a burocracia em dia, dá conta dos alunos contendo situações indesejáveis, não exige muito de seus superiores, sempre está à frente na organização dos eventos escolares, “geralmente nas festas juninas e semana das crianças”, independentemente do que está propondo e trabalhando em suas aulas. Tendo seu reconhecimento ligado a fatores extraclasses e não onde deveria ser o foco, que seriam as aprendizagens e saberes da disciplina de Educação Física.

Diante do currículo escolar é clara a existência de uma hierarquização dos saberes escolares, no qual a disciplina de Educação Física ocupa uma posição inferiorizada (González, 2020), tendo nesse desprestígio a dificuldade de conseguir condições de igualdade na participação do projeto educacional da escola e práticas pedagógicas de qualidade. Isso acaba contribuindo com a precariedade de material, infraestrutura, divisão de tempo destinado às aulas de Educação Física, dentre outras ações que deixam clara a situação de marginalidade no currículo.

No entanto, González (2020) cita que temos a responsabilidade de efetivar os direitos de aprendizagem no que se refere à Educação Física por milhões de alunos, tendo os pesquisadores da área e envolvidos no processo a responsabilidade de mobilizar e interferir, não apenas ocupando e compreendendo a situação estabelecida, como também interferindo nela. Criar possibilidades para que essas realidades sejam diferentes, pensar alternativas para que simplesmente não fiquemos apenas nas denúncias, passando também para os anúncios são alguns exemplos.

Mas para além do desprestígio, se olharmos para o início, a disciplina de Educação Física de anos atrás não é mais a mesma; por anos fomos considerados como algo deslocado do ambiente escolar e do processo de ensino e de aprendizagem, mas hoje fazemos parte dos documentos oficiais, livros didáticos e do “todo” educacional.

A Educação Física escolar vem se transformando ao longo dos tempos em uma área muito importante, buscando se consolidar enquanto componente curricular no ambiente escolar, passando a fazer parte das políticas públicas educacionais, seja pelos documentos oficiais ou pela busca constante de muitos profissionais de Educação Física, para que possamos alcançar sua legitimidade enquanto prática pedagógica.

Assim, é importante salientar que mesmo com o modesto início da disciplina de Educação Física, seu processo de construção enquanto componente curricular obrigatório atualmente faz parte do contexto pedagógico escolar. Com isso, suas concepções de ensino e a ampla gama de abordagens em relação à cultura corporal de movimento, a diferencia e a faz complementar junto com os demais componentes curriculares. Cumpre ser fundamental considerar o papel do professor e qual abordagem pedagógica ele adota para estruturar suas aulas em relação ao que os documentos norteadores, como a BNCC apresentam.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E A *EXPERIMENTAÇÃO* COMO DIMENSÃO DE CONHECIMENTO

O documento nacional da BNCC traz a organização dos conteúdos a partir de oito dimensões de conhecimento, as quais seguem a premissa de diferenciação/especificação da disciplina de Educação Física diante, sendo elas: Experimentação; Uso e Apropriação; Fruição; Reflexão Sobre a Ação; Construção de Valores; Análise; Compreensão; Protagonismo Comunitário.

A BNCC indica que não há uma ordem didática para o desenvolvimento do trabalho entre as dimensões. Cada uma delas possui diferentes abordagens e graus de complexidade para se tornarem relevantes e significativas, sendo importante que cada dimensão seja abordada de modo integrado com as outras, sem tratá-las de forma isolada ou sobreposta. (BRASIL, 2018).

Olhando para as oito dimensões apresentadas pela BNCC, suas abordagens, graus de relevância e integração entre elas, estamos dando relevo nessa pesquisa, na dimensão *EXPERIMENTAÇÃO*.

Destacamos pelos objetivos deste trabalho, a dimensão *EXPERIMENTAÇÃO*:

Experimentação: refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. Trata-se de uma possibilidade única de apreender as manifestações culturais tematizadas pela Educação Física e do estudante se perceber como sujeito “de carne e osso”. Faz parte dessa dimensão, além do imprescindível acesso a experiência, cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si. (BRASIL, 2018, p. 220).

Diante do exposto com a *EXPERIMENTAÇÃO*, podemos verificar que vivenciar uma prática corporal pode gerar conhecimentos próprios trazidos pela disciplina de Educação Física e, muitas vezes, deixados de lado no dia a dia escolar.

Com isso, González e Bracht (2012) nos trazem duas categorias ou subeixos a respeito dos saberes corporais, sendo a primeira categoria denominada “saber praticar”, referindo-se a um saber fazer que permita a participação proficiente e autônoma dos alunos em atividades esportivas em contextos fora do ambiente escolar; conhecimentos que habitam o aluno e oportunizam a experiência corporal ensinadas nas aulas de Educação Física.

A segunda categoria denominada “praticar para conhecer”, em relação à dimensão de *EXPERIMENTAÇÃO* nos apresenta:

O segundo subeixo relativo aos saberes corporais foi pensado com o propósito de evidenciar os conhecimentos sobre as diferentes modalidades esportivas que só são acessíveis pela via da experimentação, denominado praticar para conhecer. São conhecimentos de “carne e osso” que não podem ser assimilados sem passar pela vivência corporal, sem “senti-los na pele”. São da mesma natureza do “saber praticar”, mas deles se diferenciam em função do nível de proficiência almejado. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 66).

Sob a perspectiva que o componente curricular de Educação Física trata em seu conteúdo de manifestações da cultura corporal de movimento que vão além dos esportes, a dimensão de experimentação se faz presente e relevante. Por exemplo, a unidade temática Lutas, a qual o professor muitas vezes em aula levará o aluno a conhecer a prática, sem o nível de técnica e conhecimentos necessários que permitam praticar tal luta fora do contexto escolar. Vidotti (2020), em sua dissertação de mestrado intitulada “A Educação Física e as dimensões do conhecimento na BNCC: um estudo a partir dos planos de ensino dos professores de uma rede municipal de ensino”, apresentou, entre outros aspectos, como um dos objetivos construir um entendimento sobre as dimensões do conhecimento (DC) na BNCC, considerando-se que:

Na BNCC há pouca informação a respeito das DC, sendo apresentadas pelo documento com uma breve explicação sobre quais são os saberes que compõem cada uma das dimensões. Não há nenhuma explicação sobre o que são e quais os referenciais utilizados pelos autores para definição e descrição das dimensões. (VIDOTTI, 2020, p. 45).

Diante de tal situação, Vidotti (2020) procura um dos autores da BNCC da Educação Física para tentar melhor compreensão de cada uma das dimensões do conhecimento. No que se refere à *EXPERIMENTAÇÃO* em particular, o autor destaca que vivenciar uma prática corporal pode gerar conhecimentos próprios, e os autores, talvez por falta de clareza ou falta de recursos linguísticos para definir os saberes estudados, optaram em utilizar essas ações como recurso para marcar a expectativa em relação a essa dimensão do conhecimento.

Ainda segundo esse último autor, isso se reflete sobre as expectativas de aprendizagem abordadas com uma interpretação acerca do que foi descrito nos documentos, uma vez que a *EXPERIMENTAÇÃO* na BNCC aborda saberes que são viáveis somente a partir da prática corporal, salientando:

Ao analisar esse conceito, tivemos dificuldade em entender qual a intenção dos autores. Em momento algum no documento são descritos com clareza os conhecimentos ou habilidades que compõem essa dimensão. Mencionar sobre “apreender as manifestações culturais tematizadas pela Educação Física” (BRASIL, 2017, p. 220) parece-nos tão amplo que dificilmente conseguirá orientar algum docente. E que se trata de uma possibilidade de o “estudante se perceber como sujeito ‘de carne e osso’” (BRASIL, 2017, p. 220), não nos diz absolutamente nada. (VIDOTTI, 2020, p. 98).

Em outro momento, o autor traz o ponto de vista dos professores pesquisados em relação ao entendimento sobre esta dimensão do conhecimento, tratando-se para eles de conhecimentos rasos, nos quais o aluno não se tornará autônomo naquela manifestação; percebendo-se que experimentar é um processo que ocorre com práticas corporais pouco acessíveis, sendo pouco provável o aluno se deparar com aquele jogo, dança, esporte, luta, ginástica ou prática corporal de aventura em outro momento da vida. Assim, sendo menor o tempo para alcançar esses saberes, torna-se possível ampliar a quantidade de temas apresentados durante o ano, pois têm-se um amplo objeto de estudo e uma pequena quantidade de aulas diante do currículo. (VIDOTTI, 2020).

Quando olhamos para essa dimensão, precisamos observar o tempo e o amplo conjunto de conhecimento presente no currículo da Educação Física como um dos desafios colocados pela disciplina. A relação entre o tempo necessário para ensinar todos os saberes

que fazem parte da Educação Física e o tempo disponível da disciplina na escola, nos apresenta que o quando ensinar também é condicionado pelo tempo atribuído a cada um dos temas nos diferentes anos escolares. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Diante da problemática tempo em relação ao que ensinar e quando ensinar, o papel do professor é de fundamental importância, pois é através dele que o aluno entrará em contato com os diversos conhecimentos acerca da Educação Física dentro do contexto escolar.

Em sua dissertação, Vidotti (2020) analisa as sequências didáticas dos professores e apresenta a *EXPERIMENTAÇÃO* em 10% do total de objetivos identificados, considerando a porcentagem mais apropriada para a *EXPERIMENTAÇÃO* se comparado com a BNCC. O autor complementa que apesar da *EXPERIMENTAÇÃO* ter uma justificativa plausível de ser incluída na BNCC, é preciso ter cuidado em sua abordagem para evitar tratar de maneira rasa temas que precisam de maior relevo no processo de ensino e de aprendizagem.

Dessa maneira, acreditamos ser importante enquanto professores de Educação Física reforçarmos o conhecer corporal dos alunos, tratando com cuidado temas que dentro de um determinado contexto necessitam de maior relevo do que em outros, contemplando o maior número de significação possível. Com isso, poderemos contribuir para um processo de ensino e de aprendizagem em um ambiente caracterizado pela participação, sentido e significado aos alunos, podendo adotar como instrumento desse processo o planejamento participativo aplicado através de estratégias participativas, considerando, de acordo com Gandin (2013a, p. 104), que “este tem como finalidade permitir a construção conjunta de um fazer e de um pensar”.

2.3 PLANEJAMENTO E ESTRATÉGIAS PARTICIPATIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Qualquer ação, por mais simples que seja, requer algum tipo de planejamento para que se tenha o mínimo de organização em sua realização. Ao sair de casa para ir ao trabalho, por exemplo, planejamos a melhor rota para chegar, quais compromissos deverão ser cumpridos naquele dia e os recursos que deveremos dispor para que tenhamos sucesso nas atividades propostas.

Assim podemos dizer que o planejamento está envolvido no cotidiano do ser humano em todas as suas atividades diárias. Corroborando com essa afirmativa Gandin (2013a, p.1) diz que “o ser humano, para alcançar um determinado resultado, encadeia suas ações e, em consequência, constitui um processo para atingir aquele resultado”.

O planejamento, segundo Dalmás (2014), relaciona-se com a vida diária do homem, e portanto, de uma forma ou de outra, de maneira empírica ou científica, o homem planeja. No dia a dia enfrentamos situações que exigem planejamento, mas nem sempre formalizado; no momento que a realidade se torna mais complexa, somos levados a sistematização de ideias e ações para melhor compreendê-la e transformá-la.

Partindo da importância do planejamento no nosso cotidiano, projetamos essa relevância ao ambiente escolar pois acreditamos ser uma possibilidade pedagógica que possa instigar novos olhares e ações dos profissionais inseridos no contexto da educação escolar.

No ambiente burocrático escolar, na figura de coordenação pedagógica, é comum a preocupação com organização e planejamento prévio das ações didáticas dos professores. Ações essas que muitas vezes são apenas para cumprir obrigações burocráticas que estão completamente descontextualizadas da real necessidade do planejamento efetivo.

Nesse sentido, quando olhamos diretamente ao planejamento do professor, acreditamos ser necessário uma reflexão sobre os planejamentos burocráticos entregues à coordenação e aqueles que realmente são postos em prática.

Conforme afirma Wiggins e McTighe (2019, p. 13):

Professores são planejadores. Uma ação essencial de nossa profissão é a elaboração do currículo e das experiências de aprendizagem para atingir os objetivos especificados. Também somos planejadores de avaliações para diagnosticar as necessidades dos alunos e orientar nosso ensino, possibilitando que nós, nossos alunos e outras pessoas (pais e administradores) sejamos capazes de determinar se conseguimos atingir nossos objetivos.

De acordo com Libâneo (2001), o planejamento é um processo contínuo de conhecimento e análise da realidade escolar, na busca de alternativas para soluções de problemas e tomada de decisões. Aspecto imprescindível na busca por tornar o ambiente escolar agradável para que os alunos se envolvam na busca pela aprendizagem.

Nessa busca por um ambiente mais agradável, não somos livres para ensinar qualquer conteúdo e de qualquer maneira. Pelo contrário, somos guiados por orientações curriculares nos âmbitos nacionais, estaduais e municipais ou institucionais, que especificam o que os alunos devem saber e ser capazes de fazer. (WIGGINS; MCTIGHE, 2019).

Com isso, o ambiente agradável e a busca pela aprendizagem poderá acontecer se os professores ao organizarem seus planejamentos, estiverem dispostos a seguir etapas e estruturas necessárias para que o planejamento não seja apenas burocrático e sim, que considere o envolvimento dos alunos no processo.

Seguindo a premissa de etapas e estruturas do planejamento, Gandin (2013a, p.22) afirma:

Para chegar à prática eficiente e eficaz, o planejamento baseia-se em quatro passos, que, em sequência coerente, trazem a lucidez do método científico: descobrir os problemas, e os desafios da realidade, sobretudo da global; construir um referencial com os temas sugeridos pelos desafios; avaliar a prática da entidade à luz daquele referencial; propor uma nova prática para dar conta, em parte pelo menos, dos desafios descobertos. (.

No entanto, os métodos e materiais que usamos são moldados à concepção dos resultados desejados, significando que precisamos ser capazes de indicar com clareza o que o aluno deve compreender e ser capaz de fazer. (WIGGINS; MCTIGHE, 2019).

Assim, acreditamos na necessidade de os professores estruturarem seus planejamentos voltando a atenção para cada passo apresentado e com a possibilidade de proporcionar o envolvimento e participação dos alunos neste processo. “O planejamento põe inteligência em nossa prática e facilita o trabalho porque, quando há um plano bem pensado, todos sabem o que fazer”. (GANDIN, 2013a, p. 21).

Nesse sentido, o planejamento participativo se configura como possibilidade concreta e viável na tentativa de envolvimento dos alunos em todo o processo de ensino e de aprendizagem, buscando motivá-los e envolvê-los nas práticas corporais apresentadas em aula. Tal dinâmica pode contribuir para minimizar que alguns conteúdos sejam rejeitados pelo simples fato do desconhecimento.

Para Gandin (2013a) o planejamento é de fato, um trabalho coletivo que reconhece as diferenças e busca pela igualdade. A ideia de participação não é mais um enfeite, mas uma necessidade, evidenciando todos os benefícios do diálogo coletivo para solucionar os problemas identificados.

O fato de os professores trabalharem em favor de que decisões sejam tomadas coletivamente, pode se tornar fator determinante no envolvimento efetivo dos alunos nas aulas, pois essa ação aparentemente simples ressalta a importância dos alunos em todo o processo de ensino e de aprendizagem, aguçando o protagonismo deles, desenvolvimento da autonomia e o exercício da cidadania.

Conforme afirma Dalmás (2014), a tradição educativa se firmou em uma estrutura verticalista e redimensioná-la para a dimensão horizontal é uma das dificuldades e, ao mesmo tempo, pressuposto para o planejamento participativo. Estamos acostumados a ver o aluno como um receptor de informações, na medida em que é o professor de forma vertical que transmite o conteúdo ao aluno. A premissa horizontal proposta pelo planejamento

participativo torna-se desafiadora, pois o professor necessita sair de uma zona de conforto para uma nova realidade na qual a reflexão, as discussões coletivas passam a fazer parte de sua ação. Nesse processo, professor/aluno constroem valores, criticidade e transformam a própria realidade, havendo uma transição do indivíduo aluno passivo para o cidadão participativo.

Diante da construção do conhecimento em conjunto Gandin (2001, p. 89) nos traz que:

A construção em conjunto acontece quando o poder está com as pessoas independentemente dessas diferenças menores e fundamentado na igualdade real entre elas. Aí se pode construir um processo de planejamento em que todos, com o seu saber próprio, com sua consciência, com sua adesão específica, organizam seus problemas, suas ideias, seus ideais, seu conhecimento da realidade, suas propostas e suas ações. Todos crescem juntos, transformam a realidade, criam o novo, em proveito de todos e com o trabalho coordenado.

Assim, a real construção do conhecimento diante da dinâmica do planejamento participativo acontece quando os professores permitem horizontalmente que os alunos participem de todos os momentos do processo de organização do conteúdo a ser abordado, incluindo seus ajustes e redimensionamentos quando necessários, e não apenas em algumas escolhas isoladas.

Esses momentos segundo Gandin (2001) são: marco referencial, diagnóstico e programação. Para o autor há no planejamento participativo um conjunto de técnicas e instrumentos para que se chegue ao pensamento coletivo, evitando a polarização e formação de grupos.

O marco referencial divide-se em três partes, sendo a primeira compreender a realidade global na qual se insere, caracterizando o marco situacional; a segunda denominada marco doutrinal representa a realidade desejada e a terceira sendo o marco operativo, onde o grupo reflete os posicionamentos que acreditam serem necessários para alcançar os objetivos. O diagnóstico é a intermediação entre o ideal e a proposta na prática, as necessidades de onde estamos e onde queremos chegar. A programação é o momento da nova prática, para transformar a realidade onde se propõe as ações. (GANDIN, 2001).

No processo pensado para o planejamento participativo, “o participante é estimulado a colocar-se em sua integridade no processo: a cada um se pede que pense, mas também, que ame, que sinta, que deseje, que seja.” (GANDIN, 2013a, p. 36).

Com isso, o envolvimento dos alunos durante o processo de ensino e de aprendizagem está ligado ao de construção e planejamento das aulas; tendo como fator determinante a

motivação dos alunos, pois se em determinados momentos não houver a participação dos alunos no processo, a construção coletiva deixa de existir.

A partir dessa possibilidade, entendemos por Estratégias Participativas as ações que buscam uma proposta de renovação da Educação Física, propondo a superação da Educação Física tradicional, introduzindo nas escolas um ensino que possibilite aos alunos uma apropriação crítica do acervo da cultura corporal do movimento.

O ensino da Educação Física na sua história recente esteve voltado, em grande parte, para modelos de práticas pedagógicas que priorizavam as destrezas esportivas, visando a introdução dos alunos nas práticas do esporte, normalmente voltado ao alto rendimento.

Silva e Bracht (2012, p. 80), nos trazem que:

Esta perspectiva foi adotada a partir do incentivo das políticas públicas para o setor (poder público, principalmente, o governo federal), que baseavam-se na ideia de que sua missão principal seria a de trabalhar para que as equipes esportivas, representantes da nação, obtivessem êxito nas competições internacionais – a conhecida ideia da pirâmide esportiva. Dessa forma, nas décadas de 1960, 70 e 80 e grande parte da de 1990, cristalizou-se nas escolas brasileiras uma determinada prática pedagógica em Educação Física, configurando-se uma certa tradição, razão pela qual a denominamos aqui de Educação Física tradicional.

Dessa forma, é possível adentrar sem muitas dificuldades no momento em que as escolas se encontram atualmente, no qual o poder está concentrado em ideias distintas do que a sociedade vive. Tornando perceptível a dificuldade de muitas escolas guiarem suas propostas pedagógicas, algumas por não quererem e outras por realmente não conseguirem aderir a um pensamento de diálogo com as comunidades, famílias, ciclos afetivos, procurando compreender a diversidade cultural, histórica, ética e social que compõe a sociedade brasileira, visto que não é um trajeto fácil, porém, extremamente necessário. (FREIRE; MEDEIROS, 2016).

Baseados nas propostas de renovação da Educação Física, algumas foram desenvolvidas e colocadas à disposição para debate da comunidade da Educação Física brasileira (HILDEBRAND; LAGING, 1986; KUNZ, 1991). Mesmo com dificuldades dessas propostas chegarem massiva e efetivamente às escolas brasileiras e serem incorporadas ao cotidiano escolar, muitos professores de Educação Física as utilizam com tentativas de interpretar e realizar tais propostas. No entanto, com experiências dispersas e pouco sistematizadas, de maneira que o potencial de disseminação e de estímulo para novas experiências não se realizem efetivamente. (SILVA; BRACHT, 2012).

Hildebrandt e Laging (1986) em seu livro denominado “Concepções abertas de ensino da Educação Física”, apresentam diversas possibilidades de ensino nas aulas abertas, sobretudo convidando os alunos a estarem concomitantemente participando da construção do conteúdo a ser ministrado, sendo consideradas aulas abertas “quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão”. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986, p. 15).

Nesta proposta, a atuação ativa dos alunos na reflexão e planejamento juntamente com o professor às diversas situações de ensino durante a aula é a base de sustentação. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986).

Com isso, as “Aulas Abertas às Experiências” diferenciam-se das concepções de ensino fechadas por não procurarem corrigir as discrepâncias entre o planejamento, ou a ideia de objetivo do professor e a realidade existente, pela utilização de medidas destinadas a trazer novamente o aluno para o que estava planejado. Assim, quando o planejamento do professor não coincide com as ideias, as experiências prévias ou interesses dos alunos, abre-se para o replanejamento da aula ao invés da insistência na imposição da intenção previamente definida. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986). Entendo que isso não é uma tarefa fácil para o professor de EF que está acostumado a fazer com que os alunos cumpram o que foi pré-determinado ou planejado por ele. Mas é um grande desafio e merece ser discutido e vivenciado.

Kunz (1991) corrobora com essa perspectiva quando lança em seu trabalho “Educação Física: ensino e mudanças”, algumas ideias na forma de ações práticas para um ensino problematizador na Educação Física, em que o esporte passa por uma transformação didático pedagógica para atender às possibilidades de realização bem-sucedida de todos os participantes do ensino, e não apenas uma minoria.

A problematização como uma possibilidade para o “conhecimento de si” deve ser promovida sempre que possível, de modo que permita segundo Kunz (2004, p.34):

[...] liberdade de agir a descobrir formas de movimento individualmente significativas; conhecer e interpretar o contexto objetivo em que se realizam as atividades, bem como a si próprio e os outros envolvidos nas atividades; participar nas decisões e soluções das atividades sugeridas e apresentada; por fim, desenvolver a capacidade de autonomia ou emancipação pelas atividades, aceitando sempre diferentes soluções para cada atividade sugerida.

Nesse contexto, Hildebrandt e Laging (1986) colocam-nos a importância de preparar para os alunos diversas possibilidades de vivenciar em uma aula o ensino da Educação Física,

capacitando-os a tratar os conteúdos esportivos nas mais diversas condições, dentro e fora da escola, “que estejam em condições de criar, no presente ou no futuro, sozinhos ou em conjunto, situações esportivas de modo crítico, determinadas autonomamente ou em conjunto”. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986, p. 7).

Considerando para o cumprimento desse objetivo uma tarefa coletiva e compartilhada, envolvendo professor e aluno, Hirai e Cardoso (2006) nos apresentam um quadro elaborado pelo Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM, com orientações sobre a concepção de aulas abertas na relação professor e aluno:

Quadro 1 - Ensino orientado no professor e no aluno.

NO PROFESSOR	NO ALUNO
<p>Nas aulas orientadas no professor, ele é o centro da configuração da aula, com um monopólio absoluto do planejamento e da decisão. Ele decide em definitivo o que se faz, como se faz e como se avalia.</p>	<p>Nas aulas orientadas no aluno, o professor abandona seu monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e de decisão. Nas aulas, os alunos podem apresentar suas imagens, ideias e interesses, com respeito ao movimento, jogos e esporte, para participar na decisão sobre o planejamento e realização da aula.</p>

Fonte: Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe/UFSM (citado por HIRAI; CARDOSO, 2006, p. 122).

Na parte do ensino orientado no professor, as ações estão centradas nele com o monopólio do planejamento e decisões. No ensino orientado no aluno, o professor não mais assume o papel de centro das decisões, ou seja, a orientação é para que se permita ao aluno participar na decisão sobre o planejamento e realização da aula, criando um espaço de co-determinação, que se trata da aprendizagem da capacidade de decisão, onde os alunos são conduzidos por situações problemas que possam ser dominados por eles, provocando o entendimento do que é coerente ou não para aquela prática. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986).

Segundo Hirai e Cardoso (2006, p.123), esse poder de decisão a ser proporcionado ao aluno, por sua vez nos remete a um outro elemento, a consciência e sua função de decidir:

Assim, se, em função de nossa consciência, não somos determinados e se a mesma possui o poder de tirar proveito da matéria, torna-se clara a importância da presença desta em um ensino de caráter transformador. Pensar uma educação que vise a transposição dos condicionamentos sociais e culturais, e que não caminhe em direção à ação consciente dos alunos, surge como uma tarefa inviável.

Sobre uma das faces que melhor representam as aulas abertas, Hirai e Cardoso (2006) salientam como aulas em que professores e alunos estão abertos às várias possibilidades de soluções aos problemas, não limitando-se a apenas um dos possíveis percursos previamente traçado pelo professor. O quadro 2 apresenta um ensino orientado nas metas definidas e na problematização.

Quadro 2 - Ensino orientado nas metas definidas e na problematização.

NAS METAS DEFINIDAS	NA PROBLEMATIZAÇÃO
<p>A aula orientada nas metas definidas é construída para conseguir objetivos de aprendizagem bem definidos, que são formulados como atitudes motoras que os alunos devem realizar. Por exemplo, quando o aluno deve acertar a bola de futebol no meio do peito de pé direito e, ao mesmo tempo, a perna de apoio deverá estar ao lado da bola. Fixará a articulação do pé e avançará meio corpo por sobre a bola. Para alcançar a meta, os caminhos da aprendizagem já são especificados e as formas de organização da aula, também. O professor só deverá realizá-la.</p> <p>No final da aula há uma avaliação de aprendizagem, na qual o sucesso da aula é julgado.</p>	<p>A aula orientada nos problemas tem origem numa situação problemática. Por exemplo, criar um jogo com uma situação apresentada pelos alunos na aula ou com um problema resultante da própria aula. O importante é que as soluções não são fixadas anteriormente. Os alunos devem criar, experimentar e avaliar conjuntamente e com a ajuda do professor as várias possibilidades de solução.</p>

Fonte: Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe/UFSM (citado por HIRAI; CARDOSO, 2006, p. 128).

Ao observar o Quadro 2 notamos no campo do ensino orientado pelas metas definidas, que os caminhos já estão traçados e o professor apenas executa e avalia. Já no ensino orientado na problematização é dada ao aluno a tarefa de buscar as diversas possibilidades de movimento, sendo as problematizações o meio em que se dará a condução dos alunos à busca das soluções. (HIRAI; CARDOSO, 2006). Desse modo, quanto mais o aluno ganha destaque, maiores são as possibilidades e oportunidades de interação entre alunos/alunos e alunos/professores.

Quando tratamos do papel do professor no que tange às concepções metodológicas para o ensino da Educação Física na escola, emerge a íntima relação entre produção das práticas escolares e a cultura da escola, pois as condições postas pela cultura existente na escola influenciam de forma contundente a maneira como as pessoas que estão envolvidas no processo de ensino e de aprendizagem vão se comportar ao longo do ano letivo. (SILVA; BRACHT, 2012).

Em estudo realizado por Rocha e Daolio (2014), foram observadas 70 aulas de Educação Física, e os autores identificaram um fenômeno recorrente que acontecia ao fim de cada aula, intitulado pela professora pesquisada como “Momentos de Livre Escolha das Atividades”, que consistia na realização de atividades não necessariamente compreendidas nas orientações curriculares.

No entanto, a literatura nos traz uma diferenciação entre dois termos existentes na cultura da Educação Física escolar, a saber: o fenômeno da “aula livre” e o do “tempo livre”. O primeiro faz referência à prática do “rola bola” durante todo o tempo de aula, fazendo referência ao desinvestimento pedagógico da Educação Física escolar (SILVA; BRACHT, 2012). O segundo trata-se de dentro do total de tempo de duração da aula, destinar um “tempo livre” para os alunos, caracterizando-se como uma estratégia de gratificação ou sistema de recompensa que é garantido aos alunos caso aceitem participar da aula proposta pelo professor. (ROCHA; DAOLIO, 2014).

Segundo Rocha e Daolio (2014), um aspecto que influenciou a sistematização adotada pela professora pesquisadora foi o interesse demonstrado pelos alunos aos conteúdos tratados. Para ela alguns alunos se interessavam pelos conteúdos, mas boa parte se limitava a fazer apenas o que era pedido ou até se negava a fazer. Com isso, justificando a realização nos finais das aulas dos chamados “Momentos de Livre Escolha das Atividades”, no entendimento da professora em questão, nos momentos finais das aulas ela conseguia fazer com que aqueles alunos que não haviam apresentado uma participação ativa na primeira parte da aula, realizassem ao menos alguma atividade que gostassem, mesmo que esta não tivesse relação direta com os conteúdos tratados, aparecendo como alternativa para uma prática mais ativa.

Para Bourdieu (1983, citado por Lutz, Triani e Telles, 2021), todo campo de disputa por poder é o elemento que pode desencadear a tensão entre os agentes que buscam manter o *status quo* e os que tentam subvertê-lo. Desse modo, é possível fazer um paralelo que o agente que luta pela manutenção do *status quo* é o professor e o que busca subvertê-lo é o aluno, caracterizando-o como agente que tem em comum o mesmo objetivo de disputa, no caso o “tempo livre”.

Lutz, Triani e Telles (2021, p. 132) destacam que:

[...] as disputas dentro do campo escolar acontecem das mais variadas formas, nas mais diversas dimensões dentro da comunidade em que a escola está inserida. Em cada espaço dentro deste campo é possível perceber tensões que possuem suas próprias peculiaridades e idiosincrasias, ficando certo tipo de ações mais evidentes

para aqueles que estão diretamente envolvidos nessas relações. As disputas muitas vezes invisíveis mostram as tensões que acontecem diariamente em todas as escolas.

Em estudo desenvolvido por Lutz, Triani e Telles (2021), que objetivou discutir o fenômeno do “tempo livre” como estratégia de negociação utilizada por professores e alunos durante as aulas de Educação Física na escola, esse fenômeno foi analisado a partir da perspectiva de seus agentes (Quadro 3):

Quadro 3 - Tempo livre na perspectiva dos professores e tempo livre na perspectiva dos alunos.

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Tempo livre na perspectiva dos professores	O poder simbólico dos alunos (“pressão” dos alunos)	A relação de força
	Premiação – instrumento de controle	Cumprimento das atividades propostas Conduta adequada durante as aulas
	Redução do tempo de aula	Dificuldade de cumprir o planejamento
Tempo livre na perspectiva dos alunos	Prática de jogos e esportes	Futebol, queimada, voleibol, totó
	A busca de outras ocupações (sem relação com a educação física)	Conversar, utilizar o celular, estudar

Fonte: Lutz; Triani; Telles (2021, p. 135).

O tempo livre na perspectiva dos professores representa um instrumento de controle da conduta dos alunos durante as aulas, cuja premiação (fazer ou não uso do “tempo livre”) decorre da avaliação do professor sobre as ações dos alunos, bem como o cumprimento das atividades propostas pelo professor. Se não há o cumprimento das condutas necessárias ao desenvolvimento das aulas, o professor pode rejeitar a concessão do “tempo livre”. (LUTZ; TRIANI; TELLES, 2021).

Segundo os autores citados acima, na perspectiva dos alunos, percebe-se que a rejeição à prática da Educação Física e, muitas vezes, à algumas práticas corporais propostas, tornam-se fatores que potencializam o desejo pelo “tempo livre”, já que reduzem o tempo da aula e, conseqüentemente, a necessidade de realizar aquilo que não se deseja. Tendo por um lado a prática de jogos e esportes um fator motivador para alguns desejarem o “tempo livre”, para outros, a busca de outras ocupações que representam a não prática de atividade física parece ser essencial.

A literatura aponta que muitos professores, em diversas regiões do país, se utilizam deste subterfúgio para alcançar seus objetivos a curto, médio e longo prazo, surgindo das relações entre professores e alunos, por necessidade ou facilidade na busca pela ação

pedagógica; sendo seu uso indiscriminado regredido para a “aula livre”, que se caracteriza, nas palavras de Silva e Bracht (2012) como um desinvestimento pedagógico. Porém o próprio “tempo livre” descompromissado e não atrelado ao planejamento, em nada contribui para o alcance dos objetivos docentes. (LUTZ; TRIANI; TELLES, 2021).

A falta de recursos adequados para o ensino da Educação Física escolar, a desvalorização docente e demais fatores extraclasse contribuem para a desmotivação da carreira, e com isso, ações que desenvolvam facilidades no cotidiano da escola passam a ser uma possibilidade de sucesso na aplicação de estratégias pedagógicas bem-sucedidas. A proposta do “tempo livre” com o intuito de estimular e desenvolver a criatividade do aluno frente aos objetivos e conteúdo, pode ser um espaço de produção de conhecimento e aprendizado quando entrelaçado ao planejamento e conteúdo escolar.

Independente do termo utilizado pela literatura, essa estratégia pedagógica tem sido utilizada com sucesso no contexto escolar no qual trabalho, caracterizada pelo termo “aula livre” e diretamente associada à aprendizagem entrelaçada ao planejamento.

A escolha do termo “aula livre” é utilizada, pois não é cedido um tempo livre ao fim de cada aula e sim uma aula, quando acordos preestabelecidos são cumpridos. Desenvolvi com os alunos um combinado pedagógico, em que uma vez ao mês ou ao fim do conteúdo a ser apresentado, é cedida uma aula aos alunos onde eles podem escolher as atividades a serem realizadas. Destaco que apesar dessas aulas não possuírem conteúdos definidos por mim, eu sempre estou ali acompanhando e orientando. Tal estratégia pedagógica atualmente se apresenta com um propósito que me auxilia em muitos aspectos e desafios como: indisciplina, desinteresse nas aulas, diversos conflitos e a realização de conteúdos recém aprendidos nas aulas de Educação Física.

O termo “aula livre” não costuma ser visto com um olhar didático por ser associado ao descompromisso pedagógico. Ao desenvolver esse combinado pedagógico com os alunos, acredito ressignificar o termo “aula livre” dentro do contexto no qual trabalho. As aulas tornam-se livres no sentido de o aluno estar participando das decisões em relação aos objetivos e conteúdos firmados, possuindo esse tempo de livre escolha das atividades feitas por eles dentro de um combinado pedagógico preestabelecido, totalmente dissociado da referência da “aula livre” com a prática do “rola bola” e desinvestimento pedagógico como afirmam. (SILVA; BRACHT, 2012).

O trabalho dentro da perspectiva do planejamento participativo teve uma de suas primeiras experiências desenvolvidas por Correia (1996), no qual o autor implementou a participação de alunos do ensino médio nas decisões tomadas durante as aulas, apresentando o

planejamento participativo, utilizando o conceito de cultura corporal e seus temas. Com isso ele discutiu o papel da disciplina e sugeriu quatro temas, dentre os quais os alunos poderiam opinar e sugerir atividades dentro do tema em questão, para distribuí-los durante o ano letivo e, a partir desta premissa, buscar a autonomia dos alunos dentro de seu processo educativo.

Em outro estudo sobre o tema, Carneiro (2006) relata sua experiência com o planejamento participativo e a Educação Física junto a turmas do ensino médio noturno em uma escola pública do Rio de Janeiro (RJ), destacando que tal estratégia proporcionou também aos alunos da escola uma maior possibilidade de vivenciar a Educação Física na escola. O autor conclui, entre outras coisas, que a participação dos alunos é importante no processo pedagógico.

Souza e Freire (2008) utilizaram o planejamento participativo com o objetivo de verificar como os alunos do ensino médio se envolvem na sua construção e aplicação em uma escola particular de São Paulo (SP). Salientam que não houve a participação dos alunos na definição das estratégias a serem aplicadas, devido ao tempo reduzido de aplicação; e para que esse aumento acontecesse seria preciso a participação dos alunos em todos os momentos do processo de ensino e de aprendizagem, considerando a importância de novos estudos com um tempo maior de aplicação para que fosse possível a integração dos alunos na construção das aulas e instrumentos de avaliação.

A proposta pedagógica em conjunto com os alunos durante sete anos, indo do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio foi realizada em uma escola estadual em Niterói (RJ) por Collier (2014). Na experiência narrada, a docente priorizou a participação efetiva dos alunos na escolha e organização dos conteúdos dentro do planejamento das aulas, no desenvolvimento destes conteúdos e no processo de avaliação.

Após descrever como sistematizou o primeiro momento da sua proposta e as dificuldades que teve na busca do maior envolvimento e responsabilização dos alunos no processo de escolha, ela destaca ser necessária que toda e qualquer ruptura pedagógica seja feita paulatinamente. Depois das vivências e adaptações em todo o processo de construção de ensino e de aprendizagem, a professora conclui que a participação dos alunos nesse processo vem se configurando como uma maneira de modificar as relações de poder instituídas no contexto escolar. A partir do momento em que descentralizamos as decisões, antes focadas no professor, para uma relação de divisão horizontal entre professores e alunos, estamos colaborando com o rompimento de estruturas de subalternização impostas pelo sistema. Na medida que os alunos, antes agentes receptores, passam a uma participação ativa, são criadas realidades e possibilidades. (COLLIER, 2014).

O projeto de Nogueira (2016), desenvolvido em uma cooperativa educacional na cidade de Viçosa (MG) prezou por ideias democráticas. Por meio de assembleias os alunos decidiam em conjunto com a professora quais práticas corporais seriam sistematizadas, com o objetivo de relatar a construção do planejamento e a execução dos projetos pela cultura corporal de movimento. Na organização dos projetos os alunos pesquisaram acerca dos conteúdos da Educação Física, após essa fase um quadro de possíveis conteúdos foi montado na sala para colocação de sugestões, e posteriormente ocorreram a montagem e organização das vivências dos conteúdos escolhidos por eles dentro do contexto transdisciplinar da escola. Finalmente ocorreram as avaliações realizadas por professores e alunos que participaram do processo.

Sob a valorização dos princípios democráticos do planejamento e autonomia dos alunos em uma escola estadual de Santo André (SP) com alunos do quinto ano do ensino fundamental, Farias *et al.* (2019) organizaram uma experiência educativa que no início os alunos tinham grande resistência a entender, pois era diferente daquilo que já estavam acostumados. Os alunos nunca haviam tratado os conhecimentos do componente curricular de forma a discutir, interpretar e buscar se aprofundar sobre as tematizações.

O projeto foi estruturado em etapas, inicialmente foi solicitado dos alunos um caderno de registros, para anotar os conhecimentos que foram aprendidos durante as aulas de forma autoral, processo esse que no início foi difícil devido ao fato dos alunos não estarem familiarizados com esse tipo de autonomia. Dando sequência, foi pedido para os alunos realizarem uma pesquisa com os familiares sobre jogos que praticavam quando criança, fazendo-os interagir com seus familiares sobre os elementos de sua história de vida, salientando se era realizado predominantemente por meninas ou meninos e trazendo a questão do gênero como eixo central nas discussões. Pontuando uma das dificuldades na utilização do planejamento participativo, os autores observaram o fato de ser trabalhoso ouvir os alunos, fazê-los se sentirem produtores do conhecimento, tendo a aula muitas vezes um tom de desorganização, e concluíram que a persistência e esperança passam a fazer parte dessa nova realidade do professor. (FARIAS *et al.*, 2019).

Baptista (2020) a partir de uma experiência em uma escola municipal de Niterói (RJ), apresentou reflexões sobre as possibilidades de trabalhar com o planejamento participativo nas aulas de Educação Física em turmas de aceleração de terceiro ciclo do ensino fundamental. A professora Glória relatou que iniciou o ano letivo não mais com o planejamento pronto, mas sim buscando uma nova forma de olhar seus alunos e os conteúdos que seriam abordados no decorrer do ano.

Na estruturação das aulas, a professora começou solicitando uma redação na qual contivesse elementos do que os alunos faziam no dia a dia quando não estavam na escola, e o que esperavam das aulas de Educação Física. Na aula seguinte foram aplicadas as quatro brincadeiras mais citadas nas redações em forma de circuito. A partir disso a professora incluiu mais algumas brincadeiras e as dividiu por categorias, passando a utilizá-las como estratégia de ação. Dessa forma toda a estruturação das aulas passou a ser decidida em conjunto com os alunos e, atendendo a pedidos, ficou acertado um combinado pedagógico, em que se eles fizessem as atividades propostas em conjunto, teriam 15 minutos no final das aulas para realizar alguma atividade escolhida por eles. No final, a professora relatou que mesmo com todas as dificuldades que surgiram no decorrer do ano, os alunos puderam vivenciar uma nova forma de interagir com os colegas, professora e conteúdos aplicados. Salientando que nem todas as aulas saíram como o esperado, porém, como contraponto houve excelentes momentos de discussão, democracia e união de grupo. (BAPTISTA, 2020).

Ao apresentar uma cronologia de autores que implementaram o planejamento participativo do ensino fundamental ao médio, turmas de aceleração e projetos, fica caracterizado em suas produções contribuições reais no processo de ensino e de aprendizagem, legitimado por um processo democrático e colaborativo. Com isso Gandin (2013a, p. 104) nos traz, que “a grande ideia do planejamento participativo é construir, a partir dos pensamentos individuais, um pensamento coletivo”.

Levando em consideração que o objetivo da presente pesquisa nos traz como uma das premissas, a análise das implicações de um processo de ensino para a construção de conhecimentos relativos à experimentação de práticas corporais por meio de estratégias participativas nas aulas de Educação Física, sendo o planejamento participativo aplicado através de estratégias participativas, acrescento que a construção do processo de planejamento participativo foi inspirada na ideia de Gandin (2013b).

Saliento que o processo não foi totalmente participativo e sim uma margem, onde trabalhei através das possibilidades que me foram apresentadas durante o percurso, no qual o ambiente escolar se apresentou vivo e passível de modificações e ajustes para o êxito de todo o processo, pois o planejamento participativo de um modo geral expressa uma preocupação com a seleção e organização dos conteúdos a serem desenvolvidos em aula através de uma sistematização preestabelecida e apresentada por Gandin (2013b). Assim o processo foi pautado na construção junto aos alunos de estratégias participativas, através de diálogos diários para pensar em conjunto os sentidos de tais experiências, sempre procurando pensar dentro da realidade trabalhada e buscando um ensino participativo.

No próximo capítulo trataremos da trajetória metodológica desse estudo, apresentando as ações que foram desenvolvidas ao longo da pesquisa.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é de natureza qualitativa, que compreende desenvolver conhecimento ideográfico com a finalidade de buscar significados entre os objetos estudados. Centrando-se na descrição, interpretação e discussão das informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las diante do contexto apresentado. (NEGRINE, 1999).

Desta forma e coerentemente com o objetivo proposto, a pesquisa se deu por meio de uma pesquisa-ação da professora-pesquisadora visando planejar as ações pedagógicas, observar, analisar os registros e refletir sobre eles.

Para Franco (2005), pesquisa e ação devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática, sendo o eixo da caracterização da abordagem da pesquisa-ação, a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação. Priorizando no processo seus pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, “numa dinâmica pedagógica que deve produzir, nos sujeitos, envolvimento, participação, comprometimento e produção de saberes e produzir também conhecimentos novos a serem incorporados no campo científico”. (FRANCO, 2005, p. 497).

A pesquisa foi realizada com 26 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I, regularmente matriculados em uma escola municipal, localizada no interior do estado de São Paulo. Indicando a concordância em participar da pesquisa, os alunos e responsáveis assinaram, respectivamente, o Termo de Autorização Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice A) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B), sendo a pesquisa formalmente autorizada pela direção da escola (Anexo A). A escolha dessa turma foi feita devido à disponibilidade de salas no processo de atribuição de aulas, uma vez que existe uma lista de classificação de professores no início de todo ano letivo que é considerada para a utilização das salas.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados: a) diários de aula elaborados pela professora-pesquisadora e b) questionários aplicados aos estudantes participantes da pesquisa, sendo o questionário 1 – diagnóstico (Apêndice C) e o questionário 2 – autoavaliação (Apêndice D).

Um dos instrumentos de coleta de dados elencados para o percurso investigativo foram os Diários de Aula que, segundo Zabalza (2004) são definidos como documentos em que os professores anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas.

Existem duas variáveis básicas que os diários de aula apresentam: a riqueza informativa, na medida em que ele vai ser tanto mais rico quanto mais polivalente for a informação que se oferece nele, se tornando um importante documento pessoal; e a sistematicidade das observações recolhidas, que permitem fazer uma leitura diacrônica sobre os acontecimentos, tornando possível analisar a evolução dos fatos. (ZABALZA, 2004).

Durante o percurso da pesquisa foram descritos um total de onze diários de aula (Apêndice E), elaborados a partir da coleta dos dados através de gravações de áudio e vídeo, no qual foram utilizados equipamentos como um celular e um *smartwatch* para essa captação, sendo materiais de estímulos que visam colaborar com o detalhamento da coleta para posteriores transcrições. Após a captação os dados foram armazenados em arquivos digitais com organização cronológica de datas, especificando nomes fictícios dos alunos e as ações realizadas com as anotações detalhadas, utilizando um roteiro padrão para a organização que possibilitou um melhor entendimento das situações ocorridas durante as aulas.

Os questionários foram o instrumento de coleta de informações aplicados diretamente aos estudantes, sendo definido como uma lista de perguntas mediante a qual se obtém as informações necessárias de um sujeito ou grupo de sujeitos através de respostas escritas. (HAYMAN citado por NEGRINE, 1999, p.80).

Os questionários foram estruturados através de questões mistas, isto é, com perguntas abertas e fechadas elaboradas com a finalidade de averiguar a opinião dos estudantes, como eles se sentiram durante o período de isolamento social, se praticaram alguma atividade física, o que eles esperavam deste retorno gradual das aulas e finalmente, quais atividades eles sentiram mais falta no período longe da escola e as relacionadas às aulas de Educação Física Escolar.

Com isso, a escolha do questionário como instrumento de coleta de dados se deu pois possibilitou a obtenção de um significativo número de informações dos estudantes coletadas, em prol de revelar elementos que pudessem nos ajudar a compreender o objetivo do estudo. (NEGRINE, 1999).

Durante o desenvolvimento da pesquisa foram respeitados todos os protocolos de biossegurança referentes à prevenção de contaminação pelo coronavírus que leva ao desenvolvimento da COVID-19, estabelecidos pelo Ministério da Saúde e organizados pelo município envolvido na investigação.

Salientando que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos sob CAAE 53419621.6.0000.5504, parecer 5.279.172 (Anexo B).

3.1 A ESCOLA

A unidade escolar envolvida neste estudo foi uma escola municipal situada no interior paulista, com Ensino Fundamental nos anos iniciais e finais, localizada em um bairro residencial da cidade.

A escola foco deste estudo atende alunos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental em dois períodos, o período matutino das 7 horas às 11h30 min para os anos iniciais, e das 7 horas às 12h20min para os anos finais. O período vespertino corresponde das 12h30min às 17 horas para os anos iniciais, e 12h30min às 17h50min para os anos finais. Em cada período (matutino e vespertino) há nove turmas, sendo organizados da seguinte forma: matutino atendendo alunos do 1º ao 9º ano A, e o vespertino do 1º ao 9º ano B. O total perfaz 457 alunos regularmente matriculados, de acordo com dados coletados no mês de setembro do ano de 2022.

A equipe escolar é constituída por 38 profissionais sendo: núcleo de direção composto pelo diretor e dois professores coordenadores; núcleo técnico administrativo composto por um secretário de escola e dois agentes de organização escolar; núcleo operacional composto por três auxiliares de serviços gerais e uma merendeira; e o corpo docente composto de 28 profissionais.

A unidade escolar possui infraestrutura física satisfatória, com todo o prédio construído em área térrea e dispendo de salas de aula, quadra poliesportiva coberta, laboratório de informática, sala de vídeo, biblioteca, cozinha, almoxarifado, sala dos professores e equipe gestora, pátio, refeitório e espaços abertos.

O Projeto Político Pedagógico da escola está baseado nos princípios da Secretaria do Estado de São Paulo através do Currículo Paulista, a saber: o Currículo Paulista tem por objetivo melhorar a qualidade da Educação Básica no Estado de São Paulo através de orientações para a aprendizagem dos estudantes, os quais seguem as competências gerais discriminadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (SÃO PAULO, 2019).

Considerando os dados contidos no Projeto Político Pedagógico, a escola recebe alunos de diferentes bairros da cidade, sendo os alunos do seu entorno e os mais distantes com características rurais. Dentre os pais, alguns tem ocupações ligadas às atividades na lavoura, outros são profissionais liberais, e os demais atuam na atividade comercial e funcionalismo público.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados coletados durante a realização dessa pesquisa foi utilizado o recurso de organização de acordo com categorias gerais e específicas definidas por Gomes (2002). Segundo ele, as categorias estabelecem classificações, o que significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito que abranja tudo isso, podendo ser estabelecidas antes ou a partir da coleta de dados. Nesse projeto as categorias foram utilizadas a partir da coleta de dados.

Nesse sentido, Gomes (2002) aponta três princípios de classificação que estabelecem conjuntos de categorias: o primeiro deve ser estabelecido a partir de um único princípio de classificação; o segundo conjunto deve ser exaustivo, ou seja, permitir a inclusão de qualquer resposta numa das categorias do conjunto; e por último as categorias devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta só pode ser incluída em uma categoria.

Dessa forma, esperamos com a coleta dos dados e as análises reflexivas sobre os resultados, identificar contribuições que auxiliem na construção de um processo de ensino de Educação Física no qual as vivências de práticas corporais por meio do planejamento participativo estejam presentes.

Quanto à estrutura do processo de análise e interpretação dessa pesquisa, que se deu após a transcrição de todos os dados coletados através das rodas de conversa, diários de aula e questionários aplicados, manteve-se ancorada na análise de conteúdos abrangendo as seguintes fases: pré análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. (GOMES, 2002).

De acordo com esse último autor, na primeira fase organiza-se o material a ser analisado de acordo com os objetivos e questões de estudo, definindo unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. Nessa fase buscou-se compreender o interior das falas dos alunos, levando em conta suas singularidades e incluindo suas contradições para interpretar a partir da compreensão inicial dos dados coletados, as possibilidades projetadas por seus dizeres.

Na segunda fase seria o momento de aplicar-se o que foi definido na fase anterior. (GOMES, 2002). Com isso, aplicou-se o exercício de interpretação das coletas realizadas.

Já a terceira fase ocorre a partir de princípios de um tratamento qualitativo, no qual trabalhar com as categorias se dá pelo processo de ler e reler os dados coletados, procurando identificar, destacar, interligar assuntos, expressões e ideias com aproximação. (GOMES,

2002). Isso foi realizado através da utilização de cores nos fragmentos textuais que constavam nos dados transcritos.

Esse processo permitiu que fossem visualizados elementos recorrentes e particulares de dados, possibilitando, após as análises, o destaque de duas categorias, a saber:

1 – *A construção dos conhecimentos por parte dos alunos a partir do processo participativo e,*

2 – *Possibilidades e desafios na aplicação da proposta do planejamento participativo.*

No próximo capítulo exploraremos cada uma destas categorias.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O processo de construção da ação foi desenvolvido com o planejamento participativo, aplicado através de estratégias participativas e inspirado na ideia de Gandin (2013b), no qual o autor divide esse processo em três momentos: marco referencial, diagnóstico e programação.

Diante disso, o marco referencial caracterizou-se pela seguinte questão inicial: Como mobilizar os alunos para participar das aulas de Educação Física?

O diagnóstico caracterizou-se pelo questionário diagnóstico 1 (Apêndice C). A partir disso, elaboramos a unidade didática em conjunto com os alunos na ideia de planejamento participativo e construímos a programação específica do bimestre.

Nesse universo da pesquisa, o objetivo da investigação do presente estudo consistiu em analisar as implicações de um processo de ensino para a construção de conhecimentos relativos à experimentação de práticas corporais por meio de estratégias participativas nas aulas de Educação Física.

Foi com essa premissa que os alunos do 4º ano participantes dessa pesquisa, entraram em cena e se co-responsabilizaram com a professora pesquisadora pela construção e realização do planejamento participativo.

Todo esse processo de construção e realização do planejamento participativo ocorreu entre os dias 25 de abril e 01 de agosto do ano de 2022. Com o intuito de preservar a identidade dos alunos, utilizamos nomes fictícios nas narrativas dos diários de aula escolhidos por eles no questionário de autoavaliação, no campo apelido (Apêndice D).

As análises dos dados em articulação com a literatura sobre o assunto, nos permitiram construir duas categorias, a saber:

1 – A construção dos conhecimentos por parte dos alunos a partir do processo participativo;

2 – Possibilidades e desafios na aplicação da proposta do planejamento participativo.

4.1 A CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS POR PARTE DOS ALUNOS A PARTIR DO PROCESSO PARTICIPATIVO

Nesta categoria buscaremos analisar o processo de construção dos conhecimentos por parte dos alunos, apresentado através da Unidade Didática construída em conjunto, a fim de compreender as suas manifestações dentro do contexto das aulas de Educação Física diante do conteúdo apresentado.

Segundo Dalmás (2014), com a participação dos alunos emergem propostas, objetivos e estratégias nos diversos níveis de decisão e nas sucessivas fases das atividades, sendo esse envolvimento discente essencial para assegurar um desenvolvimento participativo das aulas.

Ao mesmo tempo, não restam dúvidas que, a partir de uma análise do momento da educação, envolver alunos no processo de tomada de decisões, implica numa revolução nas relações professor-aluno. O professor passa a ser o que ajuda o aluno a alcançar seus objetivos. (DALMÁS, 2014, p. 20).

Inicialmente foi apresentado aos alunos um pré-planejamento das ações com o trabalho, envolvendo a apresentação da proposta, levantamento e discussão sobre os temas a serem trabalhados com o 4º ano no segundo bimestre do ano letivo de 2022, seguindo o documento norteador (Currículo Paulista – Quadro 4): Lutas do contexto regional – matriz indígena e africana e Danças do Brasil – matriz indígena e africana.

Quadro 4 - Unidades temáticas e objetos de conhecimento.

4º Ano				
	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4º Bimestre
Unidade Temática e Objeto de Conhecimento	Brincadeiras e jogos: Brincadeiras e jogos do Brasil incluindo de matriz indígena e africana	Lutas: Lutas do contexto regional - Matriz indígena e africana	Ginástica: Ginástica Geral	Corpo, Movimento e Saúde: Habilidades Motoras Básicas
	Brincadeiras e jogos: Jogos de tabuleiro	Danças: Danças do Brasil - Matriz indígena e africana	Brincadeiras e jogos: Brincadeiras e jogos inclusivos	Esportes: Jogos pré-desportivos de rede, parede e invasão

Fonte: Currículo em ação / Caderno do professor – Educação Física (SÃO PAULO, 2021, p. 154).

A fim de que fosse estabelecida uma visão sobre as ações realizadas durante as atividades desenvolvidas e construídas com os alunos, foi apresentada de acordo com o Quadro 5, a Unidade didática com as ações empreendidas na pesquisa:

Quadro 5 - Unidade didática construída.

AULA	ATIVIDADES	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS
Aula 1	- Avaliação diagnóstica; - Aplicação do questionário 1.	- Levar os alunos a compreenderem a proposta da pesquisa; - Criação de um ambiente de diálogo.	- Roda de conversa inicial; - Apresentação inicial da proposta de pesquisa; - Aplicação de questionário diagnóstico.
Aula 2	- Nuvem de ideias; - Início da confecção do cartaz; - Jogo dos agrupamentos.	- Sondagem sobre o repertório dos alunos sobre o tema Lutas; - Associar e agrupar as palavras na nuvem de ideias; - Descobrir gestos, tipos e características das lutas.	- Roda de conversa inicial; - Grupo de WhatsApp da sala criado previamente; - Aplicativo <i>Mentimeter</i> ; - Início da montagem do cartaz agrupando e organizando as informações da nuvem de ideias em três categorias: Tipos de lutas, golpes e características; - Jogo dos agrupamentos contendo gestos e movimentos das diferentes palavras que mais se repetiam na nuvem de ideias; - Roda de conversa final, parecer dos alunos acerca das atividades.
Aula 3	- Término da confecção do cartaz; - Stop das Lutas.	- Retomar a confecção do cartaz; - Estabelecer relação entre as atividades; - Incentivar o protagonismo no processo de ensino e de aprendizagem; - Expor produção do cartaz.	- Roda de conversa inicial; - Término do cartaz associando a próxima atividade; - Jogo de Stop adaptado utilizando informações contidas no cartaz construído; - O cartaz produzido foi disposto no corredor da escola para visualização da comunidade escolar; - Roda de conversa final, parecer dos alunos acerca das atividades.
Aula 4	- Apresentação de vídeos; - Apresentação de pesquisa individual.	- Assistir vídeos explicativos sobre as lutas Huka Huka e Capoeira; - Apresentar pesquisa individual realizada previamente.	- Roda de conversa individual com explicação sobre as lutas Huka Huka e Capoeira; - Apresentação oral da pesquisa individual realizada pelos alunos; - Roda de conversa final, parecer dos alunos acerca das atividades.
Aula 5	- Apresentação do resultado da pesquisa; - Apresentação de vídeos complementares; - Jogos de experimentação.	- Apresentar resultado da pesquisa e dados coletados; - Complementar as informações trazidas pelos alunos; - Experimentar	- Roda de conversa inicial trazendo dados aos alunos; - Apresentação complementar de Lutas de origem Indígena e Africana; - Experimentação de jogos de

		características das lutas.	oposição, ataque e defesa, equilíbrio e desequilíbrio, conquista de território e imobilização; - Roda de conversa final, parecer dos alunos acerca das atividades.
Aula 6	- Escolher atividade de aula livre; - Início da atividade criando nossas Lutas.	- Escolher atividade a ser vivenciada na aula livre; - Iniciar construção coletiva criando nossas Lutas.	- Roda de conversa inicial; - Apresentação de opção de escolha da aula livre através do <i>Google Forms</i> ; - Criação de grupos e atribuição de suas respectivas características definidas por sorteio;
Aula 7	- Aula livre	- Vivenciar luta de matriz africana Capoeira.	- Aquecimento lúdico; - Demonstração e vivência de instrumentos; - Vivência roda de Capoeira.
Aula 8	- Criando nossas Lutas	- Socializar e experimentar lutas/jogos recriados; - Criar lutas/jogos da sala.	- Roda de conversa inicial; - Apresentação luta/jogo criada por cada grupo; - Criação, socialização e experimentação da luta/jogo criada em conjunto pela sala; - Roda de conversa final, parecer dos alunos acerca das atividades.
Aula 9	- Apresentação de vídeos de danças de matriz indígena e africana; - Escolher dança a ser apresentada na festa junina escolar.	- Apresentar o repertório de danças populares brasileiras e suas origens; - Escolher em conjunto a apresentação da festa junina escolar.	- Roda de conversa inicial; - Apresentação da opção de escolha da dança a ser apresentada através do <i>Google Forms</i> ; - Incorporação da temática da festa junina, as danças de matriz indígena e africana; - Roda de conversa final, parecer dos alunos acerca das atividades.
Aula 10	- Ensaios e apresentação: Danças do Brasil – matriz indígena e africana.	- Ensaiar a dança escolhida em conjunto – Dança do coco; - Apresentar para toda comunidade escolar a dança de origem indígena: Dança do coco.	- Ensaios coreografados com a música Coco do norte escolhida em conjunto pela sala; - Considerações finais sobre a apresentação; - Apresentação na festa junina escolar da Dança do coco.
Aula 11	- Devolutiva do questionário 1; - Aplicação do questionário de autoavaliação.	- Devolutiva dos resultados obtidos; - Coletar as interpretações dos alunos sobre o processo vivenciado durante o segundo bimestre de 2022; - Analisar as atividades vivenciadas em relação a construção da unidade didática.	- Roda de conversa inicial; - Exibição dos resultados obtidos aos alunos; - Coleta de dados para futura análise.

Fonte: Elaborado pela autora.

Bele diz: “professora, eu nunca imaginava que ia ficar assim”. Com isso, expliquei para eles a dinâmica e como funcionava a interpretação da nuvem de ideias: “Vocês estão vendo que as palavras possuem tamanhos diferentes, menores e maiores. As palavras maiores foram as que vocês mais escreveram e enviaram pelo link e as menores foram as menos repetidas.” (Diário de aula 02, p. 2).

Os saberes sobre o significado da palavra lutas apresentado pelos alunos sinalizaram uma grande variedade de conceitos sobre o tema, como diferentes tipos de lutas, seus golpes e características, com sua concentração em nomes de artes marciais específicas, sendo mais citada a capoeira. Entretanto, quando questionados sobre um conhecimento mais aprofundado sobre a luta mais citada (capoeira), os alunos não souberam argumentar.

Perguntei aos alunos se eles conheciam, já tinham visto todos os nomes de lutas que apareceram na nuvem de ideias, e em coro todos responderam que “sim”, mas quando perguntei com relação aos golpes, a aluna July disse: “*ai já não sei, professora o que é au, é golpe?*” Eu respondi que au é a famosa estrela, e que na Capoeira é o movimento inicial para se entrar na roda, e que também é um golpe. Neste momento fiz outra reflexão, onde os alunos fizeram da Capoeira a luta mais popular na nuvem de ideias, mas não conhecem seus golpes e elementos que a envolvem. (Diário de aula 02, p. 3).

Para Dalmás (2014) um conhecimento teórico favorece, enriquece e é essencial para a prática. Todavia antes de iniciar o envolvimento no processo deve-se proporcionar ao grupo um conhecimento e aprofundamento específicos do campo a ser trabalhado.

Dessa forma, finalizada a nuvem de ideias, apresentamos aos alunos a proposta da confecção do cartaz que foi dividida em duas etapas, a primeira consistiu em associar e agrupar as palavras por eles mais citadas na nuvem de ideias por critérios em que, segundo Gandin (2013a, p. 134), sem eles “as pessoas e os pequenos grupos podem enredar-se em considerações de todo o tipo e não chegar a conclusões que possam confrontar entre si para seguir em frente”.

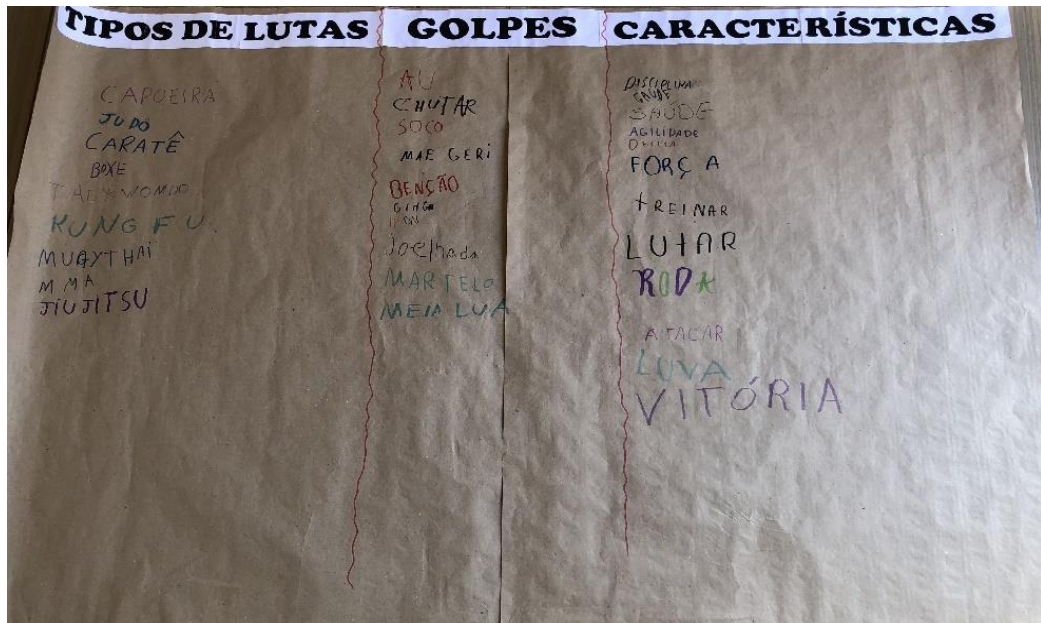
Com a nuvem de ideias exposta, cada aluno foi escolhendo uma palavra e classificando-a no cartaz diante dos critérios citados no quadro abaixo (Quadro 6 e Imagem 2).

Quadro 6 - Critérios de agrupamentos.

Tipos de Lutas	Golpes	Características
----------------	--------	-----------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Imagem 2 - Início da confecção do cartaz.



Fonte – Arquivo da autora.

A primeira atividade realizada a partir do início da construção do cartaz foi a brincadeira jogo dos agrupamentos – descobrindo os gestos, tipos e características das lutas (Imagem 4). Preparei filipetas contendo os gestos e movimentos das diferentes palavras que mais se repetiram na tempestade de ideias e escolhida por eles, exemplo: Lutas: capoeira e boxe. Golpes: au, soco e joelhada. Características: força. As filipetas foram confeccionadas na quantidade suficiente para todos os presentes da turma no dia, que contou com 24 alunos, de tal forma que foram criados seis grupos com quatro integrantes a cada rodada da brincadeira; demonstrei aos alunos a execução dos seis movimentos escolhidos por eles como segue imagem. (Diário de aula 02, p. 4).

Imagem 3 – Demonstrações dos movimentos.



Fonte – Arquivo da autora.

Orientei os alunos para não mostrarem aos colegas o gesto/movimento que eles pegavam, pois ao meu sinal, caminhavam pelo espaço aleatoriamente, realizando os gestos e movimentos sorteados sem dizer uma palavra. Comentei que era para cada um realizar seu gesto e movimento conforme os conheciam, dando um espaço de um para o outro para que não se tocassem e viessem a se machucar, e se houvesse dúvidas quanto aos gestos era para pedir minha orientação. Ao mesmo tempo em que realizavam seus gestos e movimentos, os alunos deveriam observar os colegas, ao meu segundo sinal eles se agrupavam conforme as semelhanças nos gestos, ainda sem se falarem; os agrupamentos que se juntavam corretamente marcavam ponto. (Diário de aula 02, p. 5). (Imagem 4).

Imagem 4 – Realização do jogo dos agrupamentos.



Fonte – Arquivo da autora.

Em seguida, para finalizar, questionei os alunos sobre a realização da atividade e seu desenvolvimento:

Para finalizar, perguntei aos alunos quais foram os gestos e movimentos realizados e todos responderam corretamente: “Lutas: capoeira e boxe. Golpes: au, soco e joelhada. Características: força”. Se todos sabiam realizar o que estava sendo pedido? “Muitos disseram que os mais fáceis sim, depois que eu demonstrava e explicava e que o mais difícil mesmo era o au”. E finalmente quais lutas achavam que utilizam esses gestos e movimentos? Com o auxílio do próprio cartaz confeccionado por eles, responderam: “Capoeira – au, Boxe – soco e joelhada”, e o aluno Felipe complementou “que a característica força toda luta precisa um pouco”. (Diário de aula 02, p. 6).

Podemos perceber que permitir aos alunos a vivência de um processo participativo através de experiências com práticas corporais pouco comuns em seu cotidiano, possibilitam a

real construção da sua própria aprendizagem, “já que verdadeiramente se aprende nos processos de construção de algo”. (GANDIN, 2013b, p. 98).

Dando continuidade na segunda parte da confecção do cartaz, os alunos tiveram a tarefa de complementá-lo com recortes, fotos e informações que envolvessem o mundo das lutas, com o objetivo de acrescentar informações no cartaz por eles construído (Imagem 5). Posteriormente, expusemos o cartaz para que outros estudantes pudessem ver um pouco do nosso trabalho, conforme a Imagem 6, a seguir.

Imagem 5 - Segunda parte da confecção do cartaz.



Fonte – Arquivo da autora.

Imagem 6 - Cartaz finalizado exposto na escola.



Fonte – Arquivo da autora.

Imagem 7 - Desenvolvimento da atividade.



Fonte – Arquivo da autora.

A atividade desenvolvida após o término da confecção do cartaz foi o “*Stop das Lutas*”, como forma dos alunos vislumbrarem essa estratégia participativa realizada por eles, e como uma atividade e suas informações podem ser trabalhadas interligadas, seguindo uma sequência didática com informações trazidas e construídas em conjunto, sendo eles os protagonistas no processo de ensino e de aprendizagem. (Imagem 7).

No dia a sala contava com 22 alunos presentes, e pedi para que eles se organizassem em quatro grupos de quatro alunos e dois de três alunos, e para que eles elessem um escriba (o que iria transcrever as contribuições do grupo na folha), indicassem outro que iria colher as informações da folha entregue com a nuvem de ideias, e outro que fosse olhar no cartaz e retirar as informações necessárias. Após a explicação da dinâmica da atividade, iniciei sorteando a letra D, informei para a turma e pedi para que eles procurassem na cópia da nuvem de palavras entregue a cada grupo e no cartaz exposto no centro da quadra, o maior número de palavras que começassem com a letra D e preenchessem a tabela entregue. Disse que ao meu sinal o tempo pararia e eu diria a palavra *STOP*, e que só contaria palavras que estivessem na nuvem de palavras ou no cartaz, essas então relacionadas ao mundo das Lutas. Com relação à pontuação, perguntei aos alunos qual seria a melhor forma de contar os pontos, e a maioria respondeu que fosse como o jogo *Stop* jogado normalmente: onde palavras iguais valem cinco pontos e palavras únicas, onde somente um grupo respondesse o valor seria de dez pontos, e vencesse o grupo que obtivesse o maior número de pontos. (Diário de aula 03, p. 3).

Imagem 8 - Folha de atividade realizada pelos alunos.

STOP DAS LUTAS											
LETRA: N	PONTOS	LETRA: M	PONTOS	LETRA: A	PONTOS	LETRA: C	PONTOS	LETRA: T	PONTOS	LETRA: K	PONTOS
Capoeira	5	MMA	5	AU	5	capoeira	5	JUDO	5	KARATE	5
disciplina	5	MEALVA	5	ATACAR	5	chutar	5	JOELHADA	5	MUNGUÊ	5
defender	10	MAGEBI	0	AGILIDADE	5	corpo a corpo	5	JIU JITSU	5		
	20	MARTELO	5		15	combate	5		15		10
		MUAY THAI	5				20				
		MARSOPA	10								
			35								
TOTAL											115

Fonte – Arquivo da autora.

Ao final da atividade, os seis grupos contabilizaram seus pontos e elegeram o grupo vencedor, através da maior pontuação obtida e dos critérios preestabelecidos por eles anteriormente.

Como encerramento, na roda final, após atividade realizada e diversão garantida, propus que os alunos identificassem dentre todas as informações coletadas através da nuvem de ideias e da confecção do cartaz, os seguintes tópicos: nome das lutas, golpes das lutas, se apareceu alguma vestimenta e equipamentos relacionados às lutas, obtendo da maioria a mesma resposta pois estavam com o cartaz e nuvem de ideias em mãos para visualização. Continuei com o seguinte questionamento: “Vocês conseguem identificar dentre todas as informações trazidas e construídas no cartaz por vocês, alguma luta de origem indígena ou africana?”. Prontamente em coro todos responderam “Capoeira professora”. A aluna Mel questiona: “e essa luta marajoara é indígena?” (Diário de aula 03, p. 5).

Quando questionados sobre a confecção do cartaz e da quantidade de lutas que apareceram de origem indígena e africana, fica claro que os alunos não possuem conhecimento amplo sobre o conteúdo a ser abordado pelo currículo no segundo bimestre, pois citaram somente a capoeira – origem africana, e a luta marajoara não souberam identificar sua origem.

A relação com os saberes acerca das lutas de origem africana e indígena, ratifica o que estudos demonstram sobre a inserção das lutas nas aulas. A luta integra conteúdos da Educação Física escolar, mas encontra pouco espaço e muita resistência para ser implementada nas aulas, considerando os fatores de gênero e suas implicações socioculturais, conforme mencionado por Corsino (2012). Acrescido a isso, as dificuldades na formação continuada do professor em relação ao preconceito da comunidade escolar voltado à relação da luta com a violência e ainda, a falta de recursos materiais.

Conforme Matias (2013), a luta está inserida no contexto das crianças e jovens: nas

brincadeiras de “lutinhas”, nos jogos virtuais, filmes, desenhos e demais recursos midiáticos e tecnológicos.

Dessa forma torna-se fundamental ressignificar, sistematizar e aprofundar as situações de ensino e de aprendizagem contidas no trabalho com lutas na aulas de Educação Física escolar, para que elas possam contribuir com a desmistificação dos vários estereótipos sobre lutas construídos ao longo da história.

Nesse ensejo, cabe ressaltar que para o planejamento participativo, o diagnóstico é a intermediação entre a proposta ideal, do sonho, e a proposta de prática, como nos alerta Gandin (2001, p. 92), “nesse sentido o diagnóstico é um juízo continuado sobre a prática, para verificar a distância em que ele está do ideal estabelecido em seu referencial”.

Dando continuidade à sequência didática, a próxima atividade realizada foi uma pesquisa individual sobre o tema lutas de matriz indígena e africana:

Com isso, dei continuidade na explicação da atividade que deverá ser construída por eles para a próxima aula: aprofundando o conteúdo especificado para o segundo bimestre, Lutas: do contexto regional – Matriz indígena e africana. Os alunos realizarão para a próxima aula uma pesquisa individual, onde deverão escolher uma luta de origem indígena ou africana, descrevê-la e apresentar para a sala. Como proposta as lutas Capoeira e Huka Huka, eles não deverão pesquisar, pois irei iniciar a apresentação com esses dois exemplos mais populares e os alunos darão continuidade, englobando o processo do planejamento participativo proposto. (Diário de aula 03, p. 5).

Sobre a sistematização da sequência didática, podemos pensar que a pesquisa individual realizada pelos alunos pode ter contribuído com a percepção de aprofundamento do conteúdo apresentado sobre Lutas de matriz indígena e africana. Isso porque, como aponta Gandin (2013a), trabalhos individuais servem para permitir a participação efetiva de todos, porque todos se pronunciam, servindo também para a riqueza em ideias e pontos de vista.

Após a apresentação da pesquisa individual e suas considerações, apresentei aos alunos um quadro no qual listava as características das lutas (Quadro 7).

Quadro 7 - Características das Lutas.

Características das Lutas						
Enfrentamento/ Oponente	Regras	Ataque e defesa	Equilíbrio/ Desequilíbrio	Conquista de território	Imprevisibilidade	Oposição
A luta só acontece quando há o enfrentamento e o contato entre dois oponentes.	Para cada luta existem regras específicas que garantem a segurança na sua realização e o respeito ao oponente.	As ações de ataque e defesa acontecem ao mesmo tempo, e por parte de ambos atletas. A esquiva é um gesto de defesa. Chutes e socos são gestos de ataque.	Ações de equilíbrio e desequilíbrio corporais são características de lutas onde há pontuação.	Conquistar o território do oponente, utilizando estratégias e golpes específicos de cada luta.	As ações que um oponente irá realizar são imprevisíveis, tornando suas ações também imprevisíveis.	Impor-se fisicamente ao adversário, respeito às regras e garantindo a segurança do colega durante as atividades. Imobilização Imobilizar o adversário de forma a não machucá-lo.

Fonte: Currículo em ação / Caderno do professor – Educação Física (SÃO PAULO, 2021, p. 180).

Para vivenciar algumas brincadeiras e jogos semelhantes, algumas lutas foram realizadas. As seguintes características foram utilizadas como forma de experimentação: oposição, ataque e defesa, equilíbrio e desequilíbrio, conquista de território e imobilização.

Ao final da vivência prática das características das lutas, realizei uma roda de conversa com os seguintes questionamentos: Quais foram os movimentos e gestos realizados? Das lutas que já foram apresentadas e que conhecem, alguma apresenta essas características?

O aluno Mbappé responde: “mas o de imobilização, que precisa imobilizar no jiu jitsu e o de equilíbrio que no Huka Huka, tem que desequilibrar para derrubar de costas”. A aluna Mel complementa: “O mini sumô tem que tirar da roda, igual o sumô de verdade, é que a gente tinha a bola”. A aluna Cherry observa: “A brincadeira briga de galo parecia o derruba toco também, porque tinha que derrubar”. (Diário de aula 05, p. 4).

No desenvolvimento da aula se destacou a assimilação obtida por eles no que diz respeito à associação das características das lutas apresentadas e o repertório existente antes, em que orientar o ensino do aluno é primar pela consciência, evidenciando a necessidade de propiciar ao mesmo a possibilidade de dirigir a atenção para esse conhecimento interior. (HIRAI; CARDOSO, 2006).

Para a próxima atividade partimos do princípio de que os alunos precisavam resolver problemas propostos para que pudessem construir, com base em suas descobertas e todos os conhecimentos adquiridos até então, a etapa de fechamento do conteúdo e, assim, iniciar a construção coletiva da atividade “Criando nossas Lutas”. Nesta etapa os alunos se organizaram em quatro grupos de cinco alunos e um grupo de seis alunos, totalizando cinco

grupos. Foi sorteada para cada grupo uma das características das lutas que foram vivenciadas na aula anterior: jogos de oposição, ataque/defesa, equilíbrio/desequilíbrio, conquista de território e imobilização.

Divididos os grupos, entreguei a eles uma folha onde continha a característica de seu respectivo grupo sorteado, cabeçalho para preenchimento e linhas, onde deveriam começar a colocar ali suas ideias, através da seguinte proposta e direcionamento: recriar os jogos apresentados a eles por mim na aula anterior, adaptando suas regras, movimentos, etc. Cada grupo deveria estabelecer as normas e procedimentos de segurança, utilizando de todo o conteúdo apresentado e vivenciado por eles até o momento. De forma coletiva e participativa, criar jogos com as principais características de seu grupo, para posteriormente criarmos juntos, agrupando as ideias compatíveis, uma luta do 4º ano A. (Diário de aula 06, p. 3).

Nesse sentido, consideramos as ideias de Hildebrandt e Laging (1986) que sugerem a necessidade dos professores de preparar as situações de ensino de tal maneira que estimulem o aluno a agir, e que seus problemas e questionamentos possam ser resolvidos por ele com base na sua condição de poder-fazer e de suas experiências.

Foram recriadas cinco lutas/jogos seguindo as características atribuídas anteriormente, para finalmente a criação coletiva da luta/jogo do 4º ano A, com a característica de oposição denominada “quarteto opositor”. (Imagem 9)

Etapa 3 – Através do planejamento participativo e junção de ideias, luta criada pelo 4º ano A. Característica da Luta / jogo: Oposição. Nome da Luta: Quarteto opositor. Número de participantes: quatro no total, a luta será realizada por equipe, sendo uma dupla por equipe. Material: duas cordas com fitas sinalizadoras de tnt. Local: Os participantes deverão ficar entre os dois círculos da quadra. Descrição da Luta: Consiste em cada oponente segurar em uma ponta de cada corda, devendo estas estarem cruzadas e devidamente sinalizadas, com uma fita de tnt de cores diferentes para identificação das equipes. Ao sinal, os oponentes juntos deverão puxar seu adversário, fazendo com que ele encontre qualquer parte do corpo no círculo menor, independente da dupla que consiga primeiro. Conseguindo isso, a dupla vence a rodada. A luta será dividida em rodadas, tendo no máximo três rodadas, se necessário, para desempate. Não pode soltar a corda, causando eliminação. Se cair, a vitória já é do oponente. Os oponentes deverão ter um perfil equilibrado para ser justo, independente de gênero, sendo dividido por categorias: feminina, masculina e mista. Tendo um juiz, que fica ao centro, sempre organizando o início de cada rodada. (Diário de aula 08, p. 6).

Imagem 9 - Experimentação e prática da recriação do quarteto opositor.



Fonte – Arquivo da autora.

Ao finalizar a prática, ficou perceptível que o ambiente de participação e construção coletiva foi possível graças ao sentimento de pertencimento dos estudantes com a aula, realidade que deixava claro a motivação de todos em realizar o que foi solicitado.

Diante disso, acredito que o processo de recriação das Lutas/jogos, trouxe aos alunos instrumentos, situações e vivências antes não experimentadas, sendo o planejamento participativo o alicerce destas situações, pois através dele tais situações foram realizadas, permitindo aos alunos uma construção, um fazer e um pensar em conjunto que eles não estavam acostumados. (Diário de aula 08, p. 8).

De acordo com Gandin (2013b), a construção realizada em conjunto é possível no momento que o *poder* é partilhado às pessoas, permitindo-lhes organizar suas ideias, seus conhecimentos, suas propostas de ação, etc. Foi nesse sentido que essa aula foi organizada, envolvendo os estudantes na construção coletiva, na tentativa de um aprendizado sólido, que valorize e respeite a opinião de todos.

Com relação à avaliação de final de conteúdo, durante o percurso, os alunos participaram de discussões sobre as lutas, normas de segurança, a prática das lutas, analisaram as características, construíram cartazes, jogos recreativos diagnósticos, fizeram jogos relacionados na fase de experimentação e criaram seu próprio jogo. Sendo todas essas atividades utilizadas como instrumentos de avaliação.

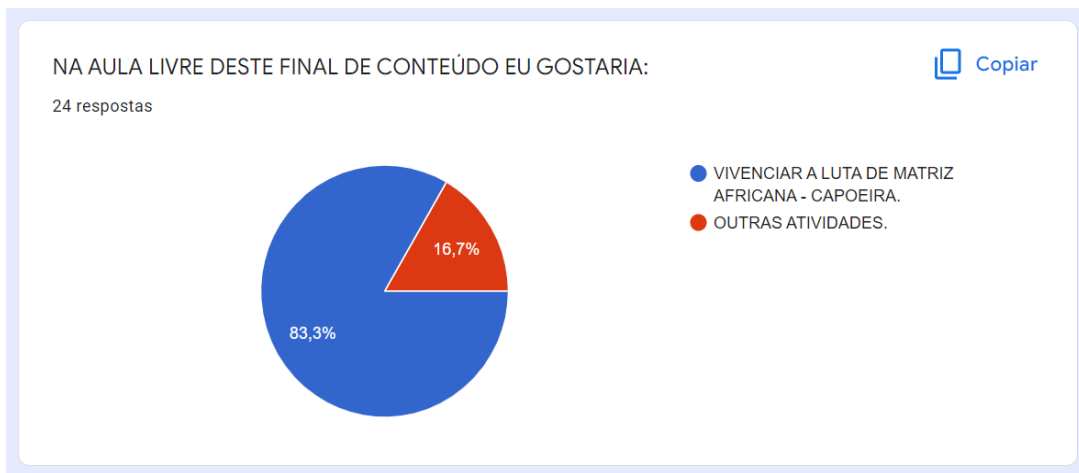
A próxima atividade realizada dentro do contexto proposto para o conteúdo tratado foi a “aula livre”. Possui há muitos anos nessa escola atual que trabalho, um combinado pedagógico, onde uma vez ao mês ou ao fim do conteúdo a ser apresentado, é cedido aos

alunos uma aula, onde eles podem escolher as atividades a serem realizadas. O que no início foi o único recurso encontrado para uma difícil situação, com o passar do tempo se tornou algo positivo e uma ferramenta no processo de ensino e de aprendizagem. Destaco que apesar dessas aulas não possuírem conteúdos definidos por mim, eu sempre estou ali acompanhando e orientando.

Com isso, observo que no decorrer dessas “aulas livres”, muitas vezes os alunos realizam atividades desenvolvidas por mim nas aulas, podendo simbolizar a assimilação do conteúdo e um retorno positivo do trabalho realizado. Tal estratégia pedagógica atualmente se apresenta com um propósito que me auxilia em muitos aspectos e desafios como: indisciplina, desinteresse nas aulas e diversos conflitos, pois os alunos sabem que se não colaborarem, o acordo será desfeito. Dito isso, eles esperam o mês todo por essa aula, se organizam, muitas vezes com antecedência, criam coletivamente regras e combinados.

Assim, foi apresentado aos alunos a seguinte pergunta através do aplicativo do *Google forms* durante a aula na sala de informática: “Na aula livre desse final de conteúdo eu gostaria de...”. Como resultado da consulta feita, obtive o resultado apresentado na imagem a seguir (Imagem 10).

Imagem 10 - Resultado da escolha da “Aula Livre”.



Fonte – Arquivo da autora.

A vivência dos alunos com a luta de matriz africana Capoeira foi realizada no prédio da escola, por um mestre de Capoeira graduado convidado. Ele iniciou a aula no formato que costuma realizar suas aulas para essa faixa etária, com um aquecimento lúdico, já envolvendo os elementos da capoeira, como os instrumentos, a musicalidade e os movimentos. (Imagem 11)

Imagem 11 - Apresentação da roda de capoeira.



Fonte – Arquivo da autora.

Em relação à “aula livre”, acredito que associá-la às estratégias participativas deu aos alunos uma tomada de decisão com uma visão mais integrada de todos os envolvidos no processo. Antes eles possuíam suas escolhas sobre o que seria realizado na “aula livre”, mas de maneira fragmentada.

Desse modo, pude observar na aula de hoje e em todo o processo de construção pedagógico, até a chegada desse momento tão esperado por eles de aula livre, que tal estratégia, promove diálogos, reflexões e discussões coletivas, que talvez não existisse em outra situação de aprendizagem, visando valores, a criticidade dos alunos e transformando-os em instrumento modificador da própria realidade. (Diário de aula 07, p. 8).

O termo “aula livre” não costuma ser visto com um olhar didático por ser associado ao descompromisso pedagógico. Ao desenvolver esse combinado pedagógico com os alunos acredito ressignificar o termo “aula livre” dentro do contexto no qual trabalho. As aulas tornam-se livres no sentido de o aluno estar participando das decisões em relação aos objetivos e conteúdos firmados, possuindo esse tempo de livre escolha das atividades feitas por eles dentro de um combinado pedagógico preestabelecido totalmente dissociado da referência da “aula livre”, com a prática do “rola bola” e desinvestimento pedagógico como afirmam. (SILVA; BRACHT, 2012).

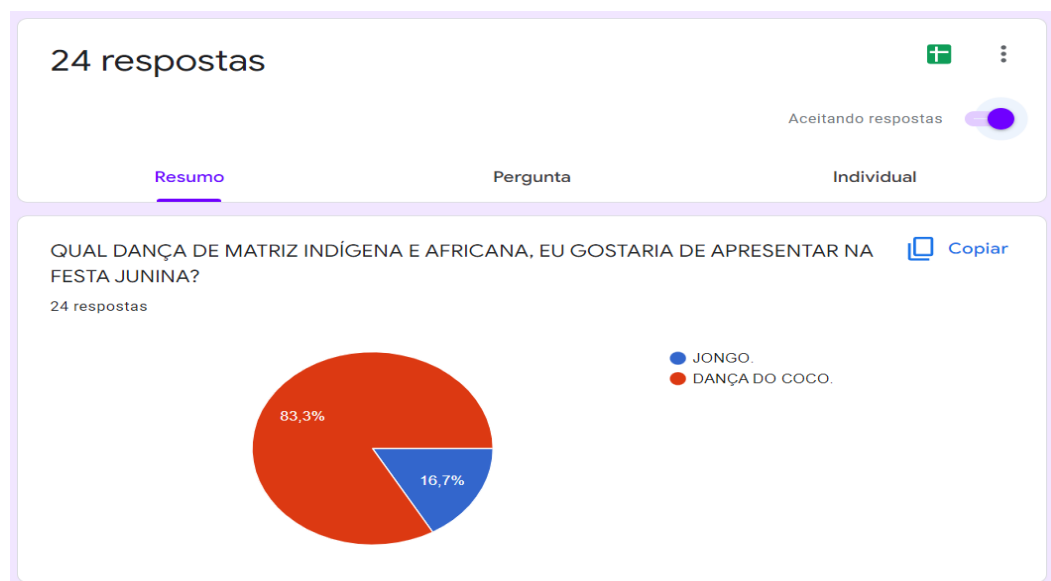
Iniciamos o próximo conteúdo a ser abordado no segundo bimestre letivo de 2022 para o 4º ano, Danças do Brasil – matriz indígena e africana. Apresentei vídeos das seguintes danças: Dança africana: *O Jongo* e Dança Indígena: *A dança do coco*, seguidas das suas respectivas explicações e contextualização. Logo após, apresentei um vídeo com um compilado de danças populares brasileiras, onde foi apresentado: frevo, carimbó, maracatu, samba de roda, bumba meu boi, fandango, pau de fitas e catira, também seguidas de suas explicações e contextualizações das danças.

Com isso, após os alunos visualizarem os estilos de danças, expliquei o cronograma escolar relacionado aos festejos juninos que aconteceriam na escola. Disse que cada sala de aula iria apresentar uma dança, que não era obrigatório dançar, mas que eu como professora responsável pelos ensaios do Ensino Fundamental I, ficaria feliz se eles participassem.

Propus aos alunos se eles gostariam de apresentar alguma dança de matriz indígena ou africana para contextualizar com o conteúdo do segundo bimestre do 4º ano. Prontamente a maioria respondeu que sim, então perguntei dentre as danças que lhes foram apresentadas na aula, quais eles achavam que seria possível e viável realizar em uma apresentação na festa junina escolar, e a maioria indicou o jongo e a dança do coco, devido a fatores de vestimentas e complexidade dos passos. (Diário de aula 09, p. 2).

Dessa forma realizei a pergunta no formulário do *Google forms* e o resultado apresentado pela sala foi a escolha da dança do coco para ser apresentada na festa junina escolar. (Imagem 12).

Imagem 12 - Resultado da escolha da dança para apresentação na festa junina.



Fonte – Arquivo da autora.

Devido às demandas escolares com relação aos festejos juninos, os ensaios para a apresentação foram realizados entre o período de 20/06/2022 a 27/06/2022. Os alunos do 4º ano A escolheram para apresentar a dança de matriz indígena – dança do coco. Todos os alunos da sala participaram do processo de escolha e construção da dança, mas devido a fatores externos e gostos pessoais, não foram todos que participaram dos ensaios e consequentemente da apresentação no dia da festa.

A dança do coco de influência indígena, é uma dança de roda acompanhada de canto. Pode ser realizada em pares, fileiras ou círculos e acontece em todo o sertão nordestino. Pode receber nomenclaturas diferentes de acordo com a região: pagode, zambê, coco de usina, coco de roda, coco de embolada, coco de praia, coco do sertão, coco de umbigada. Cada grupo que dança acaba recriando a dança e transformando-a de acordo com o gosto da população local.

Com isso, foram apresentados aos alunos três músicas e estilos coreográficos possíveis de serem adaptados para a realidade e idade/série deles, pois esse estilo de dança não está presente em seu contexto escolar e nunca foi apresentado nas festas juninas da escola; a música escolhida foi: coco do norte. Durante os ensaios ajustes foram sendo feitos conforme a necessidade e observações dos alunos, com relação à execução e complexidade da dança, para que se encaixasse à realidade dos alunos e obtivesse o êxito nos ensaios, até chegar na coreografia final a ser apresentada no dia da festa junina. (Imagem 13).

Imagem 13 - Apresentação na festa junina.



Fonte – Arquivo da autora.

Percebemos ao longo das aulas, o comportamento colaborativo e de compromisso dos alunos em contribuir para o sucesso das atividades previstas. Essa postura esteve presente

praticamente em todas as aulas, realidade que indica que o uso de estratégias participativas pode ser uma possibilidade eficiente na construção do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos nas práticas corporais experienciadas nas aulas de Educação Física, uma vez que tais estratégias favorecem a criação de um ambiente de autonomia nas ações dos alunos.

Hildebrandt e Laging (1986) corroboram com esse pensamento quando afirmam que o fato de os alunos serem realmente capazes de agir autonomamente em uma aula de Educação Física depende decisivamente, entre outros fatores, do quanto lhes são abertas possibilidades organizacionais para tanto. Nesse sentido, vemos nas estratégias participativas essa abertura de possibilidades.

A seguir, na segunda categoria, discutiremos como se relacionam as possibilidades e desafios no desenvolvimento da proposta do planejamento participativo.

4.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

Quando se trata de professores que buscam inovar suas aulas e proporcionar um ambiente mais adequado ao processo de ensino e de aprendizagem, esses professores não ficam apenas aguardando para saber o que a escola irá proporcionar a eles, apesar disso consistir em um condicionante relevante. Entretanto, a avaliação da situação concreta da escola e do seu entorno, no que ele pode oferecer como condições e possibilidades, assume papel mais central na forma como o professor vai se relacionar com o que será tratado nas aulas e todos os artifícios a serem utilizados. Isso pode estar vinculado à preocupação com o reconhecimento da importância da Educação Física como parte relevante do conhecimento escolar, além de seu reconhecimento como um profissional que está realizando seu trabalho da melhor forma possível, pois, “as condições postas pela cultura existente na escola influenciam de forma contundente a maneira como as pessoas que estão envolvidas no processo de aprendizagem-ensino vão se comportar ao longo do ano”. (SILVA; BRACHT, 2012, p. 89).

De qualquer forma, o que ocorre no cotidiano das aulas deve ser conhecido e analisado. É necessário se aproximar do cotidiano escolar, reconhecendo a complexidade que envolve as práticas diárias conduzidas nesse ambiente e os diferentes sujeitos envolvidos em uma dinâmica sociocultural na qual estão inseridos. Sendo a atuação ativa dos alunos na reflexão e planejamento juntamente com o professor, as diversas situações de ensino

existentes durante as aulas é o que sustenta esse ideal de sucesso, e a verdadeira justificativa para um processo interativo ao qual a autonomia dos alunos será algo a ser desenvolvido.

Em vista disso, diante dos problemas e conquistas encontrados no decorrer do desenvolvimento das aulas, buscamos analisar como promover meios onde possamos reconhecer os problemas, exaltar as conquistas e, em cima disso analisar e refletir soluções viáveis, para que não fiquemos apenas nas denúncias e possamos fazer anúncios.

Dito isso, como apresentado na Aula 1 da Unidade didática construída, a primeira atividade realizada com os alunos foi a avaliação diagnóstica através da aplicação do Questionário 1, com o objetivo de levar os alunos a compreenderem a proposta da pesquisa e a criação de um ambiente de diálogo, no qual uma das primeiras impressões do ponto de vista dos alunos foi a seguinte:

Questionei também se eles acreditavam ser importante a aplicação do questionário e com relação às expectativas com as próximas aulas de Educação Física, obtive as seguintes respostas: a aluna Bele respondeu: *“acho que o questionário vai ajudar a professora a organizar sua pesquisa”*. Aluna July: *“a professora vai saber nossos sentimentos e o que aconteceu com a gente”*. Aluno Mbappé: *“acho que vamos menos na quadra”*. Aluno Will: *“estou animado professora, isso vai ajudar a trazer coisas novas e se a gente escolher, vai ser o que a gente gosta”*. (Diário de aula 01, p. 2).

Acreditamos que as falas dos alunos nos permitiram refletir sobre a necessidade de ouví-los para uma atribuição efetiva de sentido às práticas corporais das aulas de Educação Física escolar, no qual o processo de diálogo denota as influências de uma perspectiva crítica, que para Silva *et al.* (2020) são influenciadas pela pedagogia crítica de Paulo Freire no que concerne à participação coletiva dos sujeitos, e às possibilidades em atender o desejo e os interesses das crianças nas escolhas dos temas a serem estudados em Educação Física.

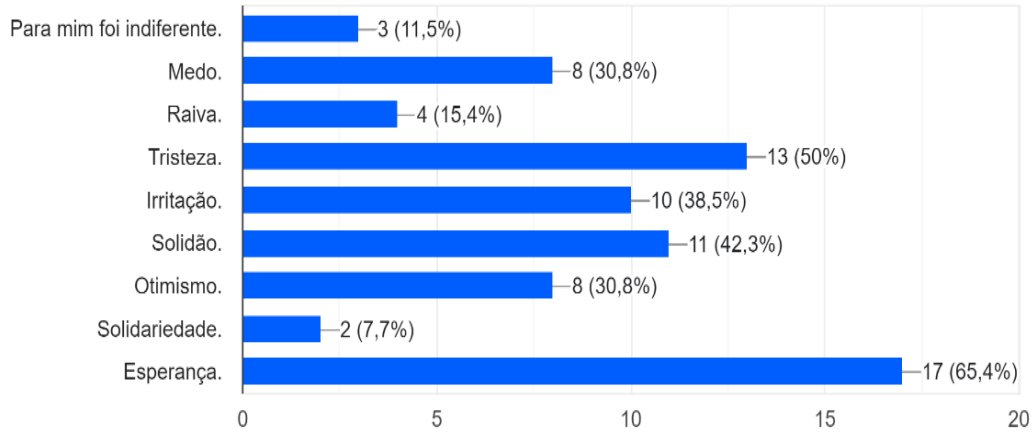
Assim, baseado nos resultados obtidos globalmente na aplicação do questionário e apresentados aos alunos, muitos ficaram surpresos em determinadas questões como as de número seis e doze (Imagens 14 e 15):

[...] ao ver que mais de 65% dos alunos, apesar de toda situação vivida se sentiam esperançosos, o aluno Mbappé comenta: *“que legal né professora, você viu a maioria da sala estava com esperança”*. Depois o aluno Messi complementa: *“é que a gente queria muito voltar para a escola”*. Mas foi na questão doze que eles expressaram maior interação ao ver as respostas dos colegas com falas como: *“você viu professora a gente gosta mesmo de jogar queimada com mão fria”*; *“as respostas foram bem parecidas”*; a aluna Mel observa, *“você viu professora, os meninos falam tanto que querem jogar futebol, mas quase não apareceu futebol nas respostas”*; por fim o aluno Mbappé diz, *“a verdade gente é que a maioria colocou queimada, que é o que nós mais gostamos de jogar”*. (Diário de aula 11, p. 6).

Imagem 14 - Questão 6 / Questionário 1 - Avaliação Diagnóstica.

6 - Quais foram seus sentimentos durante o distanciamento ou isolamento social?

26 respostas



Fonte – Arquivo da autora.

Imagem 15 - Questão 12 / Questionário 1 - Avaliação Diagnóstica.

12 - Quais atividades das aulas de Educação Física Escolar você sentiu mais falta?

26 respostas

Queimada.
Queimada da mão fria.
Queimada, aula livre, pular corda, bambolê, estafeta, corrida joken pô.
Queimada, pular corda, corrida joken pô.
Aula livre e queimada.
Queimada e aula livre.
Queimada.
Aula livre, queimada, estafeta jogo velha.
Queimada, corrida joken pô.
Queimada e aulas livres.
Amarelinha e bambolê.
Bambolês, cordas e bolas, estafeta corrida joken pô.
Estafeta corrida joken pô.
Queimada com a mão fria, amarelinha, estafetae bambolê.
Aula livre, queimada e corrida joken pô.
Queimada, par ou ímpar e aula livre.
Amarelinha, queimada, pular corda e corrida joken pô.
Aula livre, queimada, bambolê, pega pega embaixo da perna.

Queimada com a mão fria, queimada sem morto giratório.
Queimada e futebol.
Pular corda, amarelinha, queimada e estafetas.
Bambolê, amarelinha, estafeta, queimada com a mão fria, corrida joken pô.
Queimada, pular corda, amarelinha, estafetas e corrida joken pô.
Queimada, corrida joken pô, amarelinha e estafetas.

Fonte – Arquivo da autora.

Essas falas dos alunos nos permitem refletir sobre o quanto esse afastamento escolar provocado pelo isolamento social, advindo da ação para minimizar o contágio da doença COVID-19, situação em que os alunos passaram por um longo período com aulas pelo ensino remoto, demonstra a necessidade do diálogo, troca de experiências e empatia entre os alunos expressando suas opiniões, pois, dessa maneira poderemos contribuir para fortalecer a importância da escola nesse período pós pandêmico de volta às aulas e, conseqüentemente, da Educação Física escolar. Como explicam Sampaio, Camino e Roazzi (2009), a empatia decorre de um processo de imitação interna, uma capacidade na qual há possibilidade para que as pessoas compreendam umas às outras e consigam compreender e perceber o mundo do outro.

Nesse sentido, há um reconhecimento na questão seguinte, em que muitos alunos demonstraram certo comportamento quando questionados individualmente como o favoritismo da prática do futebol, mas quando no processo de tomada de decisão é considerado a empatia pelo que a maioria gosta de praticar e a junção de ideias, aparece na questão doze a prática da queimada.

Entendemos que a mobilização dos alunos nos processos decisórios como pressuposto para atuarem ativamente em todo o percurso de ensino e de aprendizagem é uma tarefa complexa, pois a autonomia necessária nesse processo de planejamento é algo a ser desenvolvido também pelo próprio aluno, e quando não existe experiência ele tem que ser construído. Indo ao encontro dessas ideias, no desenrolar das análises dos dados do nosso estudo, encontramos elementos aos quais alguns desafios com o desenvolvimento da autonomia dos alunos apareceram:

Alguns alunos não trouxeram o material solicitado como tarefa na aula anterior, mas em contrapartida, outros trouxeram mais material do que o que foi solicitado, complementando a falta de material de alguns e dando o suporte necessário para que a confecção do cartaz saísse como o planejado. (Diário de aula 03, p. 1).

Iniciamos a apresentação das pesquisas realizadas pelos alunos. As lutas apresentadas por eles consideradas válidas, como as orientadas nas instruções da comanda enviada no grupo de Whatsapp da sala foram poucas, com isso os dados recolhidos também. (Diário de aula 04, p. 1).

[...] Expliquei que quando eles deixam de participar e realizar os trabalhos, isso prejudica diretamente todo o processo de ensino e aprendizagem proposto, e eu como professora tenho que complementar os dados, conseqüentemente alterando o andamento da proposta, pois no Planejamento Participativo a aprendizagem é essencialmente uma via de mão dupla, e sem a contribuição mínima deles esse processo é interrompido, sendo suas contribuições de total relevância à essência do trabalho, pois os dados que eles trazem é o que torna o trabalho rico e participativo realmente. (Diário de aula 05, p. 1).

Com relação à fase de experimentação e construção coletiva denominada “Criando nossas Lutas”, os alunos se demonstraram prestativos e empenhados neste início, mas pude observar que em alguns grupos será necessário um auxílio mais intenso para conseguirmos cumprir com o que foi proposto. (Diário de aula 06, p. 4).

Na concepção de Charlot (2014), a criança nasce inacabada, portanto, precisa ser ensinada. Entretanto, esse processo requer uma mobilização do aluno, como destaca Charlot (2014, p. 160) “a mobilização é um fenômeno interno, mobiliza-se a si mesmo de dentro”.

Diante dessa perspectiva, os professores estão diante de uma problemática recorrente em suas atividades cotidianas. Como mobilizar internamente os alunos para as aulas e atividades em desenvolvimento da autonomia?

Em concordância com essa perspectiva, não há uma única receita que baste para os professores mobilizarem os alunos. Freire (1996) ressalta que a escola deve promover a problematização e o diálogo sobre a realidade, enquanto Alves (2012) afirma que quando os alunos diariamente vivenciam situações colaborativas e fraternais de ensino e de aprendizagem com seus colegas e professores, estão vivendo a educação da cidadania, conceituada como “[...] o próprio respirar e sentir a comunidade, não é uma enxertia de conceitos pretensamente civilizadores numa cabeça cujo corpo está em permanente e agressiva disputa e concorrência com os outros”. (ALVES, 2012, p. 17).

Assim, pensamos que situações colaborativas obtêm sucesso quando a responsabilidade se faz presente, uma vez que o compromisso com o outro, tanto com relação ao empenho em pesquisar, planejar, quanto em organizar e efetivar a aula junto com os demais alunos, torna-se a mola propulsora da relação construída.

Dessa forma, aos alunos é necessária a oferta de oportunidades reais em que eles possam em aula adquirir a confiança para que possam ser responsáveis por atividades, pesquisas, planejamentos, organizações e tarefas que os envolvam do início ao fim do

processo de construção. Delegar responsabilidades aos alunos é contribuir para que estes assumam parte em sua aprendizagem. (HILDEBRANDT; LAGING, 1986).

Nesse contexto acreditamos que estratégias participativas que valorizem as experiências dos alunos e seus saberes, numa relação consigo mesmo, com os outros, com o meio, com a linguagem, a cultura e a escola, contribuam com o maior envolvimento e participação dos alunos em todas as fases do processo de ensino e de aprendizagem, no qual eles possam atribuir sentido e significado em cada etapa do processo.

Para além da participação e envolvimento humano da pesquisa, no decorrer da análise dos dados, foi possível identificarmos desafios ligados a fatores extraclasse, sinalizando interferências ao êxito do processo:

A aula teve início com um atraso considerável, devido a problemas na sala de informática e na sua preparação, perdendo quase uma aula para retomar e dar início, problemas estes que interferiram diretamente no andamento da aula e no Plano de aula que eu havia preparado, deixando de ser realizado praticamente metade. (Diário de aula 04, p. 1).

Devido ao tempo, nesta aula os alunos deram início ao processo de criação, ficando para a próxima aula a parte final que consiste no término do processo de criação das Lutas. (Diário de aula 06, p. 3).

[...] eles sabiam que teriam a aula livre com a vivência da Capoeira, mas não tinham certeza do dia. Devido às burocracias escolares, achei melhor não confirmar a data, assim o dia que desse certo não haveria imprevistos desagradáveis. (Diário de aula 07, p. 1).

[...] Houve algumas alterações relacionadas ao cronograma, devido as demandas escolares com relação aos festejos juninos, ao qual eu como professora da escola tenho que cumprir. Com isso, procurei incorporar a temática da festa junina, as danças de matriz indígena e africana e reformulei o cronograma inicial para que eu conseguisse cumprir o conteúdo, a aplicação do meu projeto e meus compromissos com a comunidade escolar. (Diário de aula 09, p. 3).

Lutz, Triani e Telles (2021) destacam nesse sentido, o fator das disputas que acontecem dentro do ambiente escolar e sinalizam que elas acontecem das mais variadas formas, nas mais diversas dimensões dentro da comunidade em que a escola está inserida. Em cada espaço é possível perceber tensões que possuem suas próprias peculiaridades, ficando certos tipos de ações mais evidentes para aqueles que estão diretamente envolvidos nessas ações, como o atraso na sala de informática devido a problemas, sua utilização por outro professor mesmo que você tenha reservado antes ou todo um replanejamento no seu cronograma devido a demandas escolares que alteram toda a dinâmica antes planejada.

As analogias em um campo escolar permitem perceber o que acontece em outro campo de uma outra escola. Disputas por mais tempo para o lanche, por espaço na quadra na hora do recreio, “matar aula”, distribuição de espaço dentro da sala de aula, transgredir horários de chegada e saída, tanto da escola quanto das disciplinas, podem exemplificar as tensões que acontecem e, muitas vezes, se ignoradas, podem se transformar por exemplo, em problemas de violência, baixo rendimento, problemas de relacionamento entre funcionários e alunos. Assim, pesquisas nas mais diversas áreas dentro da escola são sempre bem-vindas para avanços rumo a uma comunidade escolar mais eficiente e inclusiva. (LUTZ; TRIANI; TELLES, 2021, p. 132).

Em concordância com Lutz, Triani e Telles (2021), saber qual é a origem das pressões externas, a forma sob a qual elas se exercem e sob quais formas se manifestam, ajudam a lançar luz sobre as ações que seus agentes sociais buscam atingir. Dessa forma, interpretar os mecanismos para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias, facilita o reconhecimento das mesmas e auxilia em suas resoluções.

Percebemos que no decorrer da apresentação das propostas e estratégias, os alunos estabeleceram diferentes relações com os saberes vivenciados diante dos contextos que lhes eram apresentados, como o narrado no jogo dos agrupamentos:

Muitos alunos pediram minha orientação com relação à execução de alguns golpes, mas o au foi o mais pedido, pois na primeira vez que expliquei que o au consistia em virar estrela, a aluna Raquel perguntou: “*Mas a professora consegue fazer isso?*”, expliquei a ela que quando adolescente fiz vários anos de Capoeira e naquela época eu fazia, que iria tentar demonstrar mas não garantia o sucesso total na execução. Pois bem, fui lá eu fazer o au e para minha surpresa e dos alunos consegui, e ao me ver fazer o movimento muitos deles se surpreenderam e acho que por este motivo se interessaram mais por este golpe em específico e frases como: “*isso aí professora*”, “*a professora é profissional*”, “*não é tão difícil, acho*”, e por fim Raquel complementou: “*não é que a professora conseguiu mesmo, mas eu não consigo não*”. Neste momento disse a ela: “*Raquel, a professora conseguiu, porque fiz Capoeira por muitos anos, e por estar há tantos anos sem fazer, achei que não iria conseguir também, mas quando iniciei no esporte não sabia fazer, meu professor me ensinou e aos poucos fui evoluindo, você começa sempre girando com as pernas no baixo e conforme vai tendo confiança e melhorando a habilidade consegue ir levantando as pernas*”. A aluna então comentou: “*quero pegar esse para tentar fazer professora.*” (Diário de aula 02, p. 5). (Imagens 16 e 17).

Imagem 16 - Jogo dos agrupamentos / execução do golpe da Capoeira au.



Fonte – Arquivo da autora.

Imagem 17 - Aluna executando o golpe da Capoeira au.



Fonte – Arquivo da autora.

Diante do que nos apresenta, fica claro que é preciso oportunizar aos alunos situações nas quais possam estabelecer relações com os vários saberes e que muitas vezes, devido ao contexto ao qual estão inseridos nunca seriam apresentados. Charlot (2014) destaca a importância dessas atividades na quais façam sentido aos alunos poderem contribuir com esse processo e vivenciá-las.

Através da experiência relatada podemos identificar que a produção das inovações tem íntima relação com as histórias de vida dos professores e a forma como se relacionam com sua profissão. Fator potencializador das inovações são as mudanças ocorridas nos referenciais orientadores para a construção da prática e seu êxito, fato que altera também o sentido das intervenções. Os professores que tentam construir práticas num sentido inovador, parecem estar preocupados com a relevância daquilo que vai ser tratado nas aulas para a vida dos alunos e o reconhecimento do trabalho que desenvolvem. (SILVA; BRACHT, 2012).

Nessa direção, quando aplicado na Aula 11 da Unidade didática construída, o questionário de autoavaliação, com o intuito de análise e conclusão diante das atividades vivenciadas durante o bimestre, os alunos apresentaram algumas impressões sobre suas participações:

“foi a primeira vez que fizemos algo juntos assim, com todos participando, como o seu projeto de planejamento participativo professora.” (Mel).

“de todas as atividades, até quem não faz muito, alguma coisa fez.” (Raquel).

“eu só não dancei na festa junina, porque não gosto de dançar, o resto eu participei de tudo.” (Cássio).

“com as aulas assim ficou mais legal.” (Bele).

“no começo não gostei muito, professora, porque não gostei do grupo que caí, mas

agora queria que fosse sempre assim, a gente planejando junto com você.” (Boruto).

“a professora poderia trazer mais coisas diferentes, como foi a aula livre de Capoeira.” (Messi) (Diário de aula 11, p. 6).

As narrativas destacam diversas impressões dos alunos refletindo sobre suas participações e, assim como o professor carrega suas histórias de vida no relacionamento com sua profissão, ressaltamos que as experiências vividas nesse contexto são carregadas pelos alunos e transferidas para outros espaços, além do escolar. A intenção proposta em todo o percurso construído, foi contextualizar as experiências vividas pelos alunos com práticas que transcendam condutas verticais nas relações entre os sujeitos da escola, e redimensione as questões problematizadoras para uma dimensão horizontal entre os sujeitos, buscando a compreensão mais próxima com seus saberes e contextos potencializados pelo diálogo. (DALMÁS, 2014).

Defendemos que, de alguma forma, uma pesquisa científica deva contribuir com uma possibilidade de transformação da sua realidade motivadora, com isso, buscamos apresentar aos alunos reflexões e possibilidades no processo de ensino e de aprendizagem que cem por cento dos alunos sinalizou na autoavaliação nunca terem vivenciado antes, que seria a participação em uma dinâmica de planejamento participativo, aplicado através de estratégias participativas.

Numa análise de todo esse processo, podemos elencar como relevante muitos momentos compartilhando uma dinâmica antes não trabalhada, possibilidades reais de assimilação efetiva do conteúdo desenvolvido, no sentido de superar uma nova realidade que se apresentava. Alunos que ficaram por um longo período em isolamento social e voltaram a um ambiente escolar diferente do que deixaram, com regras e normas sanitárias a cumprir, com o uso de máscaras, álcool em gel, e distanciamento social. Esse conjunto de elementos causado pelo momento pós pandêmico vivido na realização da pesquisa, não teve impacto direto em sua aplicação, mas sua síntese sempre esteve presente no percurso. A temática do planejamento e das estratégias participativas trouxe a possibilidade de ressignificar diversas práticas pedagógicas, buscando ações que de alguma forma incentivassem a participação de todos os alunos nas práticas corporais experienciadas.

Assim, destaco a ressignificação presente na dinâmica da “aula livre” existente no combinado pedagógico com os alunos, eixo central do produto educacional apresentado a seguir.

Como produto educacional relacionado à pesquisa de campo realizada nesta dissertação de mestrado, foi desenvolvido um aplicativo educacional chamado Planeja Livre (Imagem 18), voltado para o planejamento participativo aplicado através de estratégias participativas e subsidiado em um combinado pedagógico desenvolvido através da dinâmica da “aula livre”, em que a autonomia e as tomadas de decisões foram destacadas. (BATALHA, 2019).

Imagem 18 - Slogan do aplicativo Planeja Livre.



Fonte – Arquivo da autora.

Quando ouvimos falar em combinado pedagógico, logo imaginamos um conjunto de regras a cumprir, um pacto ou um acordo entre partes interessadas, mas afinal a quem interessa? Quem está envolvido? O que é um combinado pedagógico? Segundo Monteiro e Milan (2014, p. 1):

[...] é o conjunto de comportamentos do professor que são esperados pelos alunos e o conjunto de comportamentos do aluno que são esperados pelo professor. [...] Esse contrato é o conjunto de regras que determinam uma pequena parte explicitamente, mas sobretudo implicitamente, do que cada parceiro da relação didática deverá gerir e daquilo que, de uma maneira ou de outra, ele terá de prestar conta perante o outro.

Esses comportamentos regulam o funcionamento da aula e as relações professor-aluno-saber, definindo assim os papéis de cada um. Assim é possível observar uma situação de ensino por meio das relações que se movimentam. (MONTEIRO; MILAN, 2014).

Relações essas que têm como ponto de partida do aplicativo a dinâmica da “aula livre”, que consiste no fim de cada mês, conteúdo ou bimestre – fatores esses ajustáveis pelo professor dentro do seu combinado pedagógico – aplicar essa dinâmica da seguinte forma: os alunos possuem esse período predefinido para combinar entre si quais atividades serão realizadas no dia da aula livre, utilizando diversas ferramentas dispostas no aplicativo para dispor seus conhecimentos, interesses, necessidades, poder de escolha e intervenções dentro desta situação didática. (Imagem 19).

Imagem 19 - Interface do aplicativo Planeja Livre.



Fonte – Arquivo da autora.

A interface do aplicativo nos apresenta os seguintes campos apresentados no quadro 8, a seguir:

Quadro 8 - Campos do aplicativo.

CAMPOS	OBJETIVOS
- Nome de apresentação.	- Apresentação.
- Mês de vigência do combinado pedagógico.	- Identificação do período de vigência do combinado pedagógico.
- Conteúdo do mês.	- Apresentar o conteúdo que está sendo desenvolvido naquele mês em específico.
- Chat.	- Interação entre os alunos, troca de experiências e intervenções.
- Minhas atividades do mês.	- Votar em três atividades escolhidas (esses dados podem ser alterados durante todo o período vigente de votação).
- Ranking das atividades.	- Visualização das atividades que estão em melhor posição de escolha durante o período de vigência da votação (proporciona o desenvolvimento de estratégias de escolha).
- Resultado da aula livre.	- Armazena por ordem cronológica as escolhas da sala, mês a mês em específico.
- Autoavaliação.	- Campo reservado para a autoavaliação do aluno, com três perguntas específicas: O que mais gostei? O que menos gostei? Sugestão para o próximo mês.
- Calendário.	- Agendar datas relevantes para orientação.
- Mural.	- Armazenamento de fotos, vídeos, produções da sala.
- Perfil.	- Dados do aluno.

Fonte: Elaborado pela autora.

O aplicativo foi utilizado com a turma do 4º ano A, durante os meses de outubro e novembro de 2022, a partir de um olhar de análise das potencialidades da vivência de uma ação pedagógica antes já existente, agora transformada pela junção inovadora do combinado pedagógico e a tecnologia como estratégia de ensino.

Diante dessa realidade Hildebrandt e Laging (1986), afirmam que a ideia de os alunos participarem das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro do complexo de decisão, são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor.

Nessa proposta apresentada e desenvolvida, a relação entre professor e aluno foi construída e problematizada em conjunto. A autonomia foi uma condição no processo

comunicativo, tornando horizontais as ações e decisões pedagógicas, tendo a ideia de promover a capacidade crítica e reflexiva, reduzindo a descrença do aluno na capacidade de suas realizações.

Analisando os dados apresentados vale ressaltar que os alunos, nesses dois meses demonstrados, não indicaram diretamente os conteúdos trabalhados com o 4º ano no quarto bimestre do ano letivo de 2022, seguindo o documento norteador (Currículo Paulista), Corpo, movimento e saúde: Habilidades motoras básicas e Esportes: jogos pré-desportivos de rede, parede e invasão. Indicaram, por exemplo, em outubro: 1º queimada, 2º pique-bandeira e sendo repetida essa escolha novamente no mês seguinte; mesmo essas duas atividades tratando-se de jogos pré-desportivos de esportes de invasão, apresentam dinâmicas bastante parecidas, de dois times um contra o outro, e já eram atividades conhecidas dos alunos, demonstrando um certo favoritismo dos alunos na escolha dessas atividades, mesmo antes da apresentação do conteúdo proposto. (Imagens 20 e 21).

Imagem 20 – Ranking das atividades escolhidas no mês de outubro 2022.



Fonte – Arquivo da autora.

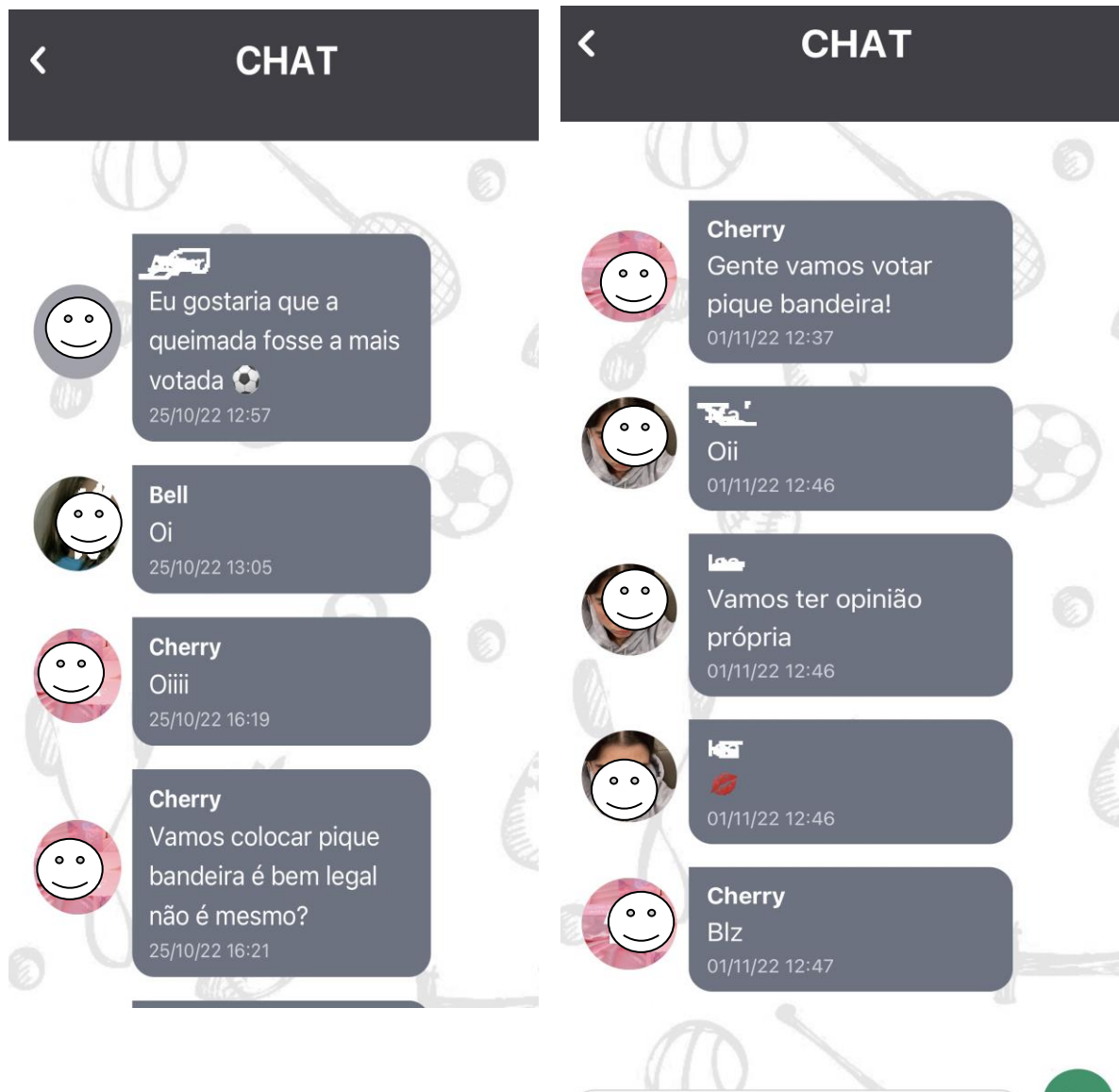
Imagem 221- Ranking das atividades escolhidas mês de novembro/2022.



Fonte – Arquivo da autora.

No desenvolvimento do campo chat, percebemos um movimento de convencimento entre os alunos com relação às atividades a serem realizadas e a liderança entre eles. (Imagem 22)

Imagem 22 - Desenvolvimento de conversas no chat do aplicativo.



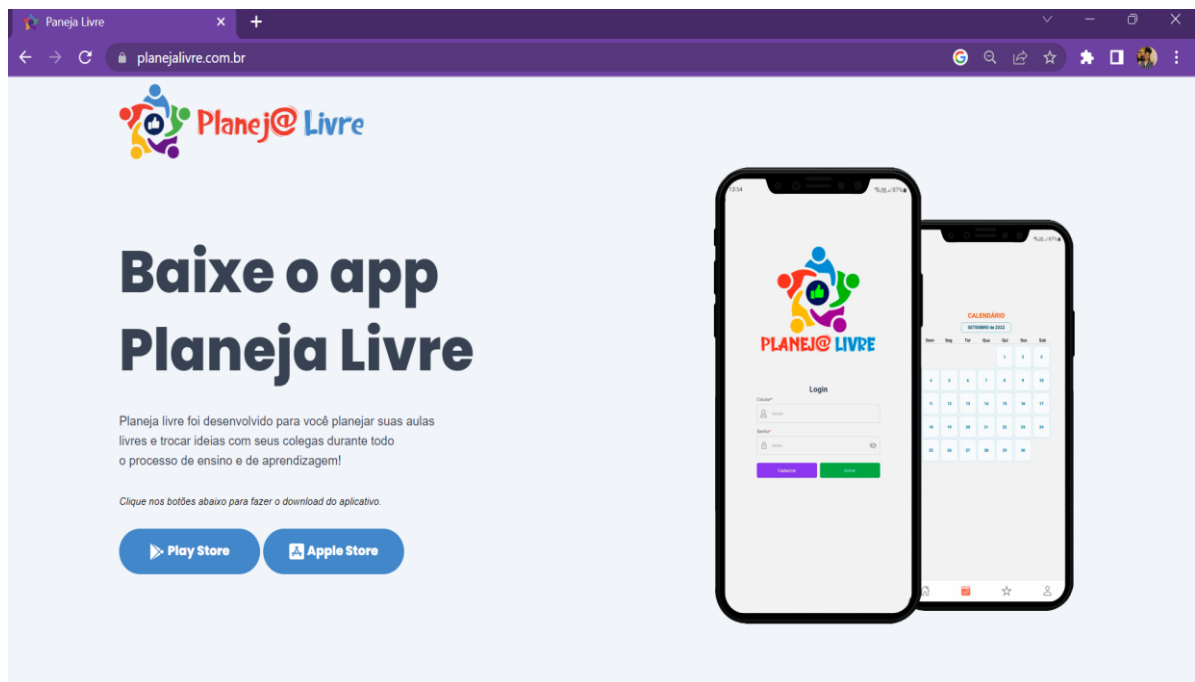
Fonte – Arquivo da autora.

O aplicativo como ação pedagógica, além das indicações das práticas corporais escolhidas, possibilitou na realização das mesmas a participação de todos os alunos de forma igualitária diante da atuação apresentada, com o mesmo espaço entre meninas, meninos e alunos com dificuldades nas práticas corporais neste momento de “aulas livres”.

Acreditamos que o uso de estratégias pedagógicas como o combinado pedagógico baseado na “aula livre”, com o intuito de estimular e desenvolver a criatividade do aluno frente aos objetivos e conteúdos previamente discutidos, pode ser um espaço de produção de conhecimento e aprendizado, desde que seja parte do planejamento de ensino e do currículo escolar.

O aplicativo Planeja Livre foi desenvolvido como produto educacional, apresentado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de São Carlos. (Imagem 23). O link para acesso ao aplicativo é: <https://www.planejalive.com.br/>

Imagem 23 - Interface site do aplicativo Planeja Livre.



Fonte – Arquivo da autora.

A seguir, apresento as considerações finais a partir da elaboração deste trabalho de pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos que uma pesquisa científica deva contribuir de alguma forma para que suas descobertas possam apresentar possibilidade para transformação da realidade que motivou a pesquisa através de seu objetivo. Assim, buscamos analisar as implicações de um processo de ensino para a construção de conhecimentos relativos à experimentação de práticas corporais por meio de estratégias participativas nas aulas de Educação Física.

Abordamos essa temática por acreditarmos na possibilidade de ressignificar nossa prática pedagógica, buscando estratégias que possam incentivar a participação dos alunos nas práticas corporais experienciadas nas aulas de Educação Física escolar e que, talvez fora do contexto escolar, não seriam apresentadas.

Segundo Tardif e Lessard (2014, p. 141), “ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos. Esta impregnação pelo objeto humano merece ser problematizadora, pois ela é o coração da profissão docente”. Essa reflexão dos autores nos mobilizou em um processo de desacomodação interna, o qual requer uma análise crítica do nosso papel como professor e profissional da educação, sendo em algumas situações desse processo necessário o rompimento de paradigmas que demandam um permanente processo de formação docente.

Importante lembrar que os processos de formação profissional implicam o sujeito num processo pessoal de questionamento do saber e experiência, numa atitude de compreensão de si mesmo e do real que o circunda, sendo sobretudo necessário reconhecer que somos seres inacabados e estamos em constante e dinâmico processo de ensino e de aprendizagem. (ALARCÃO, 2004).

Dentro desse contexto, a construção de conhecimentos através de estratégias participativas nas aulas e suas possibilidades foi um desafio pessoal e coletivo. Assim, as perspectivas dos alunos perpassaram pela dificuldade em definir critérios de organização e escolhas dos elementos, por não possuírem experiências anteriores na organização do tempo e iniciativa do processo. Na perspectiva do professor reverberam implicações dentro de um papel social muitas vezes atribuído, como o de ensinar de forma transmissora e verticalista. Essa perspectiva foi considerada por Freire (1996) como educação bancária, pois para ele, a educação bancária é uma prática de dominação caracterizada por uma relação verticalista entre professor e aluno, inviabilizando ações dialógicas e reflexivas. Sob a mesma perspectiva, Dalmás (2014) nos traz que a tradição educativa está ligada numa estrutura

verticalista e redimensioná-la para uma dimensão horizontal é uma das dificuldades e ao mesmo tempo, pressuposto para o planejamento participativo.

Nesse momento nos deparamos com a proposta de planejamento participativo apresentada por Gandin (2001). Esta se fundamenta em uma escola dentro do campo de propostas de ferramentas para intervir na realidade, em que os alunos com seu saber próprio, com sua consciência, organizam seus problemas, suas ideias, seu conhecimento da realidade, proporcionando que todos cresçam juntos, transformando a realidade e criando o novo.

Dito isso e considerando o objetivo da pesquisa, saliento que o seu processo de desenvolvimento não foi totalmente participativo e sim uma margem, onde trabalhei através das possibilidades que me foram apresentadas durante o percurso, sendo o planejamento participativo aplicado através de estratégias participativas.

Posteriormente, nos baseamos em ideias contidas na literatura que tratavam do assunto para guiar nossas perspectivas de ação e investigação. Hildebrandt e Laging (1986) através de seu estudo denominado “Concepções abertas de ensino da Educação Física”; Kunz (1991) corroborando com essa perspectiva através de seu trabalho “Educação Física: ensino e mudanças”, e a discussão entre as diferenças dos termos “aula livre” e “tempo livre”, com o primeiro fazendo referência à prática do “rola bola” durante todo o tempo de aula, fazendo alusão ao desinvestimento pedagógico (SILVA; BRACHT, 2012), e o segundo dentro do tempo total de duração da aula, considerando destinar um “tempo livre” para os alunos, caracterizando-o como um sistema de recompensa (ROCHA; DAÓLIO, 2014).

E, diante desses conceitos, ressignificar minha prática, meu contexto de ensino e de aprendizagem e do próprio termo “aula livre”, sendo este ligado ao desenvolvimento e estímulo da criatividade do aluno frente aos objetivos e conteúdos, criação de um espaço de produção de conhecimento e aprendizado quando entrelaçado ao planejamento e conteúdo escolar apresentado através de combinados pedagógicos, e as estratégias participativas que culminaram no eixo central do produto final dessa pesquisa, o desenvolvimento de um aplicativo educacional.

Com essa base teórica buscamos uma abordagem metodológica que nos permitisse reconhecer o contexto da escola e das aulas de Educação Física escolar, por meio de técnicas de coleta de dados que envolveram questionários e diários de aula, e sendo sempre baseado no diálogo com as ações didáticas construídas e desenvolvidas em um cenário real de ensino com o envolvimento de 26 alunos.

Com relação aos resultados identificados neste estudo encontramos duas categorias a saber: 1 – *A construção dos conhecimentos por parte dos alunos a partir do processo*

participativo, a qual nos permitiu analisar o processo de construção dos conhecimentos dos alunos, dentro do contexto das aulas de Educação Física diante do conteúdo apresentado; e, 2 – *Possibilidades e desafios na aplicação da proposta do planejamento participativo*, na qual buscamos promover meios que possamos reconhecer os problemas, exaltar as conquistas e em cima disso analisar e refletir sobre soluções viáveis, para que não fiquemos apenas nas denúncias e possamos fazer anúncios.

De modo geral, os instrumentos que utilizamos se mostraram eficientes no sentido de atingir os objetivos deste trabalho, nos permitindo a obtenção de informações valiosas para nosso estudo, sendo que a prática pedagógica construída evidenciou campos de interesse dos alunos, abrindo espaços para um estreitamento de vínculo com suas próprias aprendizagens e a partilha com o outro.

Esses elementos também potencializaram o desenvolvimento da autonomia, e que inicialmente foi um dos primeiros desafios encontrados, devido ao fato dos alunos não possuírem experiência passada de desenvolvimento com atividades que necessitassem dessa autonomia de modo recorrente e presente na aplicação das atividades.

Nesse sentido, essa prática pedagógica construída me ajudaria a melhor compreender a dinâmica das atividades propostas por mim nas aulas, principalmente através da oportunidade de ter um novo olhar sobre a realização de cada ação no decorrer do processo. Esse novo olhar me fez querer compreender melhor o fator autonomia dos alunos e meu papel como professora na ajuda de seu desenvolvimento, fato que possibilitou um maior diálogo com os alunos no dia a dia das aulas, enfatizando o papel de cada indivíduo quando se trata da construção coletiva proposta, tão comentada mas nem sempre muito compreendida na relação professor- aluno.

Diante disso, foram construídas oportunidades reais através de pesquisas, planejamentos, organizações e tarefas em que os alunos puderam adquirir a confiança necessária para serem responsáveis e contribuírem com um maior envolvimento e participação em todas as fases do processo de ensino e de aprendizagem.

Outro desafio encontrado foi relacionado a fatores extraclasse, como atrasos, problemas estruturais e demandas externas a cumprir. Esses fatores extraclasse nos permitiram uma reflexão sobre quanto o ambiente externo interfere e se manifesta no desenvolvimento das aulas diariamente, e quais procedimentos realizar em busca de minimizar essa interferência. Como nos trazem Lutz, Triani e Telles (2021), devemos saber interpretar os mecanismos externos para nos libertarmos dessas imposições e termos condições de reconhecer e facilitar suas resoluções.

Para além dos desafios, a promoção da proposta do planeamento participativo aplicado através de estratégias participativas foi uma importante contribuição por favorecer a corresponsabilidade entre professor e alunos, num processo que envolveu a socialização de saberes e experiências nunca vividas pelos alunos e pela professora. Para Sanches Neto (2007) é fundamental a participação e o envolvimento dos alunos em todas as aulas e situações propostas, com estratégias que possibilitem tais condições. O autor defende que as estratégias subsidiadas pelo ensino reflexivo colaboram com uma perspectiva crítica da realidade nas aulas de Educação Física. Correia (1996) destaca que uma educação com vistas à autonomia dos alunos, necessita ser vivenciada de forma que implique no exercício da reflexão crítica, nas escolhas e nas tomadas de decisões dentro do próprio processo educativo, como a experiência com o planeamento participativo.

Trabalhar com a estratégia do planeamento requer dos professores a sensibilidade cultural, a flexibilidade metodológica, a compreensão das características da sociedade contemporânea, somada à resiliência e à formação permanente.

Na concepção de Silva *et al.* (2020), o trabalho com propostas pedagógicas e estratégias que viabilizam a participação dos alunos podem contribuir com a democratização do ambiente escolar e favorecer a construção de um currículo dialógico e libertador.

A promoção de propostas pedagógicas estratégicas não deve vir acompanhada da ilusão de que os conteúdos propostos em si vão contribuir com a democratização do ambiente escolar e construção de um currículo dialógico, principalmente quando se está trabalhando com estratégias que nem sempre serão bem-sucedidas. É importante que o professor tenha claro que os resultados demandam tempo, exigindo paciência em relação aos resultados.

Somos conscientes que os resultados que obtivemos permite novas inquietações e questionamentos, com isso acreditamos que as realizações de outras pesquisas possam encontrar outros fatores que contribuam na aplicação do planeamento participativo e estratégias participativas, possibilitando contribuições na construção de conhecimentos relativos à experimentação de estratégias participativas nas aulas de Educação Física.

Dessa maneira, defendemos a importância de um planeamento contextualizado, sendo ele capaz de fornecer subsídios significativos à formação de um ser, no alcance de um objetivo determinado.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época; 103).
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 2012. 98p.
- BAPTISTA, G. L. Planejamento participativo em turmas de aceleração de terceiro ciclo do ensino fundamental. **COLÉGIO PEDRO II - Revista do Departamento de Educação Física**. Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jul./dez. 2020, p. 139 - 153.
- BARROSO, A. L. R. **Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF – Disciplina Problemáticas da Educação Física, 2020.
- BATALHA, E. R. C. **Recomendações técnicas para construção dos produtos educacionais – 2019**. Disponível em: <http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/1644/PRODUTO%20%20EDUCACIONAL%20Eliana%20Batalha.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 03 jan. 2022.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 07 de março de 2022.
- _____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. CALLAI, A.. N. A.; BECKER, E.. P.; SAWITZKI, R. L. Considerações acerca da educação física escolar a partir da BNCC. **Conexões**, v. 17, p. e019022–e019022, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8654739> Acesso em: 08 fev. 2022.
- CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **RBCE [on-line]**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338529003> . Acesso em 24 out. 2021.
- CARNEIRO, E. B. Planejamento participativo nas aulas de Educação Física no ensino noturno: um relato de experiência. **Revista Digital de Educación Física y Deportes**, a.11, n.98, 2006. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd98/noturno.htm>. Acesso em 24 set. 2022.
- CHARLOT, B. **Da Relação com o Saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014.
- COLLIER, L. S. Planejamento participativo em educação física escolar e a construção de um currículo multicultural. **E-curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 2158–2175, 2014.
- CORREIA, W. R. Planejamento participativo e o ensino de educação física no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 2, p. 43-48, 1996.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- DALMÁS, A. **Planejamento Participativo na escola: elaboração, acompanhamento e avaliação**. 18. edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- DARIDO, S. C. **Os conteúdos na educação física escolar**. Jul, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266186057_OS_CONTEUDOS_NA_EDUCA

CAO_FISICA_ESCOLAR>. Acesso em 24 out. 2021.

FARIAS, U. S. et al. Educação Física Escolar no Ensino Fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 1-24, 2019.

FERNANDES, L. P.; MULLER, V. R. **Exclusão e inclusão social: contribuições e experiências inclusivas na Educação Física**. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov/arquivos/File/producoes_pde/artigo_luciane_pereira_fenandes.pdf>. Acesso em 24 out. 2021.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, I. B.; MEDEIROS, R. M. N.. Esporte de invasão na perspectiva de aulas abertas de ensino: um relato de experiência. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 7, n. 1, 2016.

GANDIN, D. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. **Currículo sem fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 81–95, 2001.

_____. **A prática do planejamento participativo**. 22. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013a.

_____. **Soluções de planejamento para uma prática estratégica e participativa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013b.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002 p. 67-80.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF – Disciplina Problemáticas da Educação Física, 2020.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

HIRAI, R. T.; CARDOSO, C. L. Para a compreensão da concepção de “aulas abertas” na educação física escolar: orientada no aluno, no processo, na problematização, na comunicação e ... **Motrivivência**. Florianópolis, v. 1, n. 27, p. 119–138, 2006.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. **Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF – Disciplina Problemáticas da Educação Física, 2020.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. **Didática da Educação Física**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004. (Coleção Educação Física, v.2).

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola–teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

- LUTZ, T.; TRIANI, F. S.; TELLES, S. C. C. O “tempo livre” nas aulas de educação física: as estratégias de negociação no campo das relações entre professores e alunos. **Humanidades & Inovação**. Palmas, v.8, n.38, p. 131-140, 2021.
- MATIAS, R. A. **Luta na escola**: possibilidades de intervenção à luz do se movimentar. 2013. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MONTEIRO, P.; MILAN, I. **Contrato didático**: a relação aluno-professor mediada pelo conhecimento. *Ensino da matemática em debate*. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/emd/article/view/19860>>. Acesso em 20 nov. 2022.
- MOURA, D. L.; SOARES, A. J. G. Culture and physical education: An ethnographic analysis of two proposed pedagogical. **Movimento**,. Porto Alegre. v. 20, n. 2, p. 687–709, 2014.
- NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S.; (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS/ Sulina, 1999. p. 61-99.
- NOGUEIRA, V. A. O planejamento participativo na Educação Física escolar: relatando a construção de projetos. In: SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Anais...** São Paulo, USP, 2016. Disponível em: http://www2.fe.usp.br/~gpfe/semef2016/visemef_arquivos/Textos%20completos/valdirene.pdf f. Acesso em 25 set. 2022.
- OLIVEIRA, E.S. et al. A educação a distância (Ead) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n. 7, p. 52860–52867, 2020.
- ROCHA, R. L. F.; DAOLIO, J. A prática pedagógica de educação física no currículo de São Paulo: espaço de tensão entre o tradicional e o novo. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p.517-529, jan./mar. 2014.
- SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. S.; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.
- SANCHES NETO, L. A brincadeira e o jogo no contexto da Educação Física na escola. In: SCARPATO, M. (Org.). **Educação Física: como planejar as aulas na educação básica**. São Paulo: Avercamp, 2007, p. 109-130.
- SANSEVERINO, M. A. et al. Construção de material psicoeducativo durante a pandemia da COVID-19: cartilha sobre saúde para crianças/ Construction of psychoeducational material during the COVID-19 pandemic: a booklet about children’s health. **Brazilian Journal of Health Review**. Paraná, v. 4, n. 3, p. 9919–9935, 2021.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Currículo Paulista, Currículo em Ação: 4º ano Ensino Fundamental. SEDUC/Undime SP. São Paulo: SEDUC/SP, 2019. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/educacao-infantil-e-ensino-fundamental/materiais-de-apoio-2/> Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Currículo Paulista, Currículo em Ação: 7º ano Ensino Fundamental. SEDUC/Undime SP. São Paulo: SEDUC/SP, 2021. Disponível em:

<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/educacao-infantil-e-ensino-fundamental/materiais-de-apoio-2/> Acesso em: 13 de janeiro de 2022.

SILVA, E. C.; MOREIRA, E. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Objetivos e conteúdos para o ensino e aprendizagem da educação física na escola.** Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Disciplina Escola, Educação Física e Planejamento. 2021.

SILVA, J. R. **Hoje o aluno não vai para a aula:** reflexões acerca da autonomia do professor e a não participação dos alunos nas aulas de Educação Física. Monografia (Curso de Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2017.

SILVA, L. C. B. et al. Sleep, sedentary behavior and physical activity: changes on children's routine during the COVID-19. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 25, n. 69, p. 1–9, 2020.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 80-94, 2012.

SOUZA, A. G.; FREIRE, E. S. Planejamento Participativo e Educação Física: Envolvimento e opinião dos alunos do ensino médio. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 3, p.29-36, jul. 2008.

TARDIF, M; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VIDOTTI, P. H. C. **A Educação Física e as dimensões do conhecimento na BNCC: um estudo a partir dos planos de ensino dos professores de uma rede municipal de ensino.** Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 207 p. , 2020.

WIGGINS, G.; MCTIGHE, J. **Planejamento para a compreensão: alinhando currículo, avaliação e ensino por meio do planejamento reverso.** 2. ed. (ampliada). Porto Alegre: Penso, 364 p., 2019.

ZABALA, A. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. In:_____. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. p. 27-52.

ZABALZA, M. A. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento pessoal.** Trad. de Ernani F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Itápolis, ____ de _____ de 2022.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa com o nome “*A construção do conhecimento da Educação Física a partir da experimentação: uma proposta de planejamento participativo*”. O objetivo do trabalho é analisar as implicações de um processo de ensino para a construção de conhecimentos relativos à experimentação de estratégias participativas nas aulas de Educação Física.

A sua participação irá ajudar a entender e construir uma elaboração de processo de ensino, através da utilização da experimentação e do planejamento participativo como uma possibilidade pedagógica, de forma a considerar os alunos como parte essencial do processo de ensino e de aprendizagem.

As aulas de Educação Física na proposta de planejamento participativo serão desenvolvidas pela sua professora de Educação Física, que também é a pesquisadora responsável pelo estudo. Caso você aceite, irá responder um questionário e participar do planejamento e das aulas junto com a professora e demais colegas.

Os riscos da pesquisa estão ligados aos riscos das aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega, cair. Você também poderá ter algum desconforto ao responder o questionário, participar do planejamento e das aulas. Mas se acontecer alguma dessas coisas, a professora-pesquisadora vai tomar todas as providências e vai dar toda a ajuda que você precisar.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda alguma coisa ou não goste de qualquer situação que estiver participando durante as aulas de Educação Física ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, pessoalmente ou pelo e-mail: XXXXXXXXXXXX ou pelo telefone XXXXXXXXXX, ou professor XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: XXXXXXXXXXXX ou pelo telefone XXXXXXXXXX.

Não vamos falar seu nome em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo professora-pesquisadora.

Você não vai receber nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)

Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235

Contato telefônico: XXXXXXXXXXXX

e-mail: XXXXXXXX

Itápolis, _____ de _____ de 2022.

Prof. Dr. Glauco N. S. Ramos

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável

Itápolis, ____ de _____ de 2022.

O/a menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para participar da pesquisa intitulada “*A construção do conhecimento da Educação Física a partir da experimentação: uma proposta de planejamento participativo*”. O objetivo do trabalho é analisar as implicações de um processo de ensino para a construção de conhecimentos relativos à experimentação de estratégias participativas nas aulas de Educação Física.

A participação dele/a irá ajudar a entender e construir uma elaboração de processo de ensino, através da utilização da experimentação e do planejamento participativo como uma possibilidade pedagógica, de forma a considerar os alunos como parte essencial do processo ensino aprendizagem.

As aulas de Educação Física na proposta de Planejamento Participativo serão desenvolvidas pela professora de Educação Física, que também é a pesquisadora responsável pelo estudo. Ele/a irá responder um questionário e participar do planejamento e das aulas junto com a professora-pesquisadora e demais colegas, pois essa é a premissa do Planejamento Participativo.

Os riscos da pesquisa estão vinculados às próprias características das aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega ou leve escoriação. Ele/a poderá sentir algum desconforto ao responder o questionário, participar do planejamento e das aulas. Em caso destas ocorrências a professora-pesquisadora irá oferecer todo o suporte necessário.

Ele/a não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito dele/a. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda algo ou não goste de qualquer situação que identificar durante as aulas ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora XXXXXXXXXXXXXXXX, pessoalmente ou pelo e-mail: XXXXXXXXXXXXXXXX ou pelo telefone XXXXXXXXXXXXXXXX, ou professor XXXXXXXXXXXXXXXX, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: XXXXXXXXXXXXXXXX ou pelo telefone XXXXXXXXXXXXXXXX.

O nome/identificação dele/a não será citado em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que ele/a fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pela professora-pesquisadora.

Ele/a ou o/a responsável, não receberão nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os direitos dele/a como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do/a menor sob minha responsabilidade na pesquisa e concordo que ele/a participe. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110.

Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: XXXXXXXXXXXXXXXX

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)

Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235

Contato telefônico: XXXXXXXX e-mail: XXXXXXXX

Eu, _____, CPF
_____, o/a autorizo a participar da pesquisa.

Assinatura do/a responsável

Assinatura do/a pesquisador/a

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO 1

Queridos alunos,

As perguntas abaixo fazem parte da pesquisa para o Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Professora Cristina Gil de Carvalho Baio. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos. Não existem respostas certas ou erradas, portanto sinta-se à vontade para responder de forma espontânea e sincera.

Primeiro bloco – Caracterização do participante
Nome: _____ 4° ano A
Idade: _____ Gênero: _____
Segundo Bloco – Caracterização período de isolamento social vivido
<p>1. Sua família ficou em isolamento social?</p> <p>() não</p> <p>() sim, todos os membros da família.</p> <p>() sim, alguns membros da família.</p> <p>2. Você achou importante aderir ao isolamento social?</p> <p>() sim, foi importante colaborar na não disseminação do coronavírus.</p> <p>() não, acho que por não fazer parte do grupo de risco, deveria continuar minhas atividades.</p> <p>() para mim foi indiferente.</p> <p>3. Quanto tempo você ficou na internet comparado a utilização antes da pandemia?</p> <p>() mais.</p> <p>() menos.</p> <p>() igual.</p> <p>4. Qual foi a utilidade da internet neste período?</p> <p>() estudar.</p> <p>() ver notícias.</p> <p>() falar com amigos.</p> <p>() falar com membros da família.</p> <p>() entretenimento (vídeos/ filmes).</p> <p>() jogar.</p> <p>5. Com o isolamento social você se sentiu diferente?</p> <p>() sim.</p> <p>() não.</p>

6. Quais foram seus sentimentos durante o distanciamento ou isolamento social?

para mim foi indiferente.

medo.

raiva.

otimismo.

tristeza.

irritação.

solidão.

solidariedade.

esperança.

7. Durante o distanciamento ou isolamento social você e sua família praticaram alguma atividade física.

sim.

não.

8. Se sim, quais foram as atividades físicas que vocês praticaram?

9. O que você espera deste retorno às aulas depois da pandemia?

será diferente.

será igual.

um pouco diferente.

Por que?

10. Você sentiu falta da escola e dos seus colegas?

sim.

não.

às vezes.

11. Para os que responderam sim ou às vezes, o que você sentiu mais falta da escola?

12. Quais atividades das aulas de Educação Física Escolar você sentiu mais falta?

APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO AUTOAVALIAÇÃO

Nome: _____ 4º ano A

Apelido: _____ Data: _____ / 08 / 2022

Queridos alunos,

As perguntas abaixo fazem parte da pesquisa para o Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Professora Cristina Gil de Carvalho Baio.

Durante o segundo bimestre letivo do ano de 2022 tivemos a oportunidade de conhecer e vivenciar o Planejamento participativo em relação aos conteúdos: Lutas – lutas do contexto regional, matriz indígena e africana e Danças – danças do Brasil, matriz indígena e africana.

Segue abaixo sua autoavaliação, para que possamos concluir a unidade temática.

Procure ser o mais sincero possível ao preencher o que se pede em relação a sua participação em cada etapa do processo de nossas aulas.

Marque com um “X” a coluna correspondente a sua participação:

Ordem	Atividade	Participei da atividade em sua totalidade	Participei da atividade em parte	Não participei da atividade	Não estava presente na aula no dia da atividade
1	Organização do planejamento participativo durante o bimestre.				
2	Nuvem de ideias (grupo de WhatsApp).				
3	Confecção do cartaz (tipos de lutas, golpes e características).				
4	Vivência Jogo dos agrupamentos – descobrindo os gestos, tipos e características das lutas.				
5	Pesquisa individual Lutas de matriz indígena e africana.				
6	Vivência Jogos de oposição, ataque e defesa, equilíbrio e desequilíbrio, conquista de território e imobilização.				
7	Vivência aula livre – Luta de matriz africana Capoeira.				
8	Vivência – Criando Nossas Lutas.				
9	Escolha da Dança a ser apresentada na festa junina.				
10	Participação dos ensaios e apresentação final da dança do Coco na festa junina.				

Sendo o mais sincero possível ao preencher, responda as três questões a seguir:

1 – Ao longo da sua experiência escolar, diante de todas as disciplinas curriculares, você já havia participado da dinâmica do Planejamento Participativo?

() Não.

() Sim.

Se a resposta for Sim, me conte como foi essa experiência para você:

2 – Após ter participado e vivenciado as aulas diante da dinâmica do Planejamento Participativo, qual atividade você **mais** gostou? Por quê?

3 – Após ter participado e vivenciado as aulas diante da dinâmica do Planejamento Participativo, qual atividade você **menos** gostou? Por quê?

APÊNDICE E: DIÁRIOS DE AULA

DIÁRIO DE AULA 01

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A		Período: matutino	
Data	25/04/2022	Conteúdo - Avaliação diagnóstica / Aplicação questionário 1			
Estudantes presentes	M	16	F	10	
Estudantes que participaram	M	16	F	10	
Estudantes que faltaram à aula	M	00	F	00	
Comportamento dos estudantes					
Os estudantes se comportaram dentro da normalidade e todos realizaram a atividade prevista.					
Observações					
<p>A aula teve início com a explicação que essa seria a primeira aula do cronograma pré estabelecido para a aplicação da minha pesquisa diante da perspectiva do Planejamento Participativo e Aulas Livres explicado aos alunos no momento da entrega dos Termos de Assentimento e Consentimento Livre e Esclarecido.</p> <p>Com o intuito de mapear este período recente de volta às aulas, após um período pandêmico e de isolamento social, onde os alunos ficaram sem aulas presenciais por um longo período de tempo, foi realizada a aplicação do questionário 1 e explicada sua realização aos estudantes.</p> <p>Após as explicações, os questionários foram distribuídos para que fossem respondidos. Junto com os alunos realizei a leitura de uma questão por vez e fui tirando as dúvidas conforme elas surgiam.</p> <p>Os estudantes responderam o questionário com o tempo médio de 40 minutos, devido ao detalhamento e direcionamento dado minuciosamente para que eles respondessem as 12 questões que faziam parte do questionário diagnóstico 1. Direcionamentos como: “<i>se eram para responder de lápis ou a caneta, a cor da caneta que poderiam usar, se era o nome inteiro ou só o primeiro nome no cabeçalho, o significava a palavra gênero</i>”.</p> <p>Durante a aplicação do questionário surgiram falas que chamaram atenção conforme abaixo:</p> <p>Referente a questão 3 – Quanto tempo você ficou na internet comparado a utilização antes da pandemia?, o aluno Mbappé disse: “<i>que além da escola ter virado on line, como ele não tinha nada pra fazer ficou muito mais tempo jogando vídeo game</i>”. A aluna Mel disse: “<i>como não tinha celular próprio, brincava muito mais na rua</i>”.</p> <p>Referente a questão 4 – Qual foi a utilidade da internet neste período?, a questão contava com 6 alternativas e eles poderiam marcar mais que uma, a aluna July disse: “<i>professora vou colocar todas, porque eu usei todas</i>”. O aluno Mbappé perguntou: “<i>Professora como assim, aula on line conta como essa opção estudar?</i>” E eu respondi, sim Mbappé aula on line é estudo.</p> <p>Referente a questão 6 – Quais foram seus sentimentos durante o distanciamento ou isolamento social?, a questão contava com 9 alternativas e eles poderiam marcar mais que uma. Dentre as alternativas tinha otimista, a aluna Raquel perguntou: “<i>O que é otimista?</i>”, e eu respondi que é uma pessoa que pensa que tudo vai dar certo e tem bons pensamentos, em seguida o aluno Mbappé complementa “<i>que não é fácil ser otimista hoje em dia</i>”. A aluna Clarinha marcou e quiz exemplificar seus três sentimentos: “<i>irritação com minha irmã, solidão, por não poder sair de casa e esperança com o hora de voltar para escola</i>”.</p> <p>Referente a questão 8 – Quais foram as atividades físicas praticadas no período de</p>					

isolamento social? A aluna July disse: *“Professora na frente da minha casa tem um campinho e um parquinho, então eu ficava lá o dia inteiro”*.

Referente a questão 9 – O que você espera deste retorno às aulas após a pandemia por que? O aluno Mbappé disse: *“será diferente por causa das máscaras e da vacina, as máscaras já estão liberadas, mas em farmácia e hospital ainda tem que usar né”*.

Referente a questão 10 – Você sentiu falta da escola e dos seus colegas? A aluna July disse: *“senti falta dos professores, de Artes, Educação Física e minhas amigas e bilhetinhos”*, a aluna Bele disse: *“Educação Física, Artes e o recreio”* e o aluno Mbappé disse: *“eu senti falta só de Educação Física e da quadra”*.

Referente questão 12 – Quais atividades das aulas de Educação Física Escolar você sentiu mais falta? Aluno Mbappé: *“eu só coloquei aula livre e queimada”*. Aluna Mel: *“professora eu gosto da queimada com a mão fria, e sem o morto girando”*.

Após a aplicação do questionário tivemos uma roda de conversa, onde fiz questionamentos sobre a importância dessa avaliação diagnóstica e perguntei se já haviam realizado atividades similares por outros professores e todos os alunos responderam que nunca vivenciaram nada similar, a aluna Mel observou: *“professora o que a gente faz todo começo de ano é escrever naquele papelzinho algumas palavras com a professora da sala”*, se referindo a sondagem feita no início de todo ano pelos professores pedagogos. Os questionários respondidos foram recolhidos e explicado para eles que após eu tabular os dados por eles respondidos seria feita uma devolutiva para sala sobre os resultados obtidos. O aluno Lipe disse: *“nunca fizemos nada assim antes, vai ser legal saber a resposta da sala”*.

Questionei também se eles acreditavam ser importante a aplicação do questionário e com relação as expectativas com as próximas aulas de Educação Física, obtive as seguintes respostas: a aluna Bele respondeu: *“acho que o questionário vai ajudar a professora a organizar sua pesquisa”*. Aluna July: *“a professora vai saber nossos sentimentos e o que aconteceu com a gente”*. Aluno Mbappé: *“acho que vamos menos na quadra”*. Aluno Will: *“estou animado professora, isso vai ajudar a trazer coisas novas e se a gente escolher, vai ser o que a gente gosta”*.

Acredito que as falas dos alunos me permitem refletir sobre a necessidade de ouvi-los para que eu possa atribuir sentido as práticas corporais das aulas de Educação Física Escolar e o eixo central da minha pesquisa que é o Planejamento Participativo, criando um ambiente de diálogo onde os alunos expressando suas opiniões contribuam e fortaleçam a pesquisa.

DIÁRIO DE AULA 02

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino	
Data	02/05/2022	Conteúdo – Avaliação diagnóstica / Sondagem / Início confecção cartaz. Atividade prática – Descobrimo os gestos, tipos e características das lutas.		
Estudantes presentes	M	14	F	10
Estudantes que participaram	M	14	F	10
Estudantes que faltaram à aula	M	02	F	00
Comportamento dos estudantes				
Todos os estudantes presentes se envolveram com a aula e as atividades propostas.				
Observações				
<p>A aula desta semana teve início através de uma atividade enviada no grupo de WhatsApp da sala. Criado previamente para uma melhor comunicação entre eu e os alunos, envio de recados, iniciar atividades que necessitem de internet e acesso a tecnologias, pois não posso contar somente com a sala de informática da escola, devido ao grande fluxo de uso e a instabilidade da rede de internet existente na escola.</p> <p>A atividade enviada foi com o objetivo de avaliação diagnóstica / sondagem, sobre o repertório dos alunos com o tema Lutas. Através de um link do aplicativo Mentimeter, foi feita a seguinte pergunta: O que a palavra LUTAS significa para você?. A resposta dos alunos formou previamente uma tempestade de ideias / nuvem de palavras, que foi a introdução do Planejamento Participativo na dinâmica da pesquisa.</p> <p>Na primeira parte da aula fomos à sala de informática, iniciei a aula com o objetivo de aprofundar a explicação sobre o projeto de pesquisa para os alunos. Expliquei aos alunos que o objetivo do trabalho é analisar um processo de ensino da Educação Física no qual a experimentação e o Planejamento Participativo serão evidenciados. Quando disse isso, a primeira pergunta já surgiu do aluno Messi: <i>“O que é isso professora, experimentação?”</i>. Eu respondi: <i>“Experimentar se nós (professora e alunos) planejando as aulas juntos conseguimos mostrar o quanto a disciplina de Educação Física é importante dentro do ambiente escolar e se o Planejamento Participativo poderia contribuir para superar a defasagem deixada com o longo período de isolamento, longe da escola”</i>. Logo após Raquel perguntou: <i>“Como assim Planejamento Participativo?”</i>. Eu disse: <i>“Raquel, o Planejamento Participativo é um processo, onde vocês alunos, participam efetivamente da construção das aulas e do que irá acontecer em cada aula, como o que vocês fizeram nesta primeira atividade que foi a tempestade de ideias ou nuvem de palavras, que enviei para ser realizada no grupo de WhatsApp e todos colocaram suas ideias lá, e daqui a pouco vamos ver a nuvem de ideias que o 4º ano A criou”</i>.</p> <p>Dei continuidade explicando que o conteúdo a ser abordado no segundo bimestre, seguindo o documento norteador (Currículo Paulista), seria: Lutas do contexto regional – matriz indígena e africana e Danças do Brasil – matriz indígena e africana.</p> <p>Primeiramente realizei uma conversa com os alunos, e perguntei quais lutas eles conheciam? As falas que mais chamaram a atenção citaram as seguintes Lutas: Capoeira, Karatê, Judô, Boxe e Taekwondo, que conseqüentemente foram as Lutas que mais se repetiram na atividade realizada através da nuvem de ideias.</p>				

Perguntei: “*Em que espaços as lutas estão presentes aqui no nosso município?*”, o aluno Mbappé respondeu: “*Aqui em Itápolis professora só tem na academia*”. A aluna Clarinha complementou dizendo: “*Lá na secretaria de esportes tem de graça para quem quer fazer, só não sei o que tem*”. O aluno Messi diz: “*Karatê sei que tem porque já fiz uma vez*”.

Segui os questionamentos com a seguinte pergunta: “*Qual a diferença entre briga e lutas?*”. O Aluno Mbappé respondeu: “*Briga não tem regra, e lutas possui regras, e se não cumpre a gente pode ser expulso*”. Depois da fala do aluno os demais concordaram e eu complementei dizendo: “*que o ambiente esportivo que envolve qualquer modalidade de luta, é necessário o respeito pelo colega, pelo professor, pelo espaço e quem briga por brigar não respeita nenhum desses elementos*”.

Após minha fala a aluna Mel me questionou: “*professora a gente não vai ver logo nossa nuvem de ideias e que jeito ela ficou?*”. Respondi: “*Vamos ver agora Mel*”.

Projetei no telão da sala de informática a nuvem de ideias formada pelos alunos do 4º ano A, que responderam a seguinte pergunta: O que a palavra LUTAS significa para você?, o resultado obtido foi o seguinte:

O que a palavra LUTAS significa para você?

Mentimeter



A reação dos alunos ao verem a nuvem de ideias formada por eles foi de surpresa e espanto por parte de alguns, com observações como, “*nossa*”, “*olha*”, onde a aluna Bele diz: “*professora, eu nunca imaginava que ia ficar assim*”.

Com isso, expliquei para eles a dinâmica e como funcionava a interpretação da nuvem de ideias: “*Vocês estão vendo que as palavras possuem tamanhos diferentes, menores e maiores. As palavras maiores foram as que vocês mais escreveram e enviaram pelo link e as menores foram as menos repetidas*”.

Então segui com a seguinte pergunta: “*Qual palavra vocês conseguem visualizar e que vocês acham que foi mais repetida por vocês?*”. E todos os alunos em coro responderam “*capoeira*”.

Neste momento fiz uma reflexão pessoal, me surpreendi com tal resultado, pois não esperava que os alunos devido ao contexto em que a escola está inserida, citassem a Capoeira tanto, tornando a luta mais repetida dentro da atividade proposta e coincidentemente ser uma luta de matriz africana (conteúdo a ser trabalhado posteriormente). Na adolescência fui capoeirista por muitos anos, mas nunca tinha trabalhado com eles tal conteúdo em específico e também não havia comentado com os alunos durante esses quatro anos que estamos juntos.

Expliquei também aos alunos que as diferentes formas de grafia modificaram um pouco o

formato da nossa nuvem de ideias, pois quando um escreveu caratê com a letra c e o outro com a letra K, com ou sem o acento, tudo isso mudava a configuração e a forma que o aplicativo diferenciava as palavras, mas que para o andamento da segunda atividade isso não iria influenciar.

Perguntei aos alunos se eles conheciam, já tinham visto todos os nomes de lutas que apareceram na nuvem de ideias, e em coro todos responderam que “sim”, mas quando perguntei com relação aos golpes, a aluna July disse: “*ai já não sei, professora o que é au, é golpe?*”. Eu respondi que au é a famosa estrela, e que na Capoeira é o movimento inicial para se entrar na roda e que também é um golpe. Neste momento fiz outra reflexão, onde os alunos fizeram da Capoeira a luta mais popular na nuvem de ideias, mas não conhecem seus golpes e elementos que a envolvem.



Iniciei a explicação da segunda parte da aula, que foi realizada na quadra com o início da confecção de um cartaz que consistiu em associar e agrupar as palavras por eles mais citadas na nuvem de ideias pelos seguintes critérios:

Tipos de Lutas	Golpes	Características
----------------	--------	-----------------

Procurei indicar com este registro o que a turma de modo geral sabe sobre o tema, aplicando o objetivo da avaliação diagnóstica / sondagem pré estabelecida inicialmente.

Na quadra iniciamos a confecção do cartaz, pois seu término acontecerá na próxima aula, onde os alunos trarão imagens, recortes e informações que complementar a sua confecção de forma coletiva.

Com a nuvem de ideias exposta cada aluno foi escolhendo uma palavra e classificando-as no cartaz diante dos critérios citados na tabela acima.



TIPOS DE LUTAS	GOLPES	CARACTERÍSTICAS
CAPOEIRA JUDO CARATÊ BOXE TAE KWON DO KUNG FU MUAYTHAI MMA JIU JITSU	AU CHUTAR SOCO MAE GERI BENÇÃO JOelhada MARTELO MEIA LUA	DISCIPLINA SAÚDE ATIVIDADE DIVERSA FORÇA TREINAR LUTAR RODA ATACAR LUVA VITÓRIA

Como parte da experimentação e fruição da aula, foi proposto a brincadeira “Jogo dos agrupamentos” – descobrindo os gestos, tipos e características das lutas, como segue:

1) Preparei filipetas contendo os gestos e movimentos das diferentes palavras que mais se repetiram na tempestade de ideias e escolhida por eles, exemplo: Lutas: capoeira e boxe. Golpes: au, soco e joelhada. Características: força. As filipetas foram confeccionadas na quantidade suficiente para todos os presentes da turma no dia, que contou com 24 alunos, de tal forma que criaria seis grupos com quatro integrantes a cada rodada da brincadeira;

Demonstrei aos alunos a execução dos seis movimentos escolhidos por eles como segue algumas imagens:





2) Orientei os alunos para não mostrarem aos colegas o gesto/movimento que eles pegavam, pois ao meu sinal, caminhavam pelo espaço aleatoriamente, realizando os gestos e movimentos sorteados sem dizer uma palavra;

3) Comentei que era para cada um realizar seu gesto e movimento conforme os conheciam, dando um espaço de um para o outro para que não se tocassem e viessem a se machucar. Se houvesse dúvidas quanto aos gestos era para pedir minha orientação. Muitos alunos pediram minha orientação com relação a execução de alguns golpes, mas o au foi o mais pedido, pois na primeira vez que expliquei que o au consistia em virar estrela a aluna Raquel perguntou: *“Mas a professora consegue fazer isso?”*, expliquei a ela que quando adolescente fiz vários anos de Capoeira e naquela época eu fazia, que iria tentar demonstrar mais não garantia o sucesso total na execução. Pois bem, fui lá eu fazer o au e para minha surpresa e dos alunos consegui, e ao me ver fazer o movimento muitos deles se surpreenderam e acho que por este motivo se interessaram mais por este golpe em específico e frases como: *“isso aí professora”, “a professora é profissional”, “não é tão difícil, acho”,* e por fim Raquel complementa: *“não é que a professora conseguiu mesmo, mas eu não consigo não”*. Neste momento digo a ela: *“Raquel, a professora conseguiu, porque fiz Capoeira por muitos anos, e por estar há tantos anos sem fazer, achei que não iria conseguir também, mas quando iniciei no esporte não sabia fazer, meu professor me ensinou e aos poucos fui evoluindo, você começa sempre girando com as pernas no baixo e conforme vai tendo confiança e melhorando a habilidade consegue ir levantando as pernas”*. A aluna então comenta: *“quero pegar esse para tentar fazer professora”*. Segue imagem da aluna Raquel executando o au.



- 4) Ao mesmo tempo em que realizavam seus gestos e movimentos, os alunos deveriam observar os colegas;
- 5) Ao meu segundo sinal, eles se agrupavam conforme as semelhanças nos gestos, ainda sem se falarem;
- 6) Ao se agruparem, eu questionava os alunos o porquê dos agrupamentos; quais foram as semelhanças, o aluno Will me disse: “*parecia com o meu professora aí já fiquei perto dele*”, o aluno Cássio salienta: “*eu caio sempre com o mesmo papel professora, tem que misturar mais*”, Clara diz: “*gostei da joelhada professora é mais fácil de ver*”.
- 7) Os agrupamentos que se juntavam corretamente marcavam ponto.
- 8) Para finalizar, perguntei aos alunos quais foram os gestos e movimentos realizados e todos responderam corretamente: “*Lutas: capoeira e boxe. Golpes: au, soco e joelhada. Características: força*”. Se todos sabiam realizar o que estava sendo pedido? “*Muitos disseram que os mais fáceis sim, depois que eu demonstrava e explicava e que o mais difícil mesmo era o au*”. E finalmente quais lutas achavam que utilizam esses gestos e movimentos? Com o auxílio do próprio cartaz confeccionado por eles responderam: “*Capoeira – au, Boxe – soco e joelhada*”, e o aluno Felipe complementou “*que a característica força toda luta precisa um pouco*”.





Pude perceber interesses e comportamentos distintos dos alunos com relação a palavra e luta mais citada por eles na nuvem de ideias – Capoeira. Quando apresentada na sala de informática na nuvem de ideias como coleta de dados, me chamou a atenção eles citarem a luta, mas não conhecerem os golpes e contexto quando questionados, sugerindo o não aprofundamento real do conhecimento apresentado na nuvem de ideias.

Na parte de experimentação da aula prática na quadra a surpresa foi ao ver o interesse deles aumentar quando mencionei que havia sido capoeirista por muitos anos na adolescência e muitos duvidarem se eu realmente conseguiria executar o golpe “au”, golpe que mais chamou atenção dos alunos quando eu o associei a “virar estrela”; e por fim a vibração da maioria dos alunos quando me viram executar o golpe.

A partir de então todos os que pegavam a filipeta “au”, me pediam explicação do movimento para muito provavelmente me ver executando o golpe novamente, acredito que ali naquela situação no papel de professora, adulta e “virando estrela”, estariam eles me vendo como um estímulo.

Como parte inicial da próxima aula os alunos darão continuidade a confecção do cartaz que está sendo construído de forma participativa e coletiva de acordo com a proposta do Planejamento Participativo.

Terão como tarefa para casa a incumbência de pesquisar e trazer para a próxima aula, recortes, fotos, informações, tudo que complemente o contexto que envolve o mundo das lutas, com o objetivo de acrescentar informações no cartaz por eles construído.

DIÁRIO DE AULA 03

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino	
Data	09/05/2022	Conteúdo - Término confecção do cartaz / Atividade de experimentação: Stop das Lutas		
Estudantes presentes	M	12	F	10
Estudantes que participaram	M	12	F	10
Estudantes que faltaram à aula	M	04	F	00

Comportamento dos estudantes

Os estudantes se comportaram com atenção e dedicação, no sentido de conseguir cumprir tudo que estava previsto para a aula.

Observações

Dando continuidade a aula anterior, fomos para quadra terminar a confecção do cartaz iniciado na aula do dia 02/05/2022. Alguns alunos não trouxeram o material solicitado como tarefa na aula anterior, mas em contrapartida, outros trouxeram mais material do que o que foi solicitado, completando a falta de material de alguns e dando o suporte necessário para que a confecção do cartaz saísse como o planejado.

Com o material em mãos o aluno Mbappé questiona: *“professora minha imagem é igual a da Mel tem problema?”*. Eu respondi: *“Claro que não Mbappé, é só nós colocarmos elas distantes no cartaz, e isso só vai servir para que nosso cartaz fique mais completo e bonito”*.

A aluna Mel diz: *“professora olha para trás!”*, e eu pergunto: *“o que tem atrás?”*. E Mel continua: *“na mão da Clara, acho que ela tem umas vinte!”*. E eu disse: *“mas que ótimo, com isso ela complementa o amigo que não trouxe e todos juntos terminaremos de criar nosso cartaz participando juntos”*, assim pergunto à Clara. *“Clara, você cede algumas das suas imagens para que os colegas que não trouxeram possam colar no cartaz e participar também?”*. A aluna Clara prontamente responde: *“sim professora”*.

Segue algumas imagens da confecção do cartaz:





Para finalizar esta atividade perguntei aos alunos quais lutas mencionadas por eles e descritas no cartaz existe na comunidade e qual já vivenciaram ou praticaram?

O aluno Mbappé respondeu: “ Eu sei que tem na academia professora, mas não sei quais e nunca fiz nenhuma”. A aluna Clarinha trouxe novamente uma informação que ela havia dito na aula anterior: “ Lá na secretaria de esportes tem várias lutas, eu sei porque tenho um primo que faz e é de graça, acho que tem Capoeira, Karatê e Jiu jitsu, mas é a noite professora”. E eu pergunto: “e você já fez alguma luta Clarinha? Tem algum aluno que já praticou alguma arte marcial?”.

O aluno Messi responde: “Karatê, eu fiz uma vez na secretaria de esportes, mas foi por pouco tempo professora”.

Os demais alunos negaram já terem praticado qualquer tipo de Luta e desconheciam onde poderia ser praticado Lutas em Itápolis.

Segue imagens do cartaz pronto e exposto na escola:



Após a explicação da dinâmica da atividade, iniciei sorteando a letra D, informei para a turma e pedi para que eles procurassem na cópia da nuvem de palavras entregue a cada grupo e no cartaz exposto no centro da quadra o maior número de palavras que começassem com a letra D e preenchessem a tabela entregue. Disse que ao meu sinal o tempo pararia e eu diria a palavra STOP e que só contaria palavras que estivessem na nuvem de palavras ou no cartaz, palavras essas relacionadas ao mundo das Lutas. Com relação à pontuação perguntei aos alunos, qual seria a melhor forma de contar os pontos, e a maioria respondeu que fosse como o jogo Stop jogado normalmente: onde palavras iguais valem cinco pontos e palavras únicas, onde somente um grupo respondesse o valor seria de dez pontos, e vencesse o grupo que obtivesse o maior número de pontos.

Algumas tabelas utilizadas pelos grupos de alunos durante a atividade:

The image shows two hand-drawn tables titled "STOP DAS LUTAS".

The first table is for the letter 'D'. It has columns for 'LETRA: D' and 'PONTOS'. The 'D' column lists words: disciplina (5), defesa (5), maigari (5), muay thai (5), and MMA (5). The 'PONTOS' column has values: 10, 25, 10, 15, and 10. A total of 90 is written at the bottom.

The second table is for the letter 'M'. It has columns for 'LETRA: M' and 'PONTOS'. The 'M' column lists words: MMA (5), malva (5), maigari (5), muay thai (5), and maromba (5). The 'PONTOS' column has values: 5, 15, 5, 5, and 5. A total of 95 is written at the bottom.

The image shows a hand-drawn table titled "STOP DAS LUTAS" with columns for letters D, M, A, C, J, and K, each with a 'PONTOS' column.

Row 1: D (5) - disciplina, M (5) - MMA, A (5) - AU, C (5) - capoeira, J (5) - JUDO, K (5) - KARATE.

Row 2: D (5) - defesa, M (5) - MALVA, A (5) - ATACAR, C (5) - chutar, J (5) - JOELHADA, K (5) - KUNG FU.

Row 3: D (10) - maigari, M (5) - MAIGARI, A (5) - AGILIDADE, C (5) - corpo a corpo, J (5) - JIUJTSU.

Row 4: D (20) - MMA, M (0) - MALVA, A (15) - ATACAR, C (5) - chutar, J (15) - JUDO, K (10) - KARATE.

Row 5: D (20) - muay thai, M (5) - MAIGARI, A (10) - ATACAR, C (20) - corpo a corpo, J (15) - JUDO, K (10) - KARATE.

Row 6: D (35) - MMA, M (10) - MALVA, A (35) - ATACAR, C (20) - chutar, J (15) - JUDO, K (10) - KARATE.

Totals: 70 (D), 35 (M), 15 (A), 20 (C), 15 (J), 10 (K). A grand total of 115 is written at the bottom right.

Foram sorteadas seis letras sendo elas: D, M, A, C, J e K. Totalizando seis rodadas. Alunos realizando a atividade:



Ao final os seis grupos contabilizaram seus pontos e elegeram o grupo vencedor, através da maior pontuação obtida e dos critérios pré estabelecidos por eles anteriormente.

Como encerramento, na roda final, após atividade realizada e diversão garantida, propus que os alunos identificassem dentre todas as informações coletadas através da nuvem de ideias, da confecção do cartaz, os seguintes tópicos: nome das lutas, golpes das lutas, se apareceu alguma vestimenta e equipamentos relacionados a Lutas, obtendo da maioria a mesma resposta pois estavam com o cartaz e nuvem de ideias em mãos para visualização. Continuei com o seguinte questionamento: “*Vocês conseguem identificar dentre todas as informações trazidas e construídas no cartaz por vocês, alguma luta de origem indígena ou africana?*”.

Prontamente em coro todos responderam “*Capoeira professora*”. A aluna Mel questiona: “*e essa luta marajoara é indígena?*”.

Minha resposta foi que a Capoeira é sim de origem africana e que ela foi criada no Brasil, mas a Luta Marajoara citada por eles na nuvem de ideias eu não poderia responder com propriedade e perguntei quem havia citado a luta na nuvem. Rapidamente a aluna Cherry disse: “*eu professora*”.

Com isso, dei continuidade na explicação da atividade que deverá ser construída por eles para a próxima aula: aprofundando o conteúdo especificado para o segundo bimestre Lutas: do contexto regional – Matriz indígena e africana, os alunos realizarão para a próxima aula uma pesquisa individual, onde deverão escolher uma luta de origem indígena ou africana, descrevê-la e apresentar para a sala. Como proposta as lutas Capoeira e Huka Huka, eles não deverão pesquisar, pois irei iniciar a apresentação com esses dois exemplos mais populares e os alunos darão continuidade, englobando o processo do Planejamento Participativo proposto. Fiz uma observação para a aluna Cherry: “*Anna já que na nuvem de ideias sua opção foi Luta Marajoara, você poderia pesquisar sobre ela? Aí nós já ficaremos sabendo se ela é de origem indígena ou não?*”.

A aluna respondeu: *“posso sim professora”*.

Na aula de hoje destaco a atitude de cooperação inicial de muitos dos alunos que trouxeram material a mais e prontamente disponibilizaram para os que não haviam trazido. Tal atitude não exime a responsabilidade dos que não trouxeram com o grupo em si, mas acredito que possa ser tirada uma lição de companheirismo e solidariedade com o colega, que sobrepõe a falha no esquecimento do material.

Quando questionados sobre a confecção do cartaz e da quantidade de lutas que apareceram de origem indígena e africana, fica claro que eles não possuem conhecimento amplo sobre o conteúdo a ser abordado pelo currículo no segundo bimestre, pois citaram somente a Capoeira – origem africana, e a Luta marajoara não souberam identificar sua origem.

Na adaptação do jogo Stop das Lutas, onde eles trouxeram suas adaptações, pontuo como positiva a experiência, pois houve um fechamento inicial do tema Lutas de forma divertida, onde eles brincando, repassaram todas as informações e contextos das lutas trazidas por eles, desde a primeira abordagem sobre o assunto.

DIÁRIO DE AULA 04

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4° ano A	Período: matutino	
Data	16/05/2022	Conteúdo - Apresentação de vídeos e apresentação pesquisa individual de Lutas de matriz indígena e africana.		
Estudantes presentes	M	16	F	09
Estudantes que participaram	M	16	F	09
Estudantes que faltaram à aula	M	00	F	01
Comportamento dos estudantes				
Os estudantes se comportaram com atenção durante as apresentações, mas problemas técnicos no início da aula tumultuou o andamento da aula e atrapalhou o cumprimento do que estava previsto para aula.				
Observações				
<p>A aula teve início com um atraso considerável, devido a problemas na sala de informática e na sua preparação, perdendo quase que uma aula para retomar e dar início, problemas estes que interferiram diretamente no andamento da aula e no Plano de aula que eu havia preparado, deixando de ser realizado praticamente metade. No qual darei continuidade na próxima aula, assim, sendo necessários ajustes no cronograma da aplicação da pesquisa.</p> <p>Iniciei a aula com a apresentação de vídeos explicativos das Lutas Huka Huka (origem indígena) e Capoeira (origem africana). Como explicado na comanda da atividade anterior, eu apresentaria essas duas lutas, por serem as lutas mais citadas quando se fala de Lutas de matriz indígena e africana, e desta maneira dar continuidade ao nosso Planejamento Participativo, onde a tarefa dos alunos seria complementar os dados com lutas diferentes.</p> <p>Dando início às apresentações, fiz uma breve explicação sobre cada uma das lutas e seu contexto, pois como observei em momentos anteriores, por exemplo a Capoeira, foi a luta mais citada na nuvem de ideias, mas os alunos quando questionados apresentavam um desconhecimento de seu contexto.</p> <p>Iniciamos a apresentação das pesquisas realizadas pelos alunos. As lutas apresentadas por eles consideradas válidas, como as orientadas nas instruções da comanda enviada no grupo de Whatsapp da sala, foram poucas, com isso os dados recolhidos também.</p>				

Seguem os dados recolhidos e apresentados pelos alunos com a pesquisa sobre Lutas de matriz indígena e africana apresentados na aula do dia 16/05/2022:

Lutas válidas apresentadas de Matriz indígena ou africana:

Não realizou a pesquisa.

9 respostas

Laamb (africana).

6 respostas

Outros.

6 respostas

Dambe (africana).

4 respostas

Aipenkuit (indígena).

1 resposta

Aproveitamento da sala! Dados válidos!

[Ver opções](#) ▾

Realizou corretamente a pesquisa.

11 respostas

Não realizou a pesquisa.

9 respostas

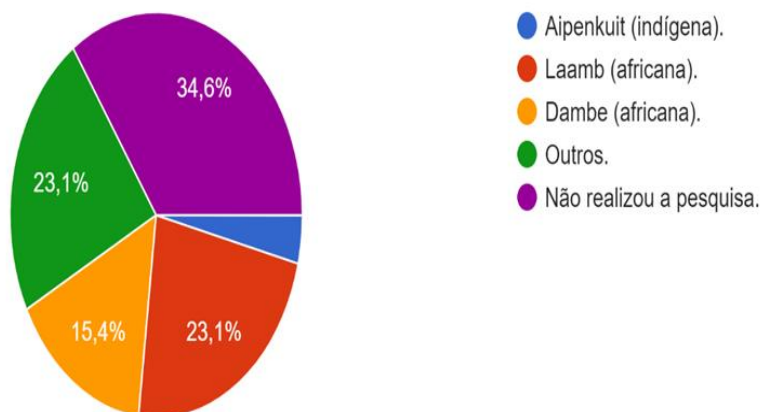
Dados inconsistentes.

6 respostas

GRÁFICOS

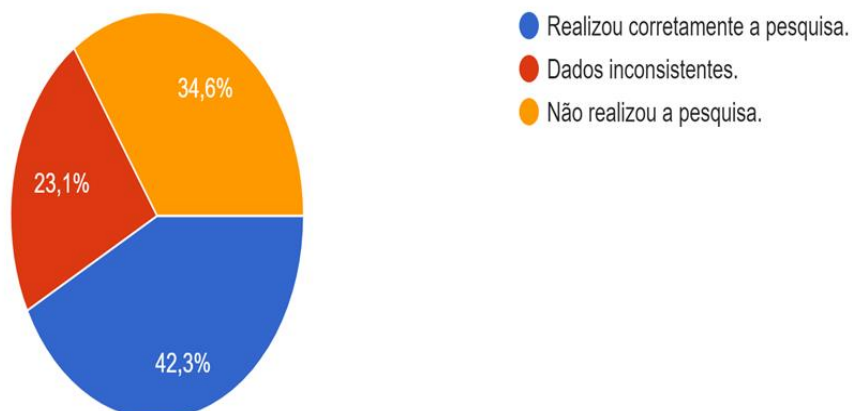
Lutas válidas apresentadas de origem indígena ou africana!

26 respostas



Aproveitamento da sala! Dados válidos!

26 respostas



Hoje destaco o fato do Plano de aula não ter saído como o planejado. No início da aula com a perda de tempo, devido a instabilidade da internet da escola e as poucas contribuições dos alunos com a pesquisa. O fato da internet não estar funcionando e um dos objetivos da aula ser apresentação de vídeos, levou a toda uma alteração do Plano de

aula e andamento que veio a seguir.

Conforme os dados apresentados acima, houve pouca contribuição dos alunos na pesquisa, muitas contribuições repetidas e interpretações errôneas da comanda, com isso, a dinâmica do Planejamento Participativo também foi prejudicada nesta aula, pois foram colhidos poucos dados vindo dos alunos, os quais terei que complementar para seguir o cronograma e a sequência didática das próximas aulas.

Terei que reforçar e apresentar aos alunos os dados acima. Frizando a informação que o eixo central do trabalho é o Planejamento Participativo, que quando eles não trazem suas contribuições, e eu no meu papel de professora tenho que complementá-las, altera o andamento da aula e conseqüentemente todo o processo de ensino e aprendizagem proposto, sendo suas contribuições de total relevância e a essência do trabalho, pois os dados que eles trazem é o que torna o trabalho rico e participativo realmente.

Como sequência para a próxima aula irei complementar os dados trazidos pelos alunos, adicionando mais Lutas de matriz indígena e africana ao conhecimento da sala para a aplicação da atividade seguinte; sendo ela a parte de vivência e experimentação da aula, utilizando como estratégias algumas brincadeiras e jogos que são semelhantes entre algumas lutas.

As seguintes características das lutas serão utilizadas: oposição, ataque e defesa, equilíbrio e desequilíbrio, conquista de território e imobilização.

DIÁRIO DE AULA 05

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino	
Data	23/05/2022	Conteúdo - Apresentação aos alunos resultados da pesquisa realizada por eles (gráficos). Complementação Lutas. Início fase experimentação.		
Estudantes presentes	M	14	F	08
Estudantes que participaram	M	14	F	08
Estudantes que faltaram à aula	M	02	F	02
Comportamento dos estudantes				
Os alunos se comportaram com atenção durante a apresentação dos dados coletados na pesquisa. Durante a parte de experimentação da aula houve dedicação no sentido de conseguirem cumprir tudo que estava previsto para a aula.				
Observações				
<p>Iniciei a aula com a apresentação para os alunos dos dados coletados pela pesquisa realizada por eles, em formato de gráficos, projetados na sala de informática.</p> <p>Reforcei com os alunos a informação que o eixo central do trabalho é o Planejamento Participativo, e a baixa participação deles na atividade proposta. Expliquei que quando eles deixam de participar e realizar os trabalhos, isso prejudica diretamente todo o processo de ensino e aprendizagem proposto, e eu como professora tenho que complementar os dados, conseqüentemente alterando o andamento da proposta, pois no Planejamento Participativo a aprendizagem é essencialmente uma via de mão dupla, e sem a contribuição mínima deles, esse processo é interrompido, sendo suas contribuições de total relevância e a essência do trabalho, pois os dados que eles trazem é o que torna o trabalho rico e participativo realmente.</p> <p>Neste momento os alunos aparentaram compreensão das explicações sobre o processo de construção pré definido, e se comprometeram que nas próximas atividades de construção coletiva irão participar efetivamente, pois frizei que eles são parte essencial do processo.</p> <p>Dando seqüência a aula e complementação de dados, apresentei vídeos e expliquei sobre as seguintes Lutas: Xondaro, Idjassú e Derruba Toco (todas de origem indígena), e acrescentei uma explicação mais aprofundada sobre a Luta Marajoara, pois a aluna Cherry em sua pesquisa não trouxe dados suficientes.</p> <p>Ao final das apresentações de vídeos e explicações gerais, realizei uma roda de conversa com alguns questionamentos como: <i>“Quais lutas vocês mais gostaram de assistir? Por que?”</i>. O aluno Lipe respondeu: <i>“Gostei mais do Huka Huka, mas elas são todas parecidas, tem que derrubar de costas”</i>. Continuei questionando com relação as características das lutas e suas semelhanças com relação aos golpes. A aluna Bele disse: <i>“Não parece com as lutas que fazemos aqui professora, elas são feitas no chão de terra, mas a maioria delas pra ganhar tem que derrubar mesmo.”</i> O aluno Mbappé complementa: <i>“Ou derruba de costas ou de frente professora, mas tem que derrubar pra ganhar”</i>. Messi diz: <i>“ Pelo que percebi professora a Capoeira não sai um ganhador”</i>. Respondi a ele que na maioria dos campeonatos de Capoeira que já havia participado, as pontuações e conseqüentemente o que indica um vencedor é a execução dos movimentos. Perguntei se os lutadores utilizam algum equipamento? O aluno Lipe responde: <i>“Professora, nas lutas de origem africana eles até usam algum, mas nas de origem indígena, não tem quase equipamento”</i>. A aluna July observa: <i>“Professora também não tem faixa como no jiu jitsu”</i>.</p>				

Eu acrescento para os alunos que muitas dessas lutas tem para seus povos significados diferentes das lutas que conhecemos, como nas descrições dos vídeos apresentados na aula, e que as vestimentas e graduações também assumem papéis diferentes diante do contexto, dei o exemplo da Capoeira que possui graduação, mas não tem o nome de faixa como a aluna July citou e sim cordão.

Para finalizar pergunto em relação as regras e se eles conseguiram observar se elas existem nas lutas de origem indígena e africana?

A aluna Raquel diz: *“São diferentes professora, mas todas as lutas tem regras sim”*.

O aluno Messi responde: *“ Na luta do derruba toco professora, é a única que tem a regra de derrubar outra coisa pra ganhar, o toco”*. O aluno Mbappé complementa: *“Mas professora toda luta tem que ter regras senão vira uma bagunça, algumas tem até competição né?”*.

Neste momento frizei as regras apresentadas nos vídeos e as diferenças e peculiaridades entre as lutas, mas que todas possuem regras.

Apresentei uma tabela na qual listava as características das Lutas:

Características das Lutas						
Enfrentamento/ Oponente	Regras	Ataque e defesa	Equilíbrio/ Desequilíbrio	Conquista de território	Imprevisibilidade	Oposição
A luta só acontece quando há o enfrentamento e o contato entre dois oponentes.	Para cada luta existem regras específicas que garantem a segurança na sua realização e o respeito ao oponente.	As ações de ataque e defesa acontecem ao mesmo tempo, e por parte de ambos atletas. A esquiva é um gesto de defesa. Chutes e socos são gestos de ataque.	Ações de equilíbrio e desequilíbrio corporais são características de lutas onde há pontuação.	Conquistar o território do oponente, utilizando estratégias e golpes específicos de cada luta.	As ações que um oponente irá realizar são imprevisíveis, tornando suas ações também imprevisíveis.	Impor-se fisicamente ao adversário, respeito às regras e garantindo a segurança do colega durante as atividades. Imobilização Imobilizar o adversário de forma a não machucá-lo.

Como estratégias algumas brincadeiras e jogos que são semelhantes entre algumas lutas, as seguintes características foram utilizadas para os jogos de experimentação que vieram a seguir: oposição, ataque e defesa, equilíbrio e desequilíbrio, conquista de território e imobilização.

Jogo de oposição: Cabo de guerra.

Duas equipes com o objetivo de puxar a equipe adversária de modo que, no deslocamento, a marcação da equipe rival, feita na corda, cruze a marcação fixada no solo.



Jogo de ataque e defesa: Rouba objeto (em círculo / colete)

Entregue, para cada estudante da dupla, um objeto (um colete, ou uma faixa de tnt, ou um pedaço de jornal) que deverá ser preso no cós lateral da calça ou shorts. Dado o sinal, um tentará pegar o objeto do outro, ao mesmo tempo em que deverá defender o seu.



Jogo de equilíbrio e desequilíbrio: Briga de Galo (Círculo / palma das mãos encostadas)

Estudantes de cócoras, um de frente para o outro, com as mãos apoiadas no ombro do oponente, o objetivo é tentar se manter na posição sem cair no chão.



Jogo de conquista de território: Mini Sumô (empurrando a bola de pilates, tirar o outro do círculo)

Os estudantes, em duplas, e dentro de um círculo desenhado no chão, deverão ficar um de frente ao outro, da forma que quiserem (em pé ou ajoelhados), dependendo da orientação do professor. O objetivo é tentar colocar o oponente para fora do círculo empurrando.



Jogo de imobilização: Solte-se se for capaz

Os oponentes, sentados, um de costas para o outro e de braços entrelaçados. Um estudante inicia tentando se soltar e o outro impedindo que o faça. Depois trocam-se os objetivos, quem estava tentando fugir, impede que o outro que estava segurando tente soltar-se.



Ao final da experimentação dos cinco jogos e suas características: oposição, ataque e defesa, equilíbrio e desequilíbrio, conquista de território e imobilização, realizei uma roda de conversa com os seguintes questionamentos:

Quais foram os movimentos e gestos realizados? Das lutas em que assistiram e que conhecem, alguma apresentam essas características?

O aluno Mbappé responde: *“mas o de imobilização, que precisa imobilizar no jiu jitsu e o de equilíbrio que no Huka Huka, tem que desequilibrar para derrubar de costas”*.

A aluna Mel complementa: *“O mini sumô tem que tirar da roda, igual o sumô de verdade, é que a gente tinha a bola”*.

A aluna Cherry observa: *“A brincadeira briga de galo parecia o derruba toco também, porque tinha que derrubar”*.

Na aula de hoje destaco o início onde apresentei a participação deles no projeto em forma de dados projetados no telão. Pude perceber que visualizando a baixa participação da sala, de certa forma eles se sentiram envergonhados e se comprometeram verbalmente com as realizações das próximas atividades.


Durante a vivência dos jogos percebi a assimilação obtida por eles, durante a roda de conversa no que diz respeito a associação das características das Lutas apresentadas e a importância da existência das regras para um bom desenvolvimento da luta/jogo.

Como atribuição para a próxima aula, eles terão a atividade criando nossas Lutas.

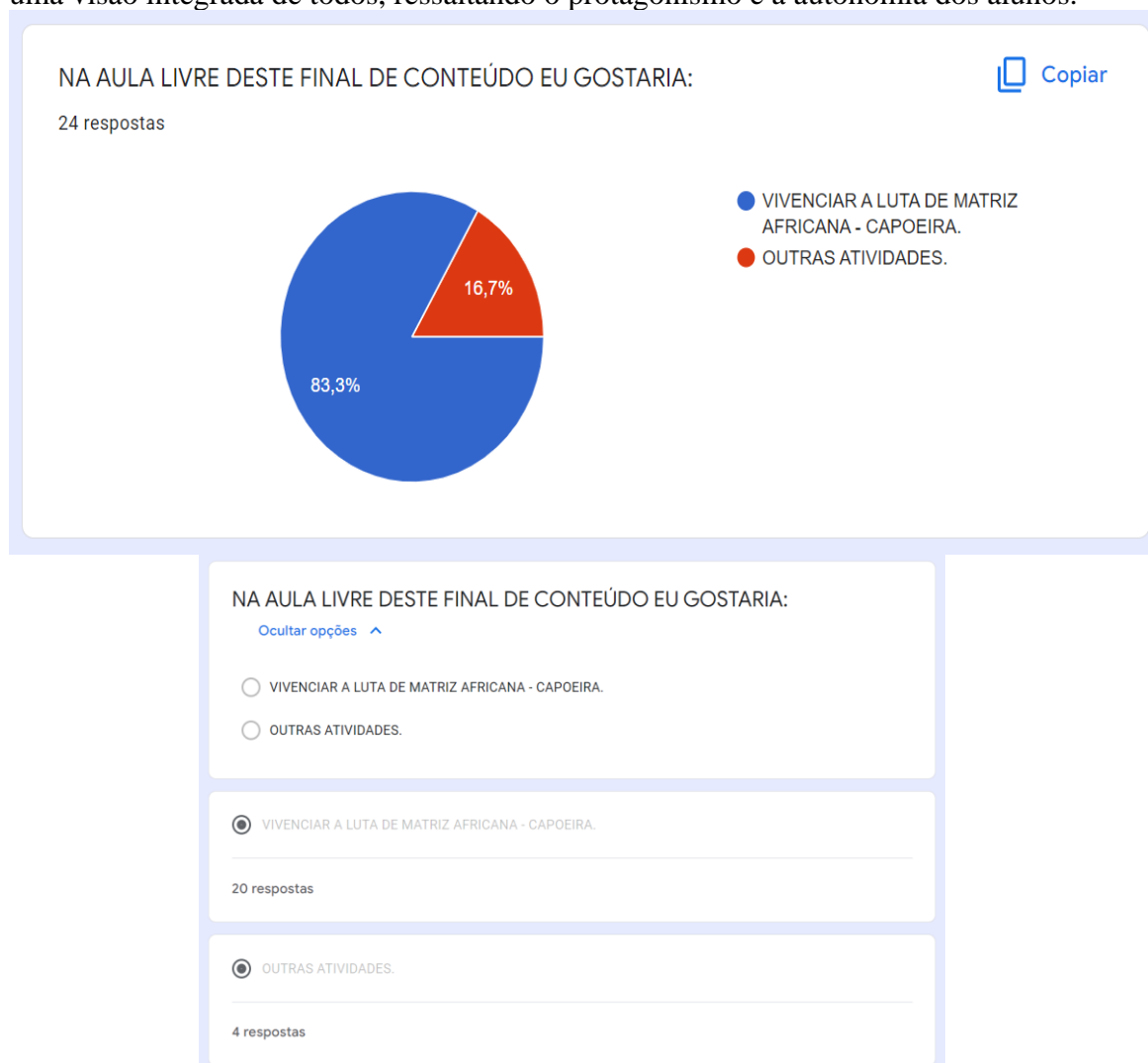
Nesta etapa irão se organizar em grupos, havendo um sorteio de cada uma das características das lutas que foram vivenciadas: jogos de oposição, ataque/defesa, equilíbrio/desequilíbrio, conquista de território e imobilização e assim, recriá-la, adaptando suas regras, movimentos etc. Cada grupo deverá estabelecer as normas e procedimentos de segurança. Esta atividade será inicializada em casa pelos alunos e finalizada na escola na próxima aula.

Neste momento salientei com eles novamente a importância da participação deles, e que eles são parte efetiva e essencial do processo de recriação das lutas.

DIÁRIO DE AULA 06

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino	
Data	30/05/2022	Conteúdo - Escolher atividade a ser realizada na aula livre. Fase inicial, criando nossas Lutas.		
Estudantes presentes	M	15	F	08
Estudantes que participaram	M	15	F	08
Estudantes que faltaram à aula	M	01	F	02
Comportamento dos estudantes				
Os alunos se comportaram com atenção e dedicação na parte de escolher a atividade a ser realizada na aula livre. Na fase inicial de criação das Lutas, cumpriram o que estava previsto para a aula.				
Observações				
Devido a disponibilidade, a aula teve início na sala de informática, onde expliquei que eles iriam escolher qual seria a atividade a ser vivenciada na aula livre deste final de conteúdo. Apresentei a eles a pergunta formulada através do aplicativo google forms, o qual, os alunos já possuem familiaridade, pois já responderam outros questionários através deste aplicativo. A pergunta apresentada foi a seguinte:				
				
A escolha da Luta de matriz africana Capoeira, como opção de vivência para os alunos, veio através dos relatos de muitos deles após a aula realizada e apresentada no diário de aula 02, ao qual relato minha experiência na adolescência com a Capoeira, e o interesse apresentado por eles quando me observaram executando alguns golpes. Mas, principalmente por ser dentro do meu contexto e de minha própria vivência, a forma mais real e possível de demonstrar aos alunos alguma luta das que lhes foi apresentada durante o percurso pedagógico apresentado.				
Os alunos presentes responderam ao questionário apresentado a eles pelo aplicativo google forms durante a aula, e um aluno que faltou, através do link enviado pelo grupo de				

WhatsApp. Após esta etapa, eu apresentei o resultado. Resultado este, obtido através do objetivo principal do Planejamento Participativo, onde, as tomadas de decisões possuem uma visão integrada de todos, ressaltando o protagonismo e a autonomia dos alunos.



A maioria dos alunos vibrou quando visualizaram o resultado demonstrado no telão da sala de informática. Com expressões como: *“Nossa tudo isso, escolheu ver a Capoeira”*; *“Mas o que a gente vai fazer professora”*; *“Nós vamos lutar”*; *“Mas teve gente que não quis”*; *“Que dia vai ser”*.

Neste momento expliquei aos alunos que convidaria o “Mestre Negão” para vir fazer uma vivência com eles na escola sobre o mundo da Capoeira; que nenhum deles iria sair capoeirista em alguns minutos com ele, mas que tal experiência traria momentos que muitos deles nunca vivenciaram e nem vivenciarão sem essa oportunidade, talvez devido o contexto ao qual estão inseridos e aos caminhos que trilhamos. Com relação ao questionamento sobre: *“Mas teve gente que não quis”*, salientei que todos tiveram a oportunidade de escolher dentre as duas alternativas dispostas na questão, e que a maioria decidiu pela vivência da luta de matriz africana – Capoeira, de forma democrática e participativa, exercendo o exercício da cidadania.

Na segunda parte da aula fomos até a quadra dar início à fase de experimentação e construção coletiva denominada Criando nossas Lutas.

Etapa 1 – Escolhendo a luta

Nesta etapa os alunos se organizaram em quatro grupos de cinco alunos e um grupo de seis alunos, totalizando cinco grupos. Foi sorteado para cada grupo uma das

características das lutas que foram vivenciadas na aula anterior: jogos de oposição, ataque/defesa, equilíbrio/desequilíbrio, conquista de território e imobilização.

Divididos os grupos, entreguei a eles uma folha onde continha a característica de seu respectivo grupo sorteado, cabeçalho para preenchimento e linhas, onde deveriam começar a colocar ali suas ideias, através da seguinte proposta e direcionamento: recriar os jogos apresentados a eles por mim na aula anterior, adaptando suas regras, movimentos etc. Cada grupo deverá estabelecer as normas e procedimentos de segurança, utilizando de todo o conteúdo apresentado e vivenciado por eles até este momento. De forma coletiva e participativa, criar jogos com as principais características de seu grupo. Para posteriormente criarmos juntos agrupando as ideias compatíveis uma luta do 4° ano A.



Devido ao tempo, nesta aula os alunos deram início ao processo de criação, ficando para a próxima aula a parte final que consiste no término do processo de criação das Lutas.

Etapa 2 – Socializando e experimentando as lutas recriadas.

Nesta etapa, os grupos irão apresentar as lutas recriadas. Se necessário através da minha intervenção realizar ajustes, e a partir deste momento os alunos vivenciarão as atividades dos outros grupos.

Etapa 3 – Através do Planejamento Participativo e junção de ideias a criação da Luta do 4° ano A.

Hoje a aula iniciou-se de uma maneira que os alunos não esperavam. A escolha da atividade a ser realizada na “Aula Livre”, aula esta que devido a aplicação da pesquisa eles em alguns momentos me questionaram se existiria. Para contextualizar, possuo há muitos anos nesta escola atual que trabalho um combinado pedagógico, onde uma vez ao mês ou ao fim do conteúdo a ser apresentado, é cedido aos alunos uma aula, onde eles podem escolher as atividades a serem realizadas. O que no início foi o único recurso encontrado para uma difícil situação, com o passar do tempo se tornou algo positivo e

uma ferramenta no processo de ensino e de aprendizagem, destaco que apesar destas aulas não possuírem conteúdos definidos por mim, eu sempre estou ali acompanhando e orientando. Com isso, observo que no decorrer dessas “aulas livres”, muitas vezes os alunos realizam atividades desenvolvidas por mim nas aulas, podendo simbolizar a assimilação do conteúdo e um retorno positivo do trabalho realizado. Tal estratégia pedagógica, atualmente se apresenta com um propósito que me auxilia em muitos aspectos e desafios como: indisciplina, desinteresse nas aulas e diversos conflitos, pois os alunos sabem que se não colaborarem, o acordo será desfeito. Dito isso eles esperam o mês todo por essa aula, se organizam, muitas vezes com antecedência, criam coletivamente regras e combinados.

Assim, busquei utilizar desta premissa da “aula livre” deste fim de conteúdo, para saber dos alunos seu interesse com relação a esta aula livre em específico, após a apresentação do conteúdo de Lutas de origem indígena e africana.

Sendo o resultado além de apresentado em um gráfico, eu pude visualizar de maneira concreta a escolha da maioria pela vivência da Capoeira, sentindo literalmente a vibração dos alunos, quando visualizaram o que eles mesmos escolheram juntos realizar em sua próxima “aula livre”.

Devido ao cronograma, andamento escolar e disponibilidade do Mestre de Capoeira que irá realizar a vivência com os alunos, esta aula livre será realizada no dia 01/06/2022.

Com relação à fase de experimentação e construção coletiva denominada Criando nossas Lutas, os alunos se demonstraram prestativos e empenhados neste início, mas pude observar que em alguns grupos será necessário um auxílio mais intenso para conseguirmos cumprir com o que foi proposto.

DIÁRIO DE AULA 07

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4° ano A	Período: matutino	
Data	01/06/2022	Conteúdo - Aula livre: Vivência Luta de matriz africana Capoeira.		
Estudantes presentes	M	15	F	10
Estudantes que participaram	M	15	F	10
Estudantes que faltaram à aula	M	01	F	00
Comportamento dos estudantes				
Os alunos estavam todos envolvidos e motivados com a apresentação e vivência da Luta Capoeira, que seria realizada pelo Mestre Negão, atividade escolhida por eles para a aula livre.				
Observações				
<p>O dia dos alunos do 4° ano A, teve início com uma surpresa, pois eles sabiam que teriam a aula livre com a vivência da Capoeira, mas não tinham certeza do dia. Devido as burocracias escolares, achei melhor não confirmar a data, assim o dia que desse certo não haveria imprevistos desagradáveis.</p> <p>Fui buscá-los na sala e já acharam estranho e desconfiaram, pois não era dia de aula de Educação Física. Mbappé já exclamou: “<i>É hoje professora?</i>”. Raquel em seguida diz: “<i>Lógico que é, a professora já esta com a roupa</i>”. Pois estava com minha calça e meu cordão de graduação ao qual parei na época que ainda praticava Capoeira, gostaria de salientar que pedi permissão para o Mestre Negão se poderia usar minha graduação, pois existe uma tradição que em sinal de respeito, depois de tantos anos sem praticar o esporte você pede permissão ao Mestre se pode colocar o cordão, pois não é mais um praticante atuante de Capoeira, que é o meu caso, e ele autorizou.</p> <p>Para contextualizar, no mundo da Capoeira com o passar dos anos todos possuem apelidos e “Mestre Negão”, se chama José Carlos dos Santos, é mestre de Capoeira há mais de 25 anos aqui no município de Itápolis/SP, e também é professor de Educação Física, sendo funcionário efetivo da Secretaria de Esportes do município.</p> <p>No dia da aula Mestre Negão estava presente com mais dois alunos, Wender e Rafael, pois a maioria de seus alunos estudam em escola de período integral e não puderam ir à apresentação, devido ao fato de ter sido realizada no período da manhã.</p> <p>A programação combinada com Mestre Negão, foi a de ser realizada uma vivência pedagógica com os alunos, para que eles conhecessem um pouco da Capoeira, através do olhar de quem realmente vive literalmente desta arte. Vivenciar seus instrumentos, movimentos básicos e ter contato com a história contada por anos de experiência. Na primeira parte somente a sala do 4° ano A foi chamada para a quadra, pois lembrando, esta era a aula livre escolhida por eles na aula anterior. Em um segundo momento toda a escola foi convidada a participar da vivência e roda realizada pelo Mestre Negão.</p> <p>Quando chegaram na quadra, a euforia dos alunos do 4° ano A foi geral. Primeiro Mestre Negão se apresentou e aos seus alunos, e em seguida ele conduziu a aula a sua maneira, com seu jeito “faceiro” que prende a atenção até do mais desatento.</p>				



Ele iniciou a aula, no formato que costuma realizar suas aulas para esta faixa etária, com o aquecimento lúdico, já envolvendo os elementos da capoeira, como os instrumentos, a musicalidade e os movimentos.

Fez vários exercícios ao qual introduzia movimentos básicos e aos poucos ia envolvendo os alunos, do mais extrovertido ao mais tímido. E quando me deparei aquele aluno que no início estava só observando, após algum tempo timidamente estava tentando fazer.





Após o aquecimento Mestre Negão foi para a demonstração e vivência dos instrumentos e musicalidade que envolve a Capoeira.

Iniciou com o pandeiro, explicando como segurá-lo e associando seu ritmo de toque com o ritmo da palma.



Em seguida foi para o reco reco, lembrando que todos são ao ritmo de quatro tempos.



Na sequência foi para o Agogô, neste momento ele frizou que não tem importância qual cabeça se bate primeiro, mas que tem que bater sempre no ritmo de quatro tempos.



Depois ele demonstrou e explicou a finalidade do caxixi, que ele é usado no berimbau, quando você toca o berimbau ele é encaixado na mão ao mesmo tempo que se está tocando o berimbau.

O próximo foi o berimbau, demonstrando que além do berimbau e do caxixi, fazem parte a pedra e a vareta para tocá-lo corretamente. Explicou também sobre os diferentes tamanhos e pesos e fez a demonstração com um berimbau tamanho infantil.



E finalmente chegou ao atabaque, explicando a diferença entre atabaque e tambor dizendo: *“O tambor não possui as cordas laterais, quando vocês virem cordas nas laterais é um atabaque. Então para diferenciar é fácil, tem corda atabaque, não tem corda é um tambor”*.



Depois ele distribuiu um instrumento para cada aluno e fez a vivência da bateria com eles, revezando e fazendo com que todos de alguma forma, algum dos instrumentos vivenciasse. Seguindo explicando que existe uma sequência a ser seguida para iniciar a tocar, primeiro o berimbau, seguido pelo atabaque, após o pandeiro, depois agogô, reco reco e chocalho, e quem estava sem um instrumento tem que acompanhar nas palmas e finalmente começar a cantar.



No final chegou a vivência da roda, como não tinha tantos alunos para tocar os instrumentos, o Mestre utilizou de uma caixa de som, para que ele e seus dois alunos fizessem a roda mais dinâmica, e todos participassem. No começo os alunos ficaram tímidos e receosos, mas depois foram se soltando, até que a maioria participou. Quando um puxou o coro: “*professora, professora, professora*”, e não tive escapatória. Parei de filmar e fui.





Após a aula livre escolhida pelos alunos do 4º ano A chegar ao fim, muitos alunos agradeceram e ficaram realmente encantados com a experiência vivida, com falas como: *“vou falar pra minha mãe que quero fazer Capoeira”, “é muito legal”, “ eu consegui tocar o atabaque, e eu o pandeiro”, “achei que era mais difícil”, “adorei nossa aula”*. Em seguida toda a escola foi convidada para ir à quadra, onde Mestre Negão, fez uma breve vivência com os alunos que quiseram participar e finalizou com uma grande roda com a maioria dos alunos da escola.



Hoje foi um dia diferente para os alunos do 4º ano A, para os demais alunos da escola e para mim. Os alunos do 4º ano A não esperavam que seria hoje a aula livre tão esperada e escolhida por eles, os demais alunos da escola, também não sabiam sobre a apresentação e ficaram surpresos, e eu fui pega de surpresa quando me vi jogando na roda como há vinte anos atrás, é claro que não mais com o mesmo vigor de antigamente, mas em outra posição, na posição de educadora daqueles alunos que fizeram coro para me ver participando, muitos deles incrédulos, ao ver que a professora consegue realizar um au, uma armada, meia lua, queixada, *“é, acho que foram esses mesmos os golpes que consegui realizar agora na idade atual”*.

Situação que quando aluna de Capoeira e adolescente, passaria em um pequeno resquício dos sonhos de uma menina, que o mundo sempre disse que este seria um lugar onde ela não poderia ocupar.

Pois é, trilhei meu caminho e aqui cheguei. Professora de Educação Física, estudante de Mestrado e pesquisadora. De algum modo saber, que através do meu projeto pude proporcionar momentos como esses, de uma vivência muitas vezes distante dos meus alunos e toda comunidade escolar, momentos onde pude observar em um simples olhar admiração e respeito, diz que cheguei lá e estou onde deveria estar.

Em relação à Aula livre, acredito que associá-la ao Planejamento Participativo, deu aos alunos uma tomada de decisão com uma visão mais integrada de todos os envolvidos no processo, antes eles possuíam suas escolhas sobre o que seria realizado na aula livre, mas de maneira fragmentada. Acredito que para os alunos, esta percepção não pode ser alcançada totalmente, mas a maioria assimilou a ideia do coletivo, que a escolha da aula livre, não foi feita por esse ou aquele aluno, mas sim em conjunto, e que a maioria decidiu o que seria feito.

Deste modo, pude observar na aula de hoje e em todo o processo de construção pedagógico, até a chegada deste momento tão esperado por eles de aula livre, que tal estratégia, promove diálogos, reflexão e discussões coletivas, que talvez não existisse em outra situação de aprendizagem, visando valores, a criticidade dos alunos e transformando-os em instrumento modificador da própria realidade.

Cito como exemplo a roda de Capoeira apresentada na escola hoje. Para isso volto na primeira atividade coletiva realizada, a nuvem de ideias, onde a luta mais citada foi a

Capoeira, mas os alunos não possuíam a dimensão do universo da Capoeira, demonstrando que tal luta e universo não fazem parte do seu contexto de vida, isso por diversos motivos, sendo o bairro ao qual a escola está inserida e a realidade de vida de alguns deles.

Com isso, a premissa de que, com a aula livre e o Planejamento Participativo, transformar o aluno na parte central do processo de ensino e de aprendizagem, e que o conhecimento não é focado apenas no professor, gera conhecimentos e aprendizagens, que talvez de outra forma não chegassem e atingiriam determinados alunos, ambientes e contextos escolares.

DIÁRIO DE AULA 08

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino	
Data	06/06/2022	Conteúdo - Criando nossas Lutas.		
Estudantes presentes	M	16	F	10
Estudantes que participaram	M	16	F	10
Estudantes que faltaram à aula	M	00	F	00
Comportamento dos estudantes				
Os alunos estavam todos envolvidos na criação das suas Lutas / jogo. Na fase das apresentações se demonstraram motivados para demonstrar qual luta / jogo foi criada por cada grupo. No momento de criação coletiva da Luta do 4º ano A, houve várias intervenções, cada um dando sua ideia, uns complementando as falas dos outros.				
Observações				
<p>A aula de hoje teve início após a aula livre de final de conteúdo, realizada no dia 01/06/2022, onde os alunos escolheram vivenciar a Luta de matriz africana Capoeira. Neste primeiro contato com eles, após terem vivenciado algo que não faz parte do contexto de vida deles, os comentários foram de empolgação com vontade de praticar Capoeira, tendo alguns até entrado em contato com a secretaria de esportes, local onde oferece as aulas gratuitamente. Muitos deles, demonstraram surpresa ao me ver jogando na roda, com comentários como: “<i>não imaginava que a professora conseguia lutar Capoeira</i>”. Aí eu complementei: <i>Não é lutar Capoeira pessoal e sim jogar</i>”. Mas no geral pude perceber que, além de ter sido uma aula diferente do combinado pedagógico que eles possuem comigo, foi uma vivência positiva e diferente para os alunos e todo o contexto escolar envolvido no processo.</p> <p>Dando continuidade ao processo de construção coletiva iniciada na aula do dia 30/05/2022, criando nossas lutas, os alunos terminaram o processo de criação das lutas / jogos correspondente a cada grupo e deram início a Etapa 2, que consistia em socializar e experimentar as lutas / jogos recriados.</p> <p>Nesta etapa cada grupo apresentou a luta / jogo que recriou, em determinados momentos com minha intervenção e ajustes, para que a segurança e o entendimento do que estava sendo recriado tivesse êxito.</p> <p>Segue as recriações das lutas por grupo, na ordem de apresentação (as transcrições serão realizadas de acordo com o que os alunos escreveram na folha de suas recriações) :</p> <p>Característica do grupo: Luta / jogo de oposição.</p> <p>Nome da Luta: Gira Corda.</p> <p>Descrição Luta: utilizando os dois círculos da quadra, os jogadores ficarão entre os dois. Pode ser jogado de forma individual ou por equipe. Com a corda esticada e girando, cada jogador deverá puxar seu oponente, até o momento que ele pise no círculo menor. Não pode sair do círculo, se sair é eliminado. Não pode enrolar a mão na corda. Os dois jogadores tem que girar no mesmo ritmo. Não pode soltar a corda, se soltar é eliminado. Não pode cair de bobeira. O comprimento da corda pode ser ajustado para conseguir girar.</p>				



Característica do grupo: Luta / jogo de ataque e defesa.

Nome da Luta: Rouba fita quadra inteira.

Descrição Luta: Uma equipe será atacante, outra equipe será defensora, diferenciados por uma fita de tnt na cintura, cada equipe possuindo uma cor. O objetivo dos atacantes é pegar o maior número de fita do seu adversário e colocar no bambolê próximo ao gol de um lado da quadra. O objetivo dos defensores é pegar a fita do seu oponente, assim ele fica parado no lugar, e só pode sair se alguém do time o salvar tocando-o. O jogo é dividido em rodadas. Depois de um tempo determinado troca, a equipe que estava atacando vira defensora e quem estava defendendo vira atacante. Ao final de cada rodada soma-se e a equipe que conseguiu roubar mais fita quando estava na posição de atacante é o vencedor da rodada.



Característica do grupo: Luta / jogo de equilíbrio e desequilíbrio.

Nome da Luta: Mariguara.

Descrição Luta: Em duas linhas feitas em zigue e zague, os oponentes ficarão equilibrados, com as mãos encostadas e assim tentar desequilibrar seu oponente. Não pode entreteçar os dedos, quem pisar fora da linha de zigue zague perde. Pode ser jogado individualmente ou por equipe, por isso a linha em zigue zague tem que ser comprida, para ficar mais divertido e diferente. A linha em zigue zague pode ser feita de giz no chão. Quando o jogo for por equipe, as duas pessoas da equipe tem que ser eliminadas para ganhar.



Característica do grupo: Luta / jogo de conquista de território.

Nome da Luta: Luca Kauca.

Descrição Luta: Objetivo do jogo é tirar o oponente do círculo. Os jogadores tem que ficar em pé, de costas, com a bola de pilates entre os dois, com as mãos juntas esticadas no alto. Não pode virar de frente, não pode soltar as mãos, o jogador que fizer isso está eliminado. Se a bola cair uma vez, haverá somente uma chance, se derrubar a bola duas vezes a jogo termina sem um vencedor.



Característica do grupo: Luta / jogo de imobilização.

Nome da Luta: Imobilizando.

Descrição Luta: oponentes de costas e em pé, com os braços entrelaçados. Objetivo tentar impedir de ser retirado do círculo, neutralizando o oponente com a força do corpo. Não pode puxar forte, de forma agressiva. Não pode agachar em nenhum momento. Não usa material.



Etapa 3 – Através do Planejamento Participativo e junção de ideias, luta criada pelo 4º ano A.

Característica da Luta / jogo: Oposição.

Nome da Luta: Quarteto opositor.

Número de participantes: quatro no total, a luta será realizada por equipe, sendo uma dupla por equipe.

Material: duas cordas com fitas sinalizadoras de tnt.

Local: Os participantes deverão ficar entre os dois círculos da quadra.

Descrição da Luta: Consiste em cada oponente segurar em uma ponta de cada corda, devendo estas estar cruzadas e devidamente sinalizadas, com uma fita de tnt de cores diferentes para identificação das equipes. Ao sinal, os oponentes juntos deverão puxar seu adversário, fazedo com que ele encontre qualquer parte do corpo no círculo menor, independente da dupla que consiga primeiro. Conseguindo isso, a dupla vence a rodada. A luta será dividida em rodadas, tendo no máximo três rodadas, se necessário para desempate. Não pode soltar a corda, causando eliminação. Se cair a vitória já é do oponente. Os oponentes deverão ter um perfil equilibrado para ser justo, independente de gênero, sendo dividido por categorias: feminina, masculina e mista. Tendo um juiz, que fica ao centro, sempre organizando o início de cada rodada.

Planejamento participativo, criação coletiva e testes:





Fase de experimentação e prática:



Na aula de hoje a parte de experimentação e fruição, pode ser colocada em prática e vivenciada do início ao fim. Desde o momento, onde os alunos iniciaram com a apresentação de suas recriações de Lutas / jogos, até a culminância final, com a junção das ideias da sala e Planejando participativamente com a criação da sua própria Luta / jogo e finalizando com a vivência.

Na junção dos grupos na aula anterior, deixei que eles escolhessem os grupos, com o princípio da autonomia dos alunos, para que, devido a identificação, as tomadas de decisões e criações dos grupos se tornassem mais ricas e criativas as ideias. Na maioria dos grupos essa premissa funcionou, mas em alguns, tive que intervir de maneira mais pontual, para que o trabalho fosse realizado. Mas mesmo assim, acredito que quando os alunos formam grupos por identificação, eles conseguem criar de uma maneira mais integrada e coletiva, obtendo um resultado mais positivo ao que foi proposto.

Dentre as Lutas / jogos recriados, pude identificar que em alguns grupos as ideias foram genuinamente reformuladas e durante todo o processo o trabalho foi realizado em grupo, com os alunos interagindo a todo momento e complementando as ideias dentro de seus grupos. Mas especificamente nos grupos onde tive que intervir para que houvesse o processo de recriação as Lutas / jogos, este fator de reformulação e empenho não ficou evidente, sendo demonstrado no resultado final da Luta / jogo recriado.

Finalmente após a fase de recriação e vivência da etapa 2, chegou a etapa 3. Que consistia, a partir de tudo que lhes foi apresentado em relação ao conteúdo Lutas de matriz indígena e africana e as vivências realizadas, toda a sala Planejar participativamente e recriar uma Luta / jogo do 4º ano A.

A maioria dos alunos se demonstraram envolvidos e motivados com a ideia, mas como toda sala de aula, existe os líderes e os que opinam com mais frequência. Mas no geral a aula foi caracterizada com a participação de todos, mesmo que fosse com ideias que a junção de todos falando não iria dar certo como disse o aluno Flopa no início: *“Professora, acho que juntar tudo não vai dar certo, cada um teve uma ideia diferente, vai virar um rolo”*. Em seguida a aluna Mel respondeu: *“Ai Flopa, para de falar que não vai dar certo, é só juntar o que mais gostamos de cada luta e colocar”*. Neste momento intervi e disse: *“Flopa essa é a real ideia do Planejamento Participativo, onde você achando que não vai dar certo e a Mel achando que vai dar certo, possam juntos construir algo a partir das diferenças que vocês encontraram nas apresentações dos trabalhos, você que juntando tudo vai virar um rolo e a Mel que é só juntar o que mais gostaram, e a partir dos pensamentos individuais de vocês, todos nós juntos contuirmos um pensamento coletivo, sendo o resultado final disto a Luta / jogo do 4º ano A”*.

A partir deste momento os alunos demonstraram relativa compreensão do processo e o objetivo proposto se desenvolveu com suas participações e discussões, até que a Luta / jogo Quarteto opositor foi recriado e finalizado.

Na parte de vivência da Luta / jogo Quarteto opositor, pude observar enfim que minha fala para o aluno Flopa no início surtiu efeito nele e na maioria da sala, pois todos quiseram vivenciar a Luta / jogo que eles tinham recriado, e fazendo observações como: *“nossa que legal que ficou”*, *“ficou melhor do que achei”*, *“se fosse individual ficaria melhor acho, com quatro dá confusão”*. E a aluna Mel finaliza: *“Tá vendo Flopa, deu certo”*. E Flopa responde: *“Eu não achei que ia ficar assim Mel”*.

Diante disso, acredito que o processo de recriação das Lutas / jogos, trouxe aos alunos instrumentos, situações e vivências antes não experimentadas. Tendo no Planejamento Participativo o alicerce destas situações, pois através dele, tais situações foram realizadas, permitindo aos alunos uma construção, um fazer e um pensar em conjunto que eles não estavam acostumados.

DIÁRIO DE AULA 09

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino	
Data	13/06/2022	Conteúdo: Danças do Brasil – matriz indígena e africana.		
Estudantes presentes	M	14	F	10
Estudantes que participaram	M	14	F	10
Estudantes que faltaram à aula	M	02	F	00
Comportamento dos estudantes				
No início da aula a maioria dos alunos se envolveram, participando da roda de conversa inicial e discussões. Dando continuidade todos se comportaram dentro da normalidade e realizaram a atividade prevista.				
Observações				
<p>Hoje a aula teve início com uma roda de conversa sobre a finalização do conteúdo de Lutas de matriz indígena e africana, e a vivência das Lutas / jogos criados por eles, na aula do dia 06/06/2022.</p> <p>Iniciei com questionamentos como: <i>“Dentre as Lutas/jogos recriados, vocês cumpriram com o estabelecido para cada grupo e a característica preestabelecida?”</i>. A maioria dos alunos concordaram que sim. A aluna Mel responde: <i>“Professora, eu achei que alguns grupos mais que outros, teve jogo que ficou mais legal, outros ficaram igual mais parecido com o que você passou”</i>. Continuei questionando: <i>“Como foi para vocês recriar e jogar algo que vocês mesmos criaram? Acharam fácil ou difícil”</i>. Mbappé responde: <i>“O meu foi fácil”</i>, e o aluno Will rebate: <i>“Mas o seu não ficou muito com cara de luta, ficou parecendo pique bandeira”</i>. E Mbappé responde: <i>“mas eu cumpri com o que era do meu grupo, ataque e defesa”</i>. Neste momento intervi e disse: <i>“Que apesar de algumas recriações dos grupos não terem ficado parecidos com as Lutas tradicionais a que estamos acostumados, ou o que foi demonstrado durante as aulas, as características preestabelecidas todos os grupos cumpriram, uns com mais criatividade, outros precisaram mais da minha intervenção, mas que era essa a proposta”</i>. E, assim, compreender que as lutas podem ser muito mais do que o simples contato entre dois oponentes, requer preparação, treinamento e respeito mútuo.</p> <p>E no final perguntei: <i>“Como foi para vocês juntos criarem a Luta/jogo Quarteto opositor, vocês se sentiram parte do processo de criação da aula e que realmente planejaram participativamente”</i>. A maioria dos alunos afirmaram positivamente, mas alguns comentários chamaram atenção como: Mel, <i>“Professora foi muito legal, mas alguns jogos pareceram mais lutas e outros só jogos”</i>. Will: <i>“Nosso grupo procurou pegar a característica que a gente era responsável e acrescentar mais coisas”</i>. Mbappé: <i>“Acho que a sala escolheu mais características para criar o nosso jogo, do grupo do Guilherme, porque foi o mais legal”</i>. July: <i>“No nosso grupo todos deram suas ideias, e depois na hora de criar o jogo da sala, a maioria falou também”</i>. Flopa: <i>“Mas no nosso grupo a professora, teve que ajudar, senão não ia sair nada”</i>.</p> <p>Deste modo, expliquei que ali naquela roda de conversa, discutindo como teria sido a finalização da aula anterior, nós já estávamos juntos trocando ideias de que como algo para alguns foi positivo e para outros nem tanto, e este fato por si só já era um trabalho participativo, pois estávamos saindo dos pensamentos individuais deles e os expondo coletivamente, e a partir de então uns concordando mais e outros menos com os questionamentos propostos. Mas todos se respeitando!</p> <p>Com relação à avaliação de final de conteúdo, durante o percurso, os alunos participaram</p>				

de discussões, sobre as Lutas, normas de segurança, a prática das Lutas, analisaram as características, construíram cartazes, jogos recreativos diagnósticos, fizeram jogos relacionados na fase de experimentação e criaram seu próprio jogo. Sendo todas essas atividades utilizadas como instrumentos de avaliação.

Após a roda de conversa e finalização de conteúdo, dei início a aula na sala de informática, onde iniciei o próximo conteúdo a ser abordado no segundo bimestre: Danças do Brasil – matriz indígena e africana.

Apresentei vídeos das seguintes danças: Dança africana: O Jongô e Dança Indígena: A dança do coco. Seguidas das suas respectivas explicações e contextualização.

Logo após apresentei um vídeo com um compilado de Danças populares brasileiras, onde foi apresentado: frevo, carimbó, maracatú, samba de roda, bumba meu boi, fandango, pau de fitas e catira, também seguidas de suas explicações e contextualizações das danças.

Com isso, após eles visualizarem os estilos de danças, e eu intervir com as explicações necessárias, expliquei aos alunos o cronograma escolar relacionado aos festejos juninos que irão acontecer na escola. Disse que cada sala de aula irá apresentar uma dança, que não era obrigado dançar, mas que eu como professora responsável pelos ensaios do Ensino Fundamental I, ficaria feliz se eles participassem.

Propus aos alunos se eles gostariam de apresentar alguma dança de matriz indígena ou africana para contextualizar com o conteúdo do segundo bimestre do 4º ano. Prontamente a maioria respondeu que sim, então perguntei dentre as danças que lhes foram apresentadas na aula, quais eles achavam que seria possível e viável realizar em uma apresentação na festa junina escolar, a maioria indicou o jongô e a dança do coco. Devido a fatores de vestimentas e complexidade dos passos.

Desta forma realizei a pergunta no formulário do google forms e o resultado foi o seguinte:



QUAL DANÇA DE MATRIZ INDÍGENA E AFRICANA, EU GOSTARIA DE APRESENTAR NA FESTA JUNINA?

[Ver opções](#) ▾

DANÇA DO COCO.

20 respostas

JONGO.

4 respostas

Realizada a escolha pelos alunos, a dança escolhida para ser apresentada na festa junina escolar pelo 4º ano A, foi a Dança do coco.

Hoje dei início a aula, finalizando a aula anterior, através de uma roda de conversa, pois não houve tempo hábil, para esta roda de conversa ser realizada no mesmo dia.

Percebi que dentre os questionamentos que propus, como em toda sala de aula e em específico nesta, tem os que participaram mais, dando suas opiniões e contribuições, questionando, enfim e teve aqueles alunos que apenas observam e concordam em coro quando a maioria responde. Mas de modo geral pude observar com sucesso todo o processo de recriação proposto até o produto final, que foi a recriação da Luta/jogo de toda a sala, denominado por eles Quarteto opositor, pois dentre este processo, até o mais tímido de alguma forma deu sua contribuição, sendo o escriba, testando o material, ou mesmo que seja falando que não ia dar certo.

Quanto ao segundo conteúdo a ser abordado no segundo bimestre Danças do Brasil – matriz indígena e africana. Houve algumas alterações relacionadas ao cronograma, devido as demandas escolares com relação aos festejos juninos, ao qual eu como professora da escola tenho que cumprir. Com isso, procurei incorporar a temática da festa junina, as danças de matriz indígena e africana e reformulei o cronograma inicial para que eu conseguisse cumprir o conteúdo, a aplicação do meu projeto e meus compromissos com a comunidade escolar.

A alternativa que encontrei foi a apresentada acima. Apresentei o conteúdo aos alunos em forma de vídeos e contextualizando-os a todo momento, e depois de forma que incorporasse a temática do Planejamento Participativo, eles escolheram a dança que queriam apresentar na festa junina.

Com isso, acredito que o objetivo proposto pode ser alcançado, onde os alunos irão apresentar a toda comunidade escolar uma dança de matriz indígena ao qual não está presente no contexto escolar deles, muito menos nas festas juninas da escola. Eles em conjunto escolheram a dança, através dos critérios de viabilidade e dificuldade de execução.

Todos os alunos participaram do processo de escolha e construção da dança a ser escolhida, mas devido a fatores externos e gostos pessoais, não serão todos que irão apresentar a dança no dia da festa, pois alguns não quiseram participar, e eu deixei em aberto essa opção de escolha para os alunos.


Uma observação que me chamou a atenção durante as apresentações dos vídeos que gostaria de relatar, foi o fato que durante a exibição do vídeo sobre o jongo, apareceu um

tambor e os alunos na hora reconheceram como tambor dizendo: “*Professora esse é o tambor né, porque não tem a corda ao redor*”. E eu respondi: “*Isso mesmo*”. Lembrando da explicação do Mestre Negão no dia da aula livre, de capoeira.

E logo em seguida durante a exibição do vídeo sobre o samba de roda, eles exclamaram: “*E esse é o atabaque né, porque tem a corda*”. Neste momento, salientei aos alunos a conexão existente entre a Luta Capoeira de matriz africana e as danças de matriz africana, e que em determinado momento os elementos se entrelaçam e se conectam culturalmente.

Então, a partir deste momento procurando cumprir as demandas escolares, o conteúdo proposto para o bimestre, e entrelaçando ao meu projeto de pesquisa, os alunos do 4º ano A irão ensaiar e apresentar a dança de matriz indígena – Dança do coco, como finalização do cronograma proposto para minha unidade didática.

DIÁRIO DE AULA 10

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino
Data	20/06/2022 à 29/06/2022	Conteúdo: Danças do Brasil – matriz indígena e africana. Ensaios e Apresentação de dança Festa Junina Escolar.	
Observações			
<p>Devido as demandas escolares com relação aos festejos juninos, ao qual eu como professora da escola tenho que cumprir, os ensaios para a apresentação foram realizados entre o período do dia 20/06/2022 e 27/06/2022. Totalizando três ensaios realizados nos dias das aulas de Educação Física na Unidade Escolar. Ensaiei todas as salas do 1º ao 5º ano, sendo os períodos de aula na escola nesses três dias, dedicados aos ensaios das salas, com o tempo dividido entre todas as salas.</p> <p>Os alunos do 4º ano A, escolheram para apresentar a dança de matriz indígena – dança do coco. Todos os alunos da sala participaram do processo de escolha e construção da dança, mas devido a fatores externos e gostos pessoais, não foram todos que participaram dos ensaios e conseqüentemente da apresentação no dia da festa. Com isso, devido ao número de alunos que participaram da dança, para que fosse possível realizar a apresentação de forma efetiva com o que era proposto pelo estilo de dança, complementei com alunos do 5º ano A, que tiveram o interesse em participar da dança e apresentação no dia da festa.</p> <p>A dança do Coco de influência indígena, é uma dança de roda acompanhada de canto. Pode ser realizada em pares; fileiras ou círculos e acontece em todo sertão nordestino. Pode receber nomenclaturas diferentes de acordo com a região: pagode, zambê, coco de usina, coco de roda, coco de embolada, coco de praia, coco do sertão, coco de umbigada. Cada grupo que dança acaba recriando a dança e transformando-a de acordo com o gosto da população local.</p> <p>Com isso, foram apresentadas aos alunos três músicas e estilos coreográficos possíveis de ser adaptados para a realidade e idade/série deles, pois este estilo de dança não está presente em seu contexto escolar e nunca foi apresentado nas festas juninas da escola; a música escolhida foi: Coco do norte. Durante os ensaios ajustes foram sendo feitos conforme a necessidade e observações dos alunos, com relação à execução e complexidade da dança, para que se encaixasse a realidade dos alunos e obtivesse o êxito nos ensaios, até chegar na coreografia final a ser apresentada no dia da festa junina.</p> <p>Ensaios:</p>			
			



Após o período de ensaios o dia da festa chegou, 29/06/2022. Dava para sentir no ar a ansiedade dos alunos e é claro a minha também, pois era ali naquele momento em apenas três minutos, que se resumiria a finalização de um conteúdo e um trabalho em conjunto, onde o protagonismo dos alunos seria evidenciado e demonstrado para toda a comunidade escolar.

Seguindo a organização escolar da festa, a dança do 4º ano A, intitulada Coco do norte, foi a quarta dança apresentada, dentre todo o cronograma pré estipulado. Todos os alunos que ensaiaram compareceram no dia da festa, sendo esse um grande receio de todo professor que está acostumado a ensaiar esses festejos, que no dia da festa qualquer imprevisto aconteça e algum aluno falte ou algo dê errado, na apresentação final.

Felizmente, tal situação não passou apenas de um receio meu. Durante os três minutos de apresentação tudo saiu como o planejado. Os alunos se apresentaram com êxito dentro da proposta e demonstraram para toda comunidade escolar a Dança do coco, dança de origem indígena, demonstrada como conteúdo do segundo bimestre e escolhida por eles para ser apresentada na festa junina escolar.

Devido ao meu envolvimento com a festa de forma mais global, por estar responsável pelas danças do Ensino Fundamental I da escola, pude perceber uma surpresa e vibração de todos com a apresentação da Dança do Coco, acredito que por não ser uma dança comum nas festas da escola, tendo nesta situação um retorno positivo de todos, após a apresentação.

Entre os alunos também pude perceber um alívio, por tudo ter dado certo e saído como o planejado, visão esta percebida dentro daquela situação pós dança e do contexto ao qual a

festa me exigia.

Finalmente pude encerrar com êxito o cronograma proposto para minha unidade didática, com alguns ajustes devido ao contexto e demandas escolares, mas acredito que o objetivo proposto inicialmente de, através do Planejamento participativo, apresentar aos alunos o conteúdo do segundo bimestre estipulado pelos documentos norteadores para o 4º ano do Ensino Fundamental, foi atingido.

Especificamente o conteúdo Danças do Brasil – matriz indígena e africana, foi o que sofreu os ajustes, mas acredito que tal fato não trouxe prejuízos aos alunos. Procurei incorporar a temática dentro do contexto da festa junina da escola, ao qual as demandas escolares exigiam do meu papel de professora. Os alunos foram os protagonistas em todas as tomadas de decisões e estiveram envolvidos de forma integrada do início ao fim do processo, através dos diálogos, reflexões e discussões coletivas, sendo instrumentos transformadores da própria realidade.

Apresentação final:

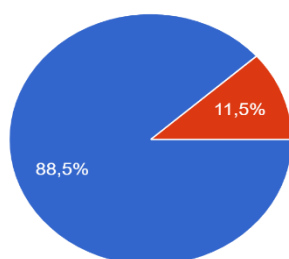


DIÁRIO DE AULA 11

Professora: Cristina Gil de Carvalho Baio		4º ano A	Período: matutino									
Data	01/08/2022	Conteúdo: Devolutiva questionário 1 e aplicação do questionário de Autoavaliação.										
Estudantes presentes	M	16	F	10								
Estudantes que participaram	M	16	F	10								
Estudantes que faltaram à aula	M	00	F	00								
Comportamento dos estudantes												
Os alunos se comportaram dentro da normalidade e realizaram a atividade prevista, apresentando suas impressões diante das atividades vivenciadas e demonstrando suas expectativas futuras em relação à unidade temática apresentada durante o bimestre.												
Observações												
<p>Iniciei hoje a primeira aula do 3º bimestre letivo, com a devolutiva para os alunos dos resultados obtidos globalmente na aplicação do questionário 1, realizado no dia 25/04/2022. Questionário este que se tratava de uma avaliação diagnóstica com o intuito de mapear o período de volta às aulas vivido por eles.</p> <p>Na sala de informática exibi para os alunos os resultados tabulados pelo google forms como segue:</p>												
<p>Gênero 26 respostas</p> <table border="1"> <caption>Gênero</caption> <thead> <tr> <th>Gênero</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Feminino</td> <td>38,5%</td> </tr> <tr> <td>Masculino</td> <td>61,5%</td> </tr> </tbody> </table>					Gênero	Porcentagem	Feminino	38,5%	Masculino	61,5%		
Gênero	Porcentagem											
Feminino	38,5%											
Masculino	61,5%											
<p>1 - Sua família ficou em isolamento social? 26 respostas</p> <table border="1"> <caption>1 - Sua família ficou em isolamento social?</caption> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Não</td> <td>11,5%</td> </tr> <tr> <td>Sim, todos os membros da família</td> <td>80,8%</td> </tr> <tr> <td>Sim, alguns membros da família</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>					Resposta	Porcentagem	Não	11,5%	Sim, todos os membros da família	80,8%	Sim, alguns membros da família	
Resposta	Porcentagem											
Não	11,5%											
Sim, todos os membros da família	80,8%											
Sim, alguns membros da família												

2 - Você achou importante aderir ao isolamento social?

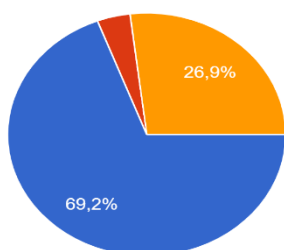
26 respostas



- Sim, foi importante colaborar na não disseminação do coronavírus.
- Não, acho que por não fazer parte do grupo de risco, deveria continuar minhas atividades.
- Para mim foi indiferente.

3 - Quanto tempo você ficou na internet comparado a utilização antes da pandemia?

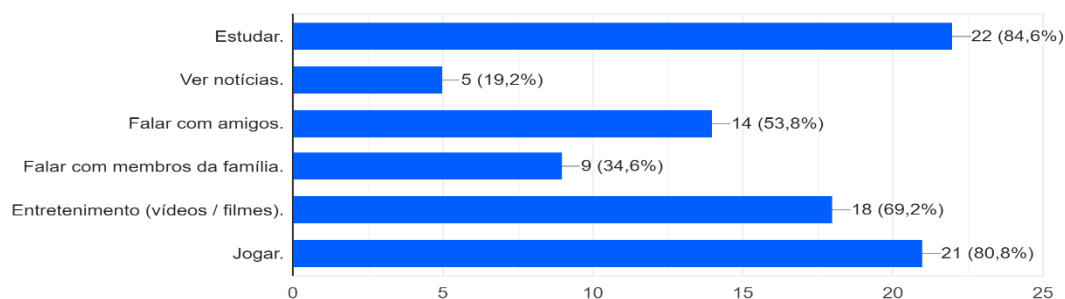
26 respostas



- Mais.
- Menos.
- Igual.

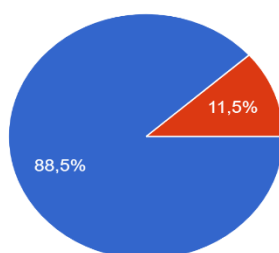
4 - Qual foi a utilidade da internet neste período?

26 respostas



5 - Com o isolamento social você se sentiu diferente?

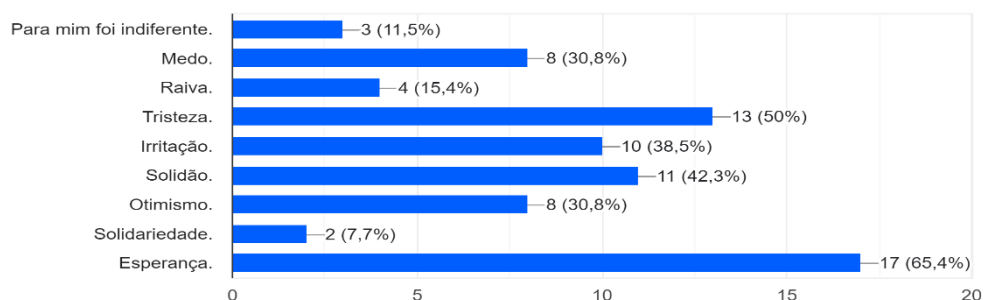
26 respostas



- Sim.
- Não.

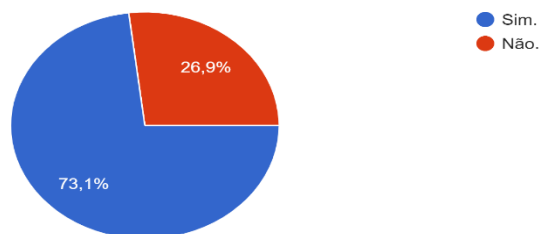
6 - Quais foram seus sentimentos durante o distanciamento ou isolamento social?

26 respostas



7 - Durante o distanciamento ou isolamento social, você e sua família praticaram alguma atividade física?

26 respostas



8 - Se sim, quais foram as atividades físicas que vocês praticaram?

26 respostas

Não pratiquei.

Joguei bola.

Joguei bola com minha amiga.

Joguei bola, andei de patinete e de bicicleta.

Futebol

Caminhada, andar de bicicleta, jogar bola e andar de patinete.

Jogar futebol e andar de bicicleta.

Caminhada e jogar bola.

Amarelinha, andei de patinete, brinquei no parque e corri no campo.

Andei de skate e bicicleta.

Andei de bicicleta.

Andei de bicicleta e patinete.

Bicicleta e caminhada

Amarelinha, pular corda, andei de bicicleta e caminhada.

Futebol e bicicleta.

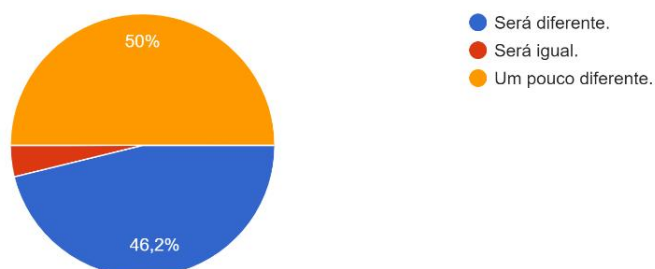
Caminhada, queimada, andar de bicicleta e patins.

Futebol e Bicicleta.

Pular corda, caminhada, andar de bicicleta.

9 - O que você espera deste retorno às aulas depois da pandemia?

26 respostas



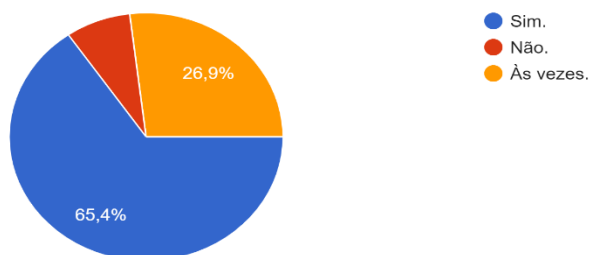
Por que?

26 respostas

- Por causa das máscaras.
- Será diferente por causa da máscara.
- Porque agora está voltando aos pouquinhos.
- Porque não vai mais usar máscara.
- Por que tem que usar álcool em gel.
- Será um pouco diferente, pois a gente ficou um ano e meio sem ir na escola.
- Porque a gente vai ter que usar máscara, mas já está parando em pouco em pouco.
- Por causa das vacinas e máscaras.
Porque está acabando a pandemia.
- Vamos tirar as máscaras e as pessoas vão parar de morrer.
- Fazem dois anos que não vou a escola e gosto da escola e também mudei de escola.
- Agora temos que passar álcool, medir a febre, distanciamento e uso de máscaras.
- Porque fiquei um ano e meio sem escola.
- As máscaras.
- Porque tem que usar máscaras em alguns lugares.
- Porque ainda vai ter pandemia.
- Porque encontrei meus amigos e estudar de novo.
- Vai mudar as máscaras, aula de Educação física e novas matérias.
- Porque eu não aguento mais as máscaras.
- Ficou diferente por causa da internet.
- Por causa da máscara.
- Estamos nos recuperando de pouco em pouco e por causa das máscaras.
- Tem que passar álcool em gel, usar máscaras, lavar as mãos com mais frequência.

10 - Você sentiu falta da escola e dos seus colegas?

26 respostas



11 - Para os que responderam sim ou às vezes, o que você sentiu mais falta da escola?

26 respostas

Dos meus amigos e dos professores.

Não senti.

De brincar na Educação Física.

Dos meus colegas, da quadra, das professoras e da merenda.

Educação Física e das professoras.

Educação Física.

Educação física.

Dos professores, funcionários, das aulas e colegas.

Educação física, dos amigos, da escola e dos professores.

Educação física, quadra, amigos e recreio.

Educação física e estudar na escola.

Educação física, das professoras e do recreio.

Recreio, colegas e Educação física.

Das professoras e dos colegas.

Dos professores, dos meus amigos e da Educação física.

Dos meus amigos e das professoras.

As aulas, amigos e professoras.

Educação física, das professoras, dos meus amigos, da quadra e aula livre.

Os meus colegas, a aula de Educação física e as professoras.

Os colegas.

Educação física, das professoras e dos amigos.

Das aulas de Educação física e das professoras.

Eu senti falta da Educação física.

12 - Quais atividades das aulas de Educação Física Escolar você sentiu mais falta?

26 respostas

Queimada.

Queimada da mão fria.

Queimada, aula livre, pular corda, bambolê, estafeta, corrida joken pô.

Queimada, pular corda, corrida joken pô.

Aula livre e queimada.

Queimada e aula livre.

Queimada.

Aula livre, queimada, estafeta jogo velha.

Queimada, corrida joken pô.

Queimada e aulas livres.
Amarelinha e bambolê.
Bambolês, cordas e bolas, estafeta corrida joken pô.
Estafeta corrida joken pô.
Queimada com a mão fria, amarelinha, estafetae bambolê.
Aula livre, queimada e corrida joken pô.
Queimada, par ou ímpar e aula livre.
Amarelinha, queimada, pular corda e corrida joken pô.
Aula livre, queimada, bambolê, pega pega embaixo da perna.
Queimada com a mão fria, queimada sem morto giratório.
Queimada e futebol.
Pular corda, amarelinha, queimada e estafetas.
Bambolê, amarelinha, estafeta, queimada com a mão fria, corrida joken pô.
Queimada, pular corda, amarelinha, estafetas e corrida joken pô.
Queimada, corrida joken pô, amarelinha e estafetas.

Ao apresentar os resultados tabulados para os alunos muitos ficaram surpresos em determinadas questões como a número seis, que se tratava dos sentimentos deles durante o isolamento social, ao ver que mais de 65% dos alunos, apesar de toda situação vivida se sentiam esperançosos, o aluno *Mbappé* comenta: “*que legal né professora, você viu a maioria da sala estava com esperança*”. Depois o aluno *Messi* complementa: “*é que a gente queria muito voltar para a escola*”.

Mas foi na questão doze que eles expressaram maior interação ao ver as respostas dos colegas com falas como: “*você viu professora a gente gosta mesmo de jogar queimada com mão fria*”; “*as respostas foram bem parecidas*”; a aluna *Mel* observa, “*você viu professora, os meninos falam tanto que querem jogar futebol, mas quase não apareceu futebol nas respostas*”; por fim o aluno *Mbappé* diz, “*a verdade gente é que a maioria colocou queimada, que é o que nós mais gostamos de jogar*”.

Na segunda parte da aula apliquei com os alunos o questionário 2 de Autoavaliação, com o intuito de análise e conclusão, diante das atividades vivenciadas em relação à unidade didática apresentada durante o bimestre.

Na parte de identificação do questionário 2, incluí um campo chamado “apelido”. Expliquei aos alunos que o apelido que eles escolhessem, seria a forma de identificação deles diante dos meus diários de aula, seguindo a norma do anonimato dos alunos. Com isso os alunos puderam escolher um apelido que mais gostam, e desta forma desenvolveram sua autonomia de como gostariam de ser identificados perante ao meu trabalho, no qual são parte essencial.

Após sua aplicação realizei uma roda de conversa, onde os alunos apresentaram suas impressões sobre a participação no segundo bimestre, onde foi aplicada a unidade didática. Também apresentei a eles a ideia do meu produto educacional e expliquei que seria um aplicativo educacional, onde utilizando a dinâmica do Planejamento Participativo, eles irão escolher as atividades realizadas nas aulas livres, que está em fase de desenvolvimento e logo irão testá-lo, e as falas abaixo foram as que se destacaram:

- “*foi a primeira vez que fizemos algo juntos assim, com todos participando, como o seu projeto de planejamento participativo professora*” (*Mel*).
- “*de todas as atividades, até quem não faz muito, alguma coisa fez*” (*Raquel*).
- “*eu só não dancei na festa junina, porque não gosto de dançar, o resto eu*

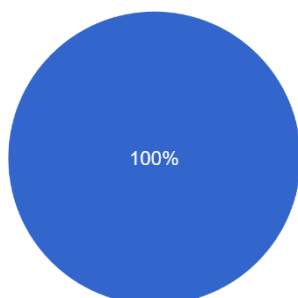
participei de tudo” (Cássio).

- *“com as aulas assim ficou mais legal” (Bele).*
- *“não vejo a hora de ver o aplicativo pronto, para escolhermos nossas aulas livres” (Mbappé).*
- *“no começo não gostei muito professora, porque não gostei do grupo que cai, mas agora queria que fosse sempre assim, a gente planejando junto com você” (Boruto).*
- *“a professora poderia trazer mais coisas diferentes, como foi a aula livre de Capoeira” (Messi).*

Segue os dados tabulados do Questionário 2 – Autoavaliação:

1 - ORGANIZAÇÃO DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO DURANTE O BIMESTRE:

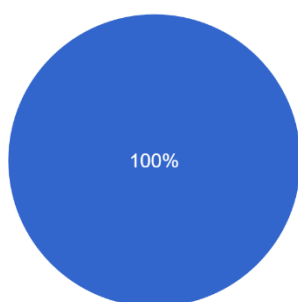
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

2 - NUVEM DE IDEIAS (GRUPO DE WHATSAPP):

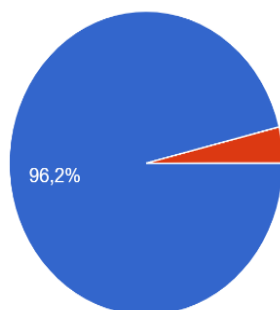
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

3 - CONFEÇÃO DO CARTAZ (TIPOS DE LUTAS, GOLPES E CARACTERÍSTICAS):

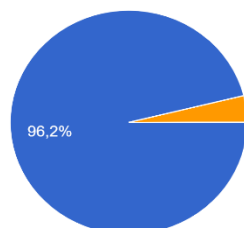
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

4 - VIVÊNCIA JOGO DOS AGRUPAMENTOS - DESCOBRINDO OS GESTOS, TIPOS E CARACTERÍSTICAS DAS LUTAS:

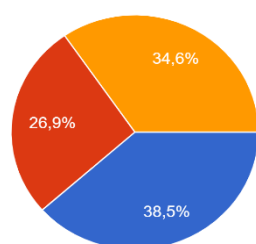
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

5 - PESQUISA INDIVIDUAL LUTAS DE MATRIZ INDÍGENA E AFRICANA:

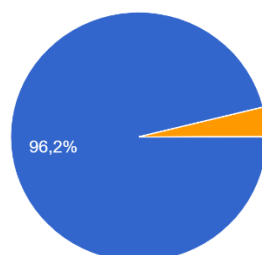
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

6 - VIVÊNCIA JOGOS DE OPOSIÇÃO, ATAQUE E DEFESA, EQUILÍBRIO E DESEQUILÍBRIO, CONQUISTA DE TERRITÓRIO E IMOBILIZAÇÃO:

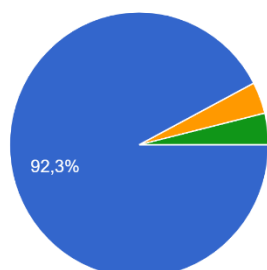
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

7 - VIVÊNCIA AULA LIVRE - LUTA DE MATRIZ AFRICANA CAPOEIRA:

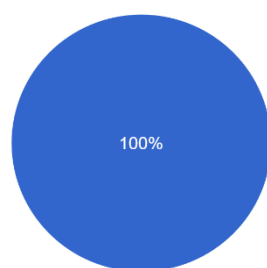
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

8 - VIVÊNCIA - CRIANDO NOSSAS LUTAS:

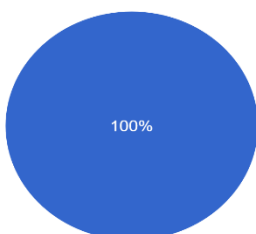
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

9 - ESCOLHA DA DANÇA A SER APRESENTADA NA FESTA JUNINA:

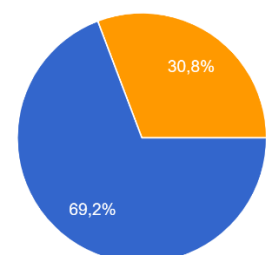
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

10 - PARTICIPAÇÃO DOS ENSAIOS E APRESENTAÇÃO FINAL DA DANÇA DO COCO NA FESTA JUNINA:

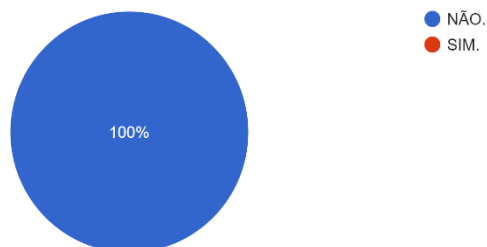
26 respostas



- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM SUA TOTALIDADE.
- PARTICIPEI DA ATIVIDADE EM PARTE.
- NÃO PARTICIPEI DA ATIVIDADE.
- NÃO ESTAVA PRESENTE NA AULA NO DIA DA ATIVIDADE.

11 - AO LONGO DA SUA EXPERIÊNCIA ESCOLAR, DIANTE DE TODAS AS DISCIPLINAS CURRICULARES, VOCÊ JÁ HAVIA PARTICIPADO DA DINÂMICA DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO?

26 respostas



12 - APÓS TER PARTICIPADO E VIVENCIADO AS AULAS DIANTE DA DINÂMICA DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO, QUAL ATIVIDADE VOCÊ MAIS GOSTOU? POR QUÊ?

26 respostas

O QUE EU MAIS GOSTEI FOI DE CRIAR UMA LUTA, E TAMBÉM GOSTEI DA CAPOEIRA COM O MESTRE NEGÃO.

GOSTEI MUITO DE CRIAR A LUTA, PORQUE TRABALHEI EM GRUPO E FOI DIVERTIDO.

FOI QUANDO A GENTE FEZ AULA LIVRE COM O MESTRE NEGÃO.

O STOP DAS LUTAS, PORQUE FOI MUITO DIVERTIDO.

GOSTEI DA VIVÊNCIA CRIANDO NOSSA LUTA, PORQUE FOI UMA COISA QUE FIZEMOS JUNTOS.

VIVÊNCIA DA AULA LIVRE, PORQUE FOI BEM LEGAL O MESTRE NEGÃO VIR NA ESCOLA E TAMBÉM A GENTE TOCAR OS INSTRUMENTOS.

JOGO STOP DAS LUTAS, PORQUE É UMA BRINCADEIRA MUITO LEGAL.

A AULA LIVRE - CAPOEIRA COM O MESTRE NEGÃO, FOI DIFERENTE.

VIVÊNCIA CRIANDO NOSSAS LUTAS, PORQUE FIZEMOS ALGO NOVO.

VIVENCIANDO AULA LIVRE LUTA DE MATRIZ AFRICANA CAPOEIRA, PORQUE TOCAMOS OS INSTRUMENTOS E GOSTEI.

CONFECÇÃO DO CARTAZ, PORQUE FOI DIVERTIDO.

CRIAR NOSSA LUTA (VIVÊNCIA FOI LEGAL).

FAZER NOSSA PRÓPRIA LUTA, POIS UMA VIVÊNCIA QUE NUNCA FOI VISTA.

AULA LIVRE DE CAPOEIRA, PORQUE ENSINOU A CAPOEIRA.

A NUVEM DE IDEIAS E O CARTAZ, POQUE FIZEMOS JUNTOS.

EU GOSTEI QUE A GENTE FEZ O JOGO DO STOP DAS LUTAS TODOS JUNTOS.

VIVÊNCIA DAS LUTAS, PORQUE APRENDI MAIS SOBRE AS LUTAS.

DA AULA LIVRE DO MESTRE NEGÃO, PORQUE DANÇAMOS E TOCAMOS INSTRUMENTOS.

GOSTEI DA CAPOEIRA DA AULA LIVRE, E DE JOGAR COM O MESTRE NEGÃO PORQUE FOI LEGAL.

EU MAIS GOSTEI DO DIA QUE NÓS CRIAMOS AS NOSSAS LUTAS E TAMBÉM GOSTEI DA AULA LIVRE COM MESTRE NEGÃO.

APRENDER SOBRE AS LUTAS.

LUTAS DE MATRIZ INDÍGENA E AFRICANA, PORQUE APRENDI SOBRE AS LUTAS.

AULA LIVRE COM MESTRE NEGÃO, PORQUE EU NUNCA TINHA FEITO ALGO ASSIM.

CRIAR A LUTA DA SALA E A VIVÊNCIA DA RODA DE CAPOEIRA.

VIVENCIAR A AULA LIVRE - LUTA DE MATRIZ AFRICANA CAPOEIRA, PORQUE NUNCA TINHA FEITO ISSO.

13 - APÓS TER PARTICIPADO E VIVENCIADO AS AULAS DIANTE DA DINÂMICA DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO, QUAL ATIVIDADE VOCÊ MENOS GOSTOU? POR QUÊ?

26 respostas

GOSTEI DE TUDO.

EU GOSTEI DE TUDO.

GOSTEI DE TODAS AS ATIVIDADES.

EU GOSTEI DE TODAS AS ATIVIDADES.

GOSTEI DE TODAS.

O QUE EU MENOS GOSTEI FOI DA PESQUISA INDIVIDUAL, LUTAS DE MATRIZ INDÍGENA E AFRICANA.

NÃO GOSTEI MUITO DA VIVÊNCIA DE CAPOEIRA COM O MESTRE NEGÃO.

PESQUISA INDIVIDUAL, LUTAS DE MATRIZ INDÍGENA E AFRICANA.

DE IR NA SALA DE INFORMÁTICA, PORQUE FOI INTEDIANTE.

VIVÊNCIA DO JOGO DOS AGRUPAMENTOS.

EU GOSTEI DE TODOS.

VIVÊNCIA CRIANDO NOSSAS LUTAS, POR CAUSA DO GRUPO.

GOSTEI DE TODAS.

TER VOTADO PARA A DANÇA, PORQUE QUASE NÃO FIZ NADA, PORQUE NÃO DANÇEI.

DA DANÇA DO COCO, DO FINAL DA FESTA JUNINA.

DA PESQUISA, PORQUE TIVE DÚVIDAS.

GOSTEI DE TUDO.

Diante dos dados apresentados do Questionário 2 de Autoavaliação, observo que todos os 26 alunos participantes da pesquisa realizaram em sua grande maioria todas as atividades propostas. Tendo em duas questões específicas uma baixa participação efetiva dos alunos, sendo elas as questões 5 e 10.

Na questão 5, que se tratava da pesquisa individual sobre as Lutas de matriz indígena e africana, muitos não fizeram a pesquisa e alguns que fizeram trouxeram informações repetidas e errôneas com relação à comanda da atividade. Durante a apresentação dos dados, reforcei que o eixo central do trabalho é o Planejamento Participativo e que quando eles não participam, como o que ocorreu, isso prejudica diretamente o processo de ensino e aprendizagem proposto, como relato no diário de aula 05. Mas pude observar que após esta atividade específica e a conversa reforçando alguns pontos essenciais da pesquisa a participação dos alunos nas propostas futuras foi mais efetiva.

A questão 10, tratava da participação na dança apresentada na festa junina, onde todos os alunos participaram da escolha de qual dança seria apresentada, como relato no diário de aula 09, mas devido a fatores externos e gostos pessoais, não foram todos os alunos que participaram da apresentação no dia da festa, e eu deixei em aberto essa opção de escolha para os alunos.

Acredito que de alguma forma uma pesquisa científica deva contribuir com uma possibilidade de transformação da sua realidade motivadora, no meu caso, a realidade do retorno às aulas após um momento nunca vivido antes, pós pandêmico, objetivando analisar um processo de ensino da Educação Física através da experimentação e do Planejamento Participativo.

Neste sentido, busquei apresentar aos alunos reflexões e possibilidades, no processo de ensino e aprendizagem que 100% dos alunos sinalizaram na Autoavaliação nunca terem vivenciado antes, que seria a participação em uma dinâmica de Planejamento Participativo.

Com isso, após o desenvolvimento do trabalho durante o segundo bimestre letivo do ano de 2022, percebi em muitos momentos compartilhando uma dinâmica antes não trabalhada, possibilidades reais de assimilação efetiva do conteúdo aplicado, no sentido de superar uma realidade que se apresentava. Alunos que ficaram por um longo período em isolamento social e voltavam ao ambiente escolar experimentando uma realidade social diferente da que deixaram, com regras e normas sanitárias a cumprir, com uso de máscaras, álcool em gel, e distanciamento social. Fatores esses relatados por eles no questionário 1 de avaliação diagnóstica.

A temática do Planejamento Participativo, acredito que me trouxe a possibilidade de,

como professora, ressignificar minha prática pedagógica, buscando estratégias que de alguma forma incentivassem a participação de todos os alunos nas práticas corporais experienciadas, ao qual foi apresentado nos dados do questionário de Autoavaliação.

ANEXOS

ANEXO A: CARTA DE ACEITE DA ESCOLA



SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO REGIÃO DE TAQUARITINGA
EMEF “PROF. JOSÉ TOLEDO DE MENDONÇA”
Mantenedora: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE ITÁPOLIS
Rua Joaquim Nabuco, 292 – Centro CEP 14.900-000 - ITÁPOLIS – SP
Tel: (16) 3262-5403 / E-mail: toledodemendonca@itapolis.sp.gov.br

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da E.M.E.F. Prof. José Toledo de Mendonça, informo que o projeto de pesquisa intitulado “A construção do conhecimento da Educação Física a partir da experimentação: uma proposta de planejamento participativo”, apresentado pela pesquisadora, Cristina Gil de Carvalho Baio e que tem como objetivo principal analisar um processo de ensino da Educação Física no qual a experimentação e o planejamento participativo serão evidenciados, foi analisado e autorizada sua realização apenas após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação do CEP-UFSCar antes de iniciar a coleta de dados nesta Instituição.

“Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Itápolis, 09 de novembro 2021

Luciana Berti Cazotti Venturini
Coordenadora Pedagógica
RG: XXXXXXXX

André Emilio Rozani
Secretário Municipal de Educação
RG: XXXXXXXX

ANEXO B: APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA EXPERIMENTAÇÃO: UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

Pesquisador: GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53419621.6.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.279.172

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas na apresentação do projeto foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1854927, de 14/01/2022) e/ou do Projeto Detalhado (ProjetoDetalhado2, de 14/01/2022):

RESUMO: Neste período de pandemia e isolamento social a partir do início de 2020, houve a potencialização de uma nova realidade mundial, onde a população ficou restrita às suas casas, com isso as práticas corporais sistematizadas em sua maioria foram deixadas de lado. Dentro do meu contexto escolar, pude observar tais prejuízos muito evidentes, uma vez que a maioria dos alunos tinham as aulas de Educação Física escolar como o único momento no qual praticavam atividades físicas orientadas antes da pandemia. Diante deste cenário de retorno às aulas presenciais, temos como objetivo analisar um processo de ensino da Educação Física no qual a experimentação e o planejamento participativo serão evidenciados. O projeto se dará assentado em uma abordagem de pesquisa qualitativa, caracterizada pela pesquisa-ação. Nesta orientação investigativa, a professora, que também será a pesquisadora do estudo, planejará as ações pedagógicas ao observar, analisar os registros das aulas e refletir sobre os mesmos. O trabalho será realizado com uma turma de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I, regularmente matriculados em escola municipal da cidade de Itápolis, localizada no interior do estado de São Paulo. Os dados serão coletados através de diários de aula elaborados pela professora-

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

pesquisadora e questionário misto com perguntas abertas e fechadas aplicados aos estudantes. Após a coleta, os dados serão analisados qualitativamente através do estabelecimento de categorias na expectativa de que os resultados obtidos auxiliem na construção de um processo de ensino de Educação Física no qual a experimentação, através das práticas corporais trabalhadas, e o planejamento participativo, que considera os alunos como parte essencial do processo de ensino e de aprendizagem, serão evidenciados. Todos os envolvidos na pesquisa (estudantes e seus responsáveis) receberão e deverão assinar os Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido, indicando a concordância em participar da pesquisa.

HIPÓTESE: Por ser um estudo de natureza qualitativa, os pesquisadores declaram não haver hipóteses.

METODOLOGIA: O projeto se dará em forma de uma pesquisa qualitativa, que compreende desenvolver conhecimento ideográfico, com a finalidade de buscar significados entre os objetos estudados. Centrando-se na descrição, interpretação e discussão das informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las diante do contexto apresentado (NEGRINE, 1999). Desta forma e coerentemente com o objetivo proposto, o trabalho se dará por meio de uma pesquisa-ação da professora-pesquisadora que visa planejar as ações pedagógicas, observar, analisar os registros e refletir sobre os mesmos. Desenvolvendo o conhecimento e a compreensão como parte da prática, fazendo pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e desejando melhorar a compreensão desta (ENGEL, 2000). O trabalho será elaborado com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I, regularmente matriculados em escola municipal da cidade de Itápolis, localizada no interior do estado de São Paulo e que aceitem participar do estudo, tendo a devida autorização da direção da escola para a realização da pesquisa providenciada (Anexo A). A escolha foi feita devido à disponibilidade de salas no processo de atribuição de aulas, uma vez que existe uma lista de classificação de professores todo o início de ano letivo que é considerada para tal. Como instrumentos de coleta de dados serão utilizados: a) diários de aula elaborados pela professora-pesquisadora e, b) questionário aplicado aos estudantes participantes da pesquisa. Um dos instrumentos elencados para o percurso investigativo serão os Diários de Aula que, segundo Zabalza (2004), são definidos como documentos em que os professores anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas. Existem duas variáveis básicas que diários de aula apresentam: a riqueza informativa, onde ele vai ser tanto mais rico quanto mais polivalente for a informação que se oferece nele; se

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

tornando um importante documento pessoal. E a sistematicidade das observações recolhidas, que permitem fazer uma leitura diacrônica sobre os acontecimentos, tornando possível analisar a evolução dos fatos (ZABALZA, 2004). O questionário será o instrumento de coleta de informações aplicado diretamente aos estudantes, sendo definido como uma lista de perguntas mediante a qual se obtém as informações necessárias de um sujeito ou grupo de sujeitos através de respostas escritas (Hayman citado por NEGRINE, 1999). Este questionário estará estruturado através de questões mistas, isto é, com perguntas abertas e fechadas, elaboradas com a finalidade de averiguar a opinião dos estudantes como eles se sentiram durante o período de isolamento social, se praticaram alguma atividade física, o que eles esperam deste retorno gradual das aulas e finalmente quais atividades eles sentiram mais falta no período longe da escola e as relacionadas às aulas de Educação Física Escolar. Com isso, a escolha do questionário como instrumento de coleta de dados, se dá, pois possibilita a obtenção de um significativo número de informações dos estudantes coletadas com o objetivo do estudo (NEGRINE, 1999). Durante o desenvolvimento da investigação serão respeitados todos os protocolos de biossegurança referentes à prevenção de contaminação pelo coronavírus que leva ao desenvolvimento da COVID-19 estabelecidos pelo Ministério da Saúde e organizados pelo município de Itápolis/SP. Além disso, todos os envolvidos na pesquisa (estudantes e seus responsáveis) receberão e deverão assinar os Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido, indicando a concordância em participar da pesquisa. Da mesma forma, a direção da escola deverá assinar uma autorização para a realização da pesquisa. Dito isso, tal pesquisa só será realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos da UFSCar. Os dados coletados serão organizados de acordo com categorias gerais e específicas definidas por Gomes (2004). Segundo ele, as categorias estabelecem classificações, significando agrupar elementos ideias ou expressões em torno de um conceito que abranja tudo isso, podendo ser estabelecidas antes ou a partir da coleta de dados. Neste projeto foi pensado utilizar as categorias a partir da coleta de dados. Neste sentido Gomes (2004) aponta, três princípios de classificação que estabelecem conjuntos de categorias: o primeiro deve ser estabelecido a partir de um único princípio de classificação; o segundo conjunto deve ser exaustivo, ou seja, permitir a inclusão de qualquer resposta numa das categorias do conjunto; e por último as categorias devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta só pode ser incluída em uma categoria.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar um processo de ensino da Educação Física no qual a experimentação e o planejamento participativo serão evidenciados.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos da pesquisa estão vinculados às próprias características das aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega ou leve escoriação. Poderá sentir também algum desconforto ao responder o questionário, participar do planejamento e das aulas. Em caso destas ocorrências será oferecido todo o suporte necessário.

Benefícios: Ajudar a entender e construir uma elaboração de processo de ensino, através da utilização da experimentação e do planejamento participativo como uma possibilidade pedagógica, de forma a considerar os alunos como parte essencial do processo ensino aprendizagem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 466/2012 suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise de respostas ao parecer pendente nº 5.188.671 emitido em 28/12/2021

Considerando a situação sócio sanitária, bem como os planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 municipais e Estaduais; Considerando que as Portarias/Resoluções de Instituições Proponentes de pesquisa são constantemente atualizadas; Considerando o papel do sistema CEP/CONEP em garantir a segurança e proteção do participante da pesquisa por meio dos Protocolos submetidos na Plataforma Brasil; Considerando a corresponsabilidade do pesquisador pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa;

Este CEP orienta aos pesquisadores o acompanhamento da situação sócio sanitária da região em que ocorrerá a pesquisa, bem como as determinações legais dos planos de contingenciamento do COVID-19 para determinação do início, suspensão ou continuidade de atividades de pesquisas presenciais, mesmo que o Protocolo já se encontre aprovado pelo CEP.

RESPOSTA: Temos que, preocupados com a atual situação pandêmica do país, dos professores, alunos e familiares, isto foi indicado na 11ª página do projeto, da seguinte forma: "Durante o

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

desenvolvimento da investigação serão respeitados todos os protocolos de biossegurança referentes à prevenção de contaminação pelo coronavírus que leva ao desenvolvimento da COVID-19 estabelecidos pelo Ministério da Saúde e organizados pelo município de Itápolis/SP.” Deixamos indicado no arquivo do projeto com destaque amarelo.

ANÁLISE: a contextualização sobre a situação sócio sanitária, planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 e demais medidas a garantir a integridade e bem-estar de todos os envolvidos na pesquisa foram de caráter orientativo, como descrito em “Este CEP orienta aos pesquisadores...”. Agradecemos a compreensão dos pesquisadores.

Pendências no TALE:

1. Descrever que a participação do aluno não terá custos para ele ou para o seu responsável legal.

RESPOSTA: Foi acrescentado o seguinte parágrafo: “Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou para seu responsável. Como a pesquisa será realizada durante o horário de suas aulas de Educação Física, você não terá custos adicionais com sua alimentação e transporte. Você terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.”

ANÁLISE: pendência atendida.

2. Descrever que o participante terá todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta de dados. E que o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

RESPOSTA: Como os participantes da pesquisa serão alunos que frequentam as aulas regulares de Educação Física na escola, não terão nenhum tipo de custo ou despesas em relação à participação na pesquisa. Desta forma, foi acrescentado o seguinte parágrafo: “Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou para seu responsável. Como a pesquisa será realizada durante o horário de suas aulas de Educação Física, você não terá custos adicionais com sua alimentação e transporte. Você terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.”

ANÁLISE: pendência atendida.

3. Descrever que o participante e o seu responsável receberão uma via do TALE rubricada em todas as páginas pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal com quem o participante e o seu responsável poderão tirar todas as dúvidas sobre a pesquisa a

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

qualquer momento.

RESPOSTA: Acrescentamos ao parágrafo que já indicava tais aspectos, o endereço da professora-pesquisadora de Educação Física. Desta maneira, o parágrafo ficou da seguinte forma: "Caso você não entenda alguma coisa ou não goste de qualquer situação que estiver participando durante as aulas de Educação Física ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Cristina Gil de Carvalho Baio, pessoalmente no endereço Rua: Jacomo Brunaldi, 300, Bairro: Residencial Village, Itápolis/SP, CEP: 14.900-000 ou pelo e-mail: cristina.baio@estudante.ufscar.br ou pelo telefone (16) 99168-7461, ou professor Glauco Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: glauco@ufscar.br ou pelo telefone (16) 3306-6757."; e acrescentamos o parágrafo: "Você e seu responsável receberão uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido rubricado em todas as páginas pela professora-pesquisadora."

ANÁLISE: pendência atendida.

4. Atualizar as informações do CEP no parágrafo final. Texto sugerido: "Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br"

RESPOSTA: Conforme solicitação, atualizamos/completamos o parágrafo, a saber: "Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br"

ANÁLISE: pendência atendida.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

Pendências no TCLE:

1. Descrever que a participação do aluno não terá custos para ele ou para o seu responsável legal.

RESPOSTA: Foi acrescentado o seguinte parágrafo: A participação dele/a na pesquisa não terá custos para ele/a ou seu responsável. Como a pesquisa será realizada durante o horário das aulas de Educação Física dele/a, ele/a não terá custos adicionais com alimentação e transporte. Ele/a terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

ANÁLISE: pendência atendida.

2. Descrever que o participante terá todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta de dados. E que o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

RESPOSTA: Como os participantes da pesquisa serão alunos que frequentam as aulas regulares de Educação Física na escola, não terão nenhum tipo de custo ou despesas em relação à participação na pesquisa. Desta forma, foi acrescentado o seguinte parágrafo: A participação dele/a na pesquisa não terá custos para ele/a ou seu responsável. Como a pesquisa será realizada durante o horário das aulas de Educação Física dele/a, ele/a não terá custos adicionais com alimentação e transporte. Ele/a terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

ANÁLISE: pendência atendida.

3. Descrever que o participante e o seu responsável receberão uma via do TCLE rubricada em todas as páginas pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal com quem o participante e o seu responsável poderão tirar todas as dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

RESPOSTA: Acrescentamos ao parágrafo que já indicava tais aspectos, o endereço da professora-pesquisadora de Educação Física. Desta maneira, o parágrafo ficou da seguinte forma: "Caso você não entenda alguma coisa ou não goste de qualquer situação que estiver participando durante as aulas de Educação Física ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Cristina Gil de Carvalho Baio, pessoalmente no endereço Rua: Jacomo Brunaldi, 300, Bairro: Residencial Village, Itápolis/SP, CEP: 14.900-000 ou pelo e-mail: cristina.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

baio@estudante.ufscar.br ou pelo telefone (16) 99168-7461, ou professor Glauco Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: glauco@ufscar.br ou pelo telefone (16) 3306-6757.”; e acrescentamos o parágrafo: “Você e o estudante receberão uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido rubricado em todas as páginas pela professora-pesquisadora.”
ANÁLISE: pendência atendida.

4. Atualizar as informações do CEP no parágrafo final. Texto sugerido: “Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br”

RESPOSTA: Conforme solicitação, atualizamos/completamos o parágrafo, a saber: “Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do/a menor sob minha responsabilidade na pesquisa e concordo que ele/a participe. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br”.

ANÁLISE: pendência atendida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1854927.pdf	14/01/2022 13:45:31		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE2.pdf	14/01/2022 13:42:10	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	14/01/2022 13:41:52	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado2.pdf	14/01/2022 13:41:33	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	14/01/2022 13:40:56	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto1.pdf	09/11/2021 22:10:06	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	09/11/2021 22:09:03	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Outros	CartaAutorizaEscola.pdf	09/11/2021 22:08:04	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.172

Não

SAO CARLOS, 08 de Março de 2022

Assinado por:
Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **CEP:** 13.565-905
E-mail: cephumanos@ufscar.br